

JANIRA FELICIANO POHLMANN

**ALIANÇAS ENTRE A RETÓRICA E O PODER: UM ESTUDO
SOBRE AS *ORATIONES* DE QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO
(SÉCULO IV)**

CURITIBA

2012

JANIRA FELICIANO POHLMANN

**ALIANÇAS ENTRE A RETÓRICA E O PODER: UM ESTUDO
SOBRE AS *ORATIONES* DE QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO
(SÉCULO IV)**

Linha de pesquisa: Cultura e Poder

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Professor orientador: Dr. Renan Frighetto.

CURITIBA

2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Pohlmann, Janira Feliciano

Alianças entre a retórica e o poder: um estudo sobre as orationes de Quinto Aurélio Símaco Eusébio (século IV) / Janira Feliciano Pohlmann. – Curitiba, 2012. 127 f.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Symmachus, Quintus Aurelius, ca. 340-402. 2. Elites (Ciências sociais). 3. Nobreza. 4. Neoplatonismo. 5. Roma – Ciência política. I. Título.

CDD 937



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Cal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax : 55 (41) 3330-5006.
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Janira Feliciano Pchlmann, intitulada: *Alianças entre a retórica e o poder: um estudo sobre as orationes de Quinto Aurélio Símaco Eusébio (século IV)*, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, quinze de março de dois mil e doze.

Prof. Dr. Renan Frighetto (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP)
1º Examinador

Profa. Dra. Fátima Regina Fernandes Frighetto (UFPR)
2º Examinador

*Um sopro já faz ventania
Valente é quem diz que tem medo
O bom porto não traz calma.*

(Oswaldo Montenegro. **Quem diria.**)

Agradecimentos

Ao querido Professor Dr. Renan Frighetto, meu *Mestre* desde a graduação (sim, Mestre com letra maiúscula, por sua paixão pelo conhecimento e pelo ensino). Um exemplo de profissional e um amigo para questões historiográficas e da vida.

À Professora Dra. Fátima Regina Fernandes, pelas prudentes colocações que me auxiliaram a articular melhor minha maneira de escrever, pelo carinho e pelas divertidas conversas descompromissadas.

À Professora Dra. Marcella Lopes Guimarães, pela sucinta e coesa lista bibliográfica sugerida para aprimorar minha metodologia de trabalho e por participar de meu processo de Qualificação, o que contribuiu para o aperfeiçoamento de minha pesquisa.

À Professora Dra. Margarida Maria de Carvalho, por compor minha Banca de Defesa de Mestrado e colaborar com comentários valiosos para minha pesquisa e incentivar meu trabalho como historiada.

Ao amigo Otávio Luiz Vieira Pinto, pelas intermináveis discussões contextuais e conceituais e por partilhar sonhos e planos de graduandos e mestrands.

Aos membros discentes do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED-UFPR), pela troca de experiências e sugestões de leituras que enriqueceram meu caminho. Especialmente, à amiga Elaine Cristina Senko, sempre muito prestativa.

Aos amigos que me proporcionaram tantas conversas sadias sobre Histórias (no plural, sempre); e àqueles que não fazem a menor idéia do que seja tudo “isso” e, por este motivo, me facultaram outros saberes e prazeres: Elô, Manu e Gi, meu muito obrigada!

À Maria Cristina, nossa zelosa secretária da Pós-graduação.

Aos meus queridos pais e minha irmã, que, mesmo distantes, acompanharam meus esforços.

Dedico uma menção especial ao meu amado marido Ewagner, pela paciência, por entender minhas ausências e por estar sempre muito presente em minha vida, encorajando meus empenhos e promovendo minha calma.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento de minha bolsa de Mestrado junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná que incentivou minhas pesquisas e tornou possível minha participação em eventos diversos.

Resumo

A presente pesquisa apresenta um estudo a respeito da vida e de algumas obras de um relevante personagem do contexto tardo-antigo itálico, o orador neoplatônico Quinto Aurélio Símaco Eusébio. Integrante do senado romano e do círculo de poder imperial, este autor colocou sua pena e seus conhecimentos de retórica a favor da elaboração de documentos que articulavam teorias políticas e valores morais para legitimar as ações e, até mesmo, a necessidade da figura de um governante soberano. Paralelamente à construção deste discurso, o senador buscou garantir a sua família e ao grupo ao qual pertencia a proeminência necessária para participar de uma elite social. Com o intuito de compreendermos as formulações que o levaram a alcançar seus objetivos e a estabelecer uma ampla rede de relações, destacamos duas obras basilares para os exames realizados nesta dissertação: *Primeiro elogio a Valentiniano Augusto, o Maior* (369 d.C.); e *Segundo elogio a Valentiniano Augusto, o Maior* (370). Nestes panegíricos, encontramos vestígios de teorias políticas norteadoras de um período que clamava por constantes reelaborações para que o Império Romano permanecesse eterno, como requeriam as tradições e, obviamente, os grupos dominantes daquela sociedade.

Palavras-chaves: Nobreza; Panegírico; Teoria Política; Neoplatonismo; Quinto Aurélio Símaco Eusébio.

Abstract

This research provides a study about the life and some texts of an important character that lived in the context of Late Antiquity, in Italy, the neoplatonic speaker Quintus Aurelius Symmachus Eusebius. Member of the Senate and the circle of roman imperial power, this author put his pen and his knowledge of rhetoric for the preparation of documents that articulated moral and political theories to justify the actions and even validate the need of the sovereign ruler figure. Parallel to the construction of this speech, the senator assured for his family and his group the prominence needed to participate in a social elite. In order to understand the formulas that led him to achieve their goals and establish a broad network of relationships, we highlight two important Symmachus' texts that they were worked in our Master research: *First Valentinian compliment to Augustus, the Greatest* (369 AD), and *Second compliment Valentinian Augustus, the Greatest* (370). In these panegyrics, we find traces of political theories that guided a period which constantly wanted new elaborations for that the Roman Empire remained eternal, as it was required by tradition and, of course, by the dominant groups in that society.

Keywords: Nobility; Panegyric; Political Theory; Neoplatonism; Quintus Aurelius Symmachus Eusebius.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
Os documentos escritos por Quinto Aurélio Símaco Eusébio.....	14
1. A NOBREZA DOS SÍMACOS.....	21
1.1. Os cargos desempenhados por Quinto Aurélio Símaco Eusébio	24
1.2. De equestre a claríssimo: um caso de ascensão social fortalecida por uma construção familiar	30
1.3. A oratória na Antiguidade Tardia.....	43
1.3.1. Tradição oral e escrita dos Símacos	47
2. A DISPOSIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE SÍMACO	56
2.1. Alguns <i>Discursos</i> de Símaco	58
2.2. A configuração de um <i>Discurso</i>	62
2.3. Discurso: um elemento da Retórica.....	63
2.4. A escrita discursiva de Quinto Aurélio Símaco.....	69
2.5. Vestígios do pensamento historiográfico em Símaco.....	70
3. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE VALENTINIANO I POR QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO	76
3.1. Quinto Aurélio Símaco e as especificidades dos <i>Discursos</i> a Valentiniano	78
3.1.1. Quinto Aurélio Símaco e a promoção das virtudes valentinianas	80
3.2. A pequenez de outros frente a Valentiniano I	89
3.3. Valentiniano I: o defensor eterno do Império Romano	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	119
Documentos	119
Bibliografias	121
ANEXOS	126
As residências de Quinto Aurélio Símaco	126
O Reno e a batalha contra os alamanos	127

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa histórica lança mão do conceito de Antiguidade Tardia por estar integrada a uma historiografia que busca apreciações alternativas ao revisitar antigos documentos com o intuito de destacar continuidades, transformações e reelaborações de um mundo romano que se adaptou aos novos contextos, sem decair ou desaparecer. A abordagem deste período de transição entre Antiguidade Clássica e a Idade Média, sob o ponto de vista da Antiguidade Tardia, permite ao historiador a análise de um momento imerso em uma identidade própria, herdeiro da tradição de greco-latina, porém repleta de peculiaridades, “uma verdadeira ponte entre as épocas clássica e medieval”¹.

Sendo assim, o estudo aqui executado sugere a desconstrução de um cenário de declínio do Império Romano, como referido por Edward Gibbon em sua tese *Declínio e queda do Império Romano*. A pesquisa avalia, sim, conjunturas de “crises” nas esferas política, econômica, social e cultural, bem como a constante pressão externa que ameaçava a *civilitas*. Contudo, considera uma Antiguidade Tardia inserida em sua própria originalidade; um período característico, no qual as constantes transferências culturais permitiram a mescla de uma tradição clássica às novas realidades para construir algo particular.

Neste contexto de transformações, as antigas virtudes herdadas dos gregos aos romanos também passaram por mudanças para se adaptarem à religião que formatava seus dogmas naquele momento, o cristianismo. Entretanto, quer fossem sob o ponto de vista cristão ou daqueles que cultuavam as divindades greco-romanas, as virtudes eram constantemente utilizadas para justificar o poder imperial, contrapondo os “bons” governantes aos vícios daqueles que exerciam erroneamente o *imperium*. Sob este aspecto, Rodríguez Gervás destacou que o estudo das virtudes permite que o pesquisador compreenda, além da concepção de poder imperial, a conjuntura política daquele cenário². Para fundamentar sua tese, este autor analisou os chamados *Panegíricos Latinos* (textos produzidos por retóricos galos e por Plínio, o Jovem) com o intuito de verificar de que maneira as virtudes construía as imagens dos imperadores louvados nestes documentos e como estas figuras positivas se opunham aos maus governantes.

¹ FRIGHETTO, Renan. **Cultura e poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá Editora, 2000, p. 21.

² RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. **Propaganda política y opinión pública en los panegíricos latinos del bajo Imperio**. Salamanca, Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 1991, p. 77.

Estes elementos observados por Rodríguez Gervás, certamente, receberam atenção especial ao longo de nossa pesquisa. Além disso, buscamos entender de que maneira os princípios ressaltados nos documentos selecionados para nossos estudos uniam os romanos para excluir daquela sociedade a barbárie. Seguimos alguns princípios de análises inspirados no trabalho de Rodríguez Gervás, é fato. Porém, atentos ao olhar plural promovido pela História, enfatizamos as especificidades e a variedade de panegíricos produzidos em língua latina ao dedicarmos atenção especial a textos elaborados na Península Itálica, fora do contexto estudado pelo historiador espanhol.

A pesquisa histórica aqui proposta insere-se neste esforço de reconhecer, através do estudo das virtudes, os contornos ideais propagados por um senador neoplatônico, Quinto Aurélio Símaco Eusébio (340–402?³), para a formatação de um “defensor eterno” de Roma. Esta figura eterna era encarnada no imperador Valentiniano I (321–375, aclamado imperador em 364). Todavia, para que seu serviço fosse bem desempenhado, o governante deveria ser amparado por uma máquina burocrática disposta a manter a *aeternitas Romae*. Neste ínterim, chamamos a atenção para os elaboradores e proclamadores das teorias políticas que fundamentavam as práticas imperiais em um quadro contextual de mudanças e adaptações.

Sabemos que o universo romano dos séculos III e IV⁴ foi marcado por constantes usurpações do poder imperial romano. A bibliografia e os documentos históricos pesquisados demonstram-nos que, as diversas conjunturas de “crises” nas esferas política, econômica, social e cultural, bem como a constante pressão externa que ameaçava a *civilitas*, fizeram com que os imperadores se sucedessem continuamente, vítimas de golpes que expunham a fragilidade da própria figura imperial e, conseqüentemente, da pretensa hegemonia romana⁵. Entre 284 e 395 estabeleceu-se no *imperium romanorum* vinte e dois movimentos de “usurpadores”, ou seja, de indivíduos que se contrapuseram aos “legítimos” imperadores⁶.

³ PLRE I, pp. 865 – 870.

⁴ As datas apresentadas nesta pesquisa referem-se à época posterior ao nascimento de Jesus Cristo, por isso, não lançarei mão continuamente da expressão “d.C.”. Quando se fizer necessário destacar algum acontecimento anterior a Cristo, enfatizarei com o enunciado “a.C.”.

⁵ SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco. (orgs.). Diocleciano e Constantino: a construção do *Dominato*. In: **Repensando o Império Romano**: perspectiva sócioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad/ Vitória, ES: DUFES, 2006, p. 201. Em tempo, utilizamos o termo hegemonia (grego: *hegemonía*) a partir de sua significação grega de “supremacia de caráter militar”.

⁶ SILVA, Gilvan Ventura da. Interesses subjacentes e interesses manifestos no contexto das usurpações romanas (284 - 395 d.C). In: **Phoinix**, Rio de Janeiro, nº 2, 1996, p. 91. Disponível em: <http://www.revistaphoenix.kit.net/Phoinix%201996/artigo007_1996.pdf> Acesso em: 15/05/2009.

Aqui, vale um adendo. Como nos lembra Gonzalo Bravo, o termo “crise” ou, como a historiografia costuma chamar, “a crise do século III” remete-nos a uma idéia de uma quebra estrutural do sistema imperial romano em todos os seus níveis⁷. Conforme análises demonstradas nesta pesquisa, observamos que os séculos III e IV foram repletos de reestruturações do sistema imperial, entretanto, descartamos a noção de “fim” deste império. Por isso, preferimos utilizar a expressão “crises” (no plural) com o intuito de atentar para as constantes reorganizações levadas a cabo naquela época. Acreditamos que o termo “crises” deixa de lado as generalizações e incorpora a heterogeneidade das mudanças ocorridas em diversos aspectos da sociedade romana.

Neste conturbado cenário, havia a necessidade constante de validar o poder do governante do *imperium* (“poder de mando”) frente ao usurpador. Com o intuito de conservar sua influência no círculo detentor do poder, a própria nobreza romana elaborava e legitimava a figura imperial. Para tanto, muitos escritores deste quadro colocaram suas penas a serviço da literatura laudatória e, sob a forma de panegíricos, corroboraram o papel do imperador, através da exposição de suas virtudes.

Tomamos como exemplo deste homem público e organizador de algumas teorias políticas do século IV, o senador e orador Quinto Aurélio Símaco Eusébio que viveu entre os anos 340 e 402 de nossa era. As últimas referências às atividades de Símaco são fornecidas por algumas *Cartas* datadas de 402, como observaremos mais atentamente em páginas vindouras desta pesquisa.

A partir do governo de Constantino, com seu avô e seu pai, a família dos Símacos elevou-se social e administrativamente. Assim, advindo de um grupo familiar em ascensão, Símaco provavelmente estudou os autores latinos habituais aos jovens de sua época⁸, o que lhe proporcionou uma vasta formação cultural. Algumas pesquisas contemporâneas debatem a respeito do conhecimento de Símaco sobre a língua e literatura gregas, porém, ainda não encontramos posicionamentos conclusivos⁹.

Representante do pensamento neoplatônico, em uma sociedade que convivía com a proliferação da cultura cristã, Quinto Aurélio Símaco Eusébio soube como desenvolver e

⁷ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Hispania**: la epopeya de los romanos en la Península. 2ª. Ed. Madrid-España: La Esfera de los Libros, S.L., 2007, p. 231.

⁸ VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. **Cartas (Libros I – V)**. Introducciones, traducción y notas: Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2000, p. 8.

⁹ VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. **Cartas (Libros I – V)**..., p. 8.

manter uma ampla rede de relações com centro do poder imperial romano. Desempenhou distintos cargos administrativos e foi tido como líder do senado de Roma em muitas ocasiões, especialmente para atuar como mensageiro desta instituição perante os imperadores.

Defensor da hegemonia do Império Romano sobre os territórios conhecidos, este homem público utilizou sua formação, habilidade retórica e eloquência para celebrar as tradições que resguardariam e, até mesmo, ampliariam os limites da *civilitas* dos romanos. Talvez, por este motivo, ele seja conhecido nos estudos atuais por seu tradicionalismo, manifestado pelo amor pela antiga capital¹⁰. Em nossa pesquisa, até podemos considerar esta denominação “tradicionalista” quando entendemos que a tradição é constantemente reformulada para servir aos propósitos da sociedade que clama por estes valores. Neste ínterim, Símaco era um homem de seu tempo. Buscava resguardar e engrandecer um conjunto de princípios aglutinadores dos romanos. Porém, longe de tentar restaurar as tradições romanas como elas eram nos tempos da *Res Publica*, o senador edificava teorias políticas e sociais que serviam de respaldo para seu contexto imperial.

Muitas de suas elaborações sobreviveram até nossos dias através dos documentos que este homem público se propôs a escrever. Obras, estas, de caráter um pouco mais “íntimo”¹¹, como suas *Cartas* e outras voltadas para as atividades que exercia no universo político-administrativo, seus *Informes* e *Discursos*.

Além dos *Discursos I e II*, os quais são nossos principais documentos de análise, outros escritos de Símaco também foram contemplados nessa pesquisa com o intuito de ampliar nossos conhecimentos a respeito do autor. Entre estes documentos destacamos seus três primeiros *Informes* – carregados de características laudatórias –, e algumas das *Cartas* de Símaco ao seu pai e seus filhos, as quais trazem informações pertinentes a formação deste magistrado.

A edição selecionada das *Cartas* e dos *Informes* faz parte da coleção da Editora Gredos¹² e foi traduzida pelo espanhol José Antonio Valdés Gallego, sendo estas a primeira edição crítica destes documentos para o espanhol. Vale citar que, além das

¹⁰ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)*..., p.13.

¹¹ Ao utilizarmos o termo *íntimo* para tratar das *Cartas* de Símaco, pretendemos frisar uma rede de relações de amizade e, obviamente, de interesses que estas correspondências alimentavam. Neste momento, todavia, seria incabível falar de um caráter privado ou particular de tais epístolas, pois elas estavam carregadas de assuntos de interesse público e mantinham em sua escrita regras próprias do gênero epistolar.

¹² Os *Informes* e os *Discursos* de Símaco partilham uma mesma edição, separada das *Cartas*.

versões mencionadas, o estudo de todos os documentos de Quinto Aurélio Símaco foi realizado paralelamente com os textos latinos¹³, dispostos no sítio *Monumenta Germaniae Historica*¹⁴.

Quanto à preservação e transmissão das *Cartas* de Símaco, estes documentos se apresentavam de forma desorganizada e devemos a Otto Seeck a disposição utilizada em nossa pesquisa. Este editor considerou que as *Cartas* integrantes dos livros I ao VII fossem procedentes de arquivos de distintos amigos de Símaco. Já as *Cartas* dos livros VIII ao X, teriam sido publicadas por Memio Símaco tal como encontradas no escritório de seu pai. Porém, existem outras hipóteses sobre a difusão destes escritos apresentadas por Valdés Gallego¹⁵.

Durante a Idade Média, o epistolário de Símaco foi demasiadamente apreciado devido a sua redação. Entretanto, o período tardo-antigo assistiu ao autor em sua plena atividade oratória¹⁶. Seu exercício como prefeito da Urbe (384 – 385) também foi detalhadamente relatado em seus *Informes*. A respeito da propagação dos *Informes* de Símaco também encontramos controvérsias. Para Seeck, os documentos dirigidos aos imperadores foram editados pelo próprio autor e, após sua morte, todos os *Informes* foram reunidos por Memio, juntamente com o livro X das *Cartas*¹⁷. Callu defende que todos os *Informes* configuraram um único volume, editado separadamente¹⁸.

Como quer que seja, pelas mãos da Fortuna, herdamos uma documentação de natureza variada deste homem tardo-antigo que durante a vida adulta coexistiu com três imperadores romanos no Oriente: Valente, Teodósio e Arcádio. Enquanto no Ocidente, estes governantes foram quatro: Valentiniano I, Graciano, Valentiniano II e Honório, além dos usurpadores Magno Máximo e Eugênio. Todavia, apesar da variedade de seus escritos, Símaco é um autor pouco estudado. Acerca do contexto de fortalecimento do cristianismo, que permeou o século IV, muitas análises foram desenvolvidas em torno das figuras

¹³ *Cartas*: Q. Aurelli Symmachi V.C. *Consulis ordinarii epistulae*

Informes: Q. Aurelli Symmachi V.C. *praefecti urbis relationes*

Disponíveis em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794>

¹⁴ *Monumenta Germaniae Historica*. Disponível em: <www.dmgh.de>

¹⁵ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción General. In: SÍMACO. *Cartas* (Libros I – V)..., pp. 22 – 26.

¹⁶ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. In: SÍMACO SÍMACO EUSÉBIO, Q. A. *Informes - Discursos*. Introducciones, traducción y notas: Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003, p. 153.

¹⁷ SEECK, Otto. *De Symmachi Relationibus*, pp. XVI – XVII. Disponível em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 20/04/2008.

¹⁸ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción General. In: SÍMACO. *Cartas* (Libros I – V)..., p. 27.

representantes desta religião que se expandia e se convertia em um dos pilares do poder dos romanos.

Pesquisas sobre os “Padres da Igreja” e a respeito dos imperadores que empregavam esforços para defender o cristianismo e *suas* virtudes cristãs, sejam qual fossem os respectivos interesses, proliferaram na historiografia referente à Antiguidade Tardia. Deste modo, muitos escritores não-cristãos daquele momento, bem como o apoio que prestavam a construção e a manutenção da ideologia do poder imperial, ficaram obscurecidos. Conforme salientou Valdés Gallego, Símaco não foi um autor muito lido nem traduzido e, dentre algumas razões para isto, destaca-se sua defesa a antiga religião romana frente ao triunfo do cristianismo. As pesquisas relativas a esta centúria demonstram a necessidade sadia que os pesquisadores tiveram de conhecer estes novos personagens que se destacavam por pensamentos e discursos vinculados ao cristianismo, como Ambrósio de Milão e o imperador Teodósio¹⁹.

Neste ínterim, interessou-nos conhecer este período da história dos romanos, pelo viés de um senador neoplatônico e pelos documentos que, sob o nosso ponto de vista, melhor representam as aptidões de escrita de Símaco: seus *Discursos*. Dentre os oito discursos da autoria de Quinto Aurélio Símaco, nossas pesquisas se restringem a dois deles (*Discursos I e II*), ambos dedicados ao imperador cristão niceno Valentiniano I, em especial, a suas habilidades militares.

Os documentos escritos por Quinto Aurélio Símaco Eusébio

Nas versões utilizadas em nosso trabalho²⁰, contamos com pouco mais de novecentas *Cartas* de Símaco, organizadas em 10 livros agrupadas por destinatários. No último livro, encontramos somente dois documentos. O primeiro, datado de 375, foi encaminhado a Flávio Teodósio – ou Teodósio, o Maior²¹ –, pai do imperador Teodósio. Já

¹⁹ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción General. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)*..., pp. 29 – 30.

²⁰ Todos os documentos de Quinto Aurélio Símaco Eusébio utilizados para esta pesquisa foram analisados a partir da versão espanhola de Valdés Gallego e da latina de Otto Seeck. Para os estudos dos *Discursos I e II*, também lançamos mão de uma tradução para a língua portuguesa empreendida por nós.

²¹ Flávio Teodósio fora conde de guerra (*comes rei militares*) de 368 a 369 e sucedeu Joviano como chefe de cavalaria (*magister equitum*) de 369 a 375. Ajudou Valentiniano I nas campanhas contra os alamanos. Em 373, foi mandado a África para lutar contra os revoltosos que se uniram a Firmo. (PLRE I, pp. 902 – 903.) O

a *Carta 2*, do ano de 376, fora enviada a Graciano, então imperador na parte ocidental do Império. As epístolas possuíam caráter mais *particular* do que os outros documentos deixados por Símaco, uma vez que tais textos dispensavam a necessidade de leituras para grandes públicos. Todavia, como já salientado em na *nota 11* deste trabalho, excluímos a idéia de uma “correspondência particular” aos moldes das que mantemos na contemporaneidade. Isso porque as epístolas do século IV mantinham padrões próprios do gênero epistolar e uma linguagem impregnada pela retórica. Acrescentemos ainda o fato de que os assuntos públicos estavam sempre em pauta nesta documentação, mesmo entre os mais íntimos amigos e familiares.

Os destinatários das *Cartas* de Quinto Aurélio Símaco faziam parte de um restrito círculo de poder e os comentários, agradecimentos e favores anotados nas epístolas ansiavam pela atenção destes indivíduos. Ao verificarmos os nomes – e funções – de alguns dos destinatários de Símaco, lançamos as primeiras luzes sobre as destacadas relações desenvolvidas por este senador, como o caso de sua troca de correspondências com Décimo Magno Ausonio, preceptor do imperador Graciano e prefeito do pretório das Gálias (377 – 378) e das Gálias, Itália e África (378 – 397)²².

Os *Informes* (*Relationes*, conforme indicação latina de Símaco) eram cartas oficiais emitidas pelos magistrados. Os quarenta e nove *Informes* de Símaco, colocam-nos a par das atividades desenvolvidas por ele na condição de prefeito de Roma, entre 384 e 385. Entre estes ofícios, o *Informe 3* é o mais conhecido pelos estudiosos²³, especialmente devido ao embate retórico que sua emissão proporcionara já na época do autor. Escrito no ano de 384, ao imperador Valentiniano II²⁴, Símaco reclamava a reposição do altar da deusa Vitória na cúria senatorial²⁵. Tal reivindicação ocasionou respostas adversas de importantes pensadores cristãos. Entre estas réplicas destacamos a *Contra Orationem Symmachi*, de Aurélio Prudêncio Clemente e as *Epístolas 17 e 18*, encaminhadas por Ambrósio, bispo de Milão, a Valentiniano II.

escrito de Quinto Aurélio Símaco Eusébio elogiava as atuações do destinatário frente aos exércitos romanos contra os persistentes inimigos.

²² **PLRE I**, pp. 140 – 141.

²³ Entre os estudos acerca do embate entorno da questão do altar da deusa Vitória, verificar: MARSHALL, F. O altar da Vitória em Roma: espaço e sacralidade. In: **Semana de Estudios Romanos**. Instituto de Historia – Vice-rectoría de investigación y estudios avanzados. vol. XII, Valparaíso-Chile: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2004, pp. 185 – 195.

²⁴ Apesar deste *Informe* ter sido encaminhado a Valentiniano II, no decorrer do texto Símaco clamava pelos três imperadores (Valentiniano II, Teodósio e Arcádio): “[...] senhores imperadores nossos.” In: SÍMACO. *Informe 3*, 1.

²⁵ O altar em homenagem a deusa Vitória fora instalado na Cúria Senatorial por ordem de Augusto no ano de 29 a.C.

Por fim, os oito *Discursos* de Símaco que sobreviveram até nossos dias com poucos desfalques foram redigidos entre 369 e aproximadamente 378. Por serem os documentos mais longos lavrados pelo senador, eles nos permitem apreciar com mais atenção a desenvoltura de Símaco com as letras, seu apreço pela tradição e história romana, bem como suas elaborações voltadas à política de seu tempo. Estas obras nos permitem compreender algumas das tantas teorias fundamentadoras do universo político tardo-antigo. Porém, por uma dessas *infelicidades* do processo histórico, os *Discursos* escritos por Símaco após 378 foram perdidos. De alguns deles, restaram apenas fragmentos. Sentenças mínimas copiadas por outros autores em suas obras, como no caso de duas frases remanescentes do *Discurso ao imperador Teodósio* conhecidas por nós pelos *Exemplos de expressões*, de autoria de Aruasiano Mesio²⁶.

Um traço comum, que perpassa a documentação redigida por Símaco, é seu apelo à tradição das virtudes. Estes princípios foram utilizados pelo autor como elemento identitário dos romanos frente aos bárbaros e, também, como valor de diferenciação entre aqueles que comandavam retamente – e os apoiadores deste indivíduo –, em contraposição aos maus governantes, entendidos como usurpadores.

Símaco vinculava as virtudes ao que o Império Romano tinha de mais perfeito e aos bons exemplos a serem seguidos. Desta maneira, propagava uma *pedagogia das virtudes* na qual incluía e disseminava valores na sociedade a qual se integrava e, de certa forma, guiava. Estes princípios, por sua vez, representavam o que era correto e, portanto, digno de ser resguardado, obviamente, sob o ponto de vista de seu grupo e do imperador ao qual prestava apoio.

A fim de se manter atuante no círculo de poder romano e imbuído da missão de legitimar as ações de Valentiniano I, em um momento de frequentes reelaborações como a Antiguidade Tardia, o senador neoplatônico Quinto Aurélio Símaco lançou mão de sua retórica e eloquência para elaborar dois discursos de cunho panegirístico a este governante. Nestes documentos, o autor exaltou as virtudes que transformavam este indivíduo em um cidadão especial. Deste modo, através de suas palavras, Símaco delineava a figura do governante que era a própria imagem do *imperium romanorum*, a qual, para o escritor, estava fundamentada nas antigas virtudes greco-romanas. Entre estes princípios dos antepassados, o zelo pela *humanitas*, como base formadora do verdadeiro homem romano, salta a nossos olhos.

²⁶ Conforme notas de VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. In: SÍMACO. *Informes – Discursos...*, p. 239.

O panegírico desempenhava o papel de fundamentar a comunicação e a propaganda imperial. Por isso, era considerado um instrumento de poder. Não, apenas, uma fonte que retratava uma determinada realidade política e social. Como instrumento de construção e consolidação de um modelo político-ideológico, a literatura panegirística, recorrente entre os autores pagãos, balizava a teoria política do imperador. Neste ínterim, a retórica e a oratória, abrilhantadas pela eloquência, eram imprescindíveis para persuadir os receptores destes discursos. Conforme atestou Silva, a retórica chegou a suplantiar o estudo e a prática filosófica na Antiguidade Tardia²⁷.

Além da identificação dos principais documentos com os quais trabalhamos em nossa pesquisa e de seu contexto de preparação, há outros elementos que necessitam de esclarecimentos prévios para o melhor aproveitamento das informações por nós analisadas.

Iniciamos com o conceito de *paganismo* e, conseqüentemente, explicaremos quem consideramos como *pagãos*. O século IV serviu de palco para o desenvolvimento de um pensamento religioso que cada vez mais ganhava adeptos, especialmente após as ações levadas a cabo por Constantino em seu benefício: o cristianismo. No entanto, observamos que longe de haver um movimento espiritual exclusivo, o Império Romano permitia em seu interior, a existência de diversos pensamentos religiosos. O próprio cristianismo convivia com a heterogeneidade, mesmo com a tentativa de imposição do Credo Niceno²⁸ por parte dos bispos e cristãos católicos.

Do Concílio de Nicéia, de 325, derivaram importantes delimitações acerca da doutrina cristã. Muitos dogmas e princípios definidos nesta ocasião começaram a estruturar a Igreja Católica Romana. Conseqüentemente, os cristãos que desobedeciam às regras ali dispostas passaram a ser entendidos como hereges para os seguidores de tais normas. Logo, observamos a identificação de um grupo cristão-católico, ou seja, partidário do Credo Niceno, a partir da contraposição com aqueles que não pertenciam ao seu grupo. Deste modo, notamos que o elemento da alteridade elaborava discursos unificadores e, simultaneamente, excludentes. Conseguimos perceber que, com o apoio de sujeitos imponentes – alguns imperadores entre eles – e um discurso bem ordenado, o Credo Niceno ganhou notoriedade, entretanto, descartamos a exclusividade e, até mesmo, sua imposição em determinadas ocasiões.

²⁷ SILVA, Gilvan Ventura da. **Reis, santos e feiticeiros: Constantino II e os fundamentos místicos da *basiléia*** (337 – 361). Vitória: EDUFES, 2003, p. 146.

²⁸ O *Credo Niceno* resultou do Concílio de Nicéia realizado no ano de 325 e que contou com a participação de Constantino e mais de 300 bispos de diferentes províncias do Império.

Neste mesmo cenário de busca por identidades, notamos que os cristãos, de maneira geral, uniam-se sob a alcunha da cristandade quando o tema em questão eram os indivíduos que se mantinham fiéis a outros deuses diferentes do proclamado pela fé cristã. Neste ínterim, o termo *pagãos* (*pagani*) passou a designar as pessoas que não compartilhavam a fé no Deus cristão. Até então, o vocábulo *pagani* era utilizado na língua latina para designar a parcela da população que vivia longe das cidades, os habitantes do campo (*pagus*). Portanto, para aquele contexto, o termo *pagãos* estava envolto por uma carga pejorativa, atrelada a ingenuidade, a falta de habilidades perante universo citadino, a crença em falsos deuses.

Novamente, a alteridade desenhava os limites da cristandade ao mesmo tempo em que afastava aqueles descrentes em seu Deus cristão. Obviamente, este discurso *universalista* que proclamava uma cristandade unida e distinta do paganismo omitia as diversidades existentes entre os não-cristãos, considerados todos como pagãos.

Sabemos que no século IV os movimentos de tendência monoteísta ganhavam cada vez mais espaço nos territórios romanos, mesmo assim, as diferenças entre eles eram notórias. Enquanto alguns homens destacados naquela sociedade, como Constâncio, pai do imperador Constantino, manteve-se fiel ao *Sol Invictus*, outros indivíduos, como o imperador Juliano, tentava revitalizar o culto a *Mitra*.

Neste ambiente plural do *paganismo*, o pensamento neoplatônico, concorria *pari passu* com as tendências cristãs²⁹. É certo que, muitas vezes, ambas as disposições convergiam e as interpenetrações exigiam reelaborações para que tais culturas fossem socialmente aceitas. De acordo com os princípios neoplatônicos, as divindades estavam hierarquizadas e sujeitas a uma autoridade única, um ser máximo. Inversamente a fé em uma entidade única, o neoplatonismo pregava a crença na soberania absoluta de um ente. E é como um dos defensores deste ponto de vista, que distinguimos Quinto Aurélio Símaco Eusébio do grupo dos pagãos³⁰.

Além de um breve esclarecimento a respeito de nossa compreensão sobre o paganismo, também se faz necessário elucidar o que entendemos por Império Romano. Nossas análises são pautadas em um Império Romano formado ao longo de séculos de

²⁹ GIGON, Olof. La cultura antigua y el cristianismo. Tradução para o idioma espanhol de Manuel Carrión Gútiéz. Madrid: Editorial Gredos, 1970, p. 17.

³⁰ Provas que corroboram este nosso argumento podem ser encontradas ao longo desta pesquisa.

conquistas militares e centralização política, “primeiro da cidade de Roma sobre a Itália, depois da própria península sobre as demais regiões que margeiam o Mediterrâneo”³¹.

No interior deste grande Império, encontrávamos diversas heterogeneidades, cada vez mais particularizadas pelas pesquisas históricas atuais. Estudos que nos aproximam daqueles homens do passado ao analisar determinadas individualidades e enriquecer nosso conhecimento a respeito dos distintos grupos que formavam “a sociedade romana”. Mais exatamente, as sociedades singulares que compartilhavam princípios de romanidade e formavam o Império. Portanto, zelamos pela concepção de um Império Romano composto por cidades e construções sociais, políticas e culturais diferenciadas, mas todas voltadas para elementos de romanidade que delimitavam “os romanos” e “seu Império”. Vale ressaltar que temos consciência de que estes “elementos de romanidade” contavam com traços de grupos variados que já integravam a sociedade e, até mesmo, a máquina burocrática romana do contexto estudado. Sendo assim, não defendemos “princípios puramente romanos”. Sem sombra de dúvida, compartilhamos as idéias de “interação cultural” propagadas por Arnaldo Momigliano³².

Em observância a todas as considerações expostas até este ponto, nossa pesquisa tem como hipótese a identificação de uma *pedagogia das virtudes*, elaborada por Quinto Aurélio Símaco Eusébio em seus *Discursos I e II*, a Valentiniano I. Um conjunto de valores que, ao mesmo tempo em que identificava os romanos, aproximava o autor dos documentos da figura imperial exaltada nas palavras do orador.

Com o intuito de confirmar nossa hipótese, cumprimos um roteiro de argumentos e análises promovido ao longo de cada capítulo dessa pesquisa. No capítulo intitulado *A nobreza dos Símacos*, traçamos a carreira política e administrativa de Quinto Aurélio Símaco Eusébio e verificamos alguns motivos que levaram sua família a ascender da ordem dos equestres a dos claríssimos. Além disso, observamos como Símaco edificou e fortaleceu a importância de seu grupo frente à sociedade em que vivia.

No capítulo seguinte, *A disposição dos documentos de Símaco*, apresentamos de forma detalhada os textos selecionados para nosso trabalho. A saber: *Discurso I* e *Discurso II* de autoria de Símaco em louvor a Valentiniano I. Nosso objetivo é esclarecer elementos

³¹ GUARINELLO, Norberto L. Introdução. In: **Repensando o Império Romano...**, p. 14.

³² MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa. Tradução para o português: Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1991.

próprios da literatura panegirística e seu papel na legitimação de teorias políticas e valores sociais organizados por grupos dominantes.

Em *A construção de uma imagem de Valentiniano I por Quinto Aurélio Símaco*, focamos nossos argumentos e interpretações nos subsídios selecionados por Símaco para organizar seus documentos e fundamentar as ações do imperador. Também ressaltamos as relações desenvolvidas entre o autor e a figura elogiada, uma vez que aquele proporcionava cores e voz às obras do governante.

Por fim, no capítulo sobre as *Considerações finais*, oferecemos algumas conclusões acerca das elaborações políticas levadas a cabo por Símaco em seus *Discursos*. Palavras estas que, acima de tudo, buscavam corroborar os valores de seu grupo e a figura imperial como elementos mantenedores da sociedade dos romanos.

1. A NOBREZA DOS SÍMACOS

Imbuída da idéia de apreciar o período tardo-antigo imerso em suas próprias particularidades, começamos nossa análise pela elaboração do conceito de *nobreza* nas relações sócio-políticas da IV centúria no ambiente político romano. Os especialistas da Antiguidade Tardia utilizam a noção de *nobreza senatorial* com diferente sentido de *ordem senatorial*³³. Temos claro que isto não ocorre para o deleite do pesquisador. A seleção do emprego de tais termos com distintas significações é observada nos documentos da época. Ao definirmos apropriadamente estes conceitos compreendemos o papel de Quinto Aurélio Símaco Eusébio no círculo ao qual se integrava, como um membro da ordem senatorial, mas também, da nobreza senatorial.

Mesmo antes da sociedade latina se estabelecer em cidades (*urbes*), ela já possuía configuração gentilícia, ou seja, organizada em *gentes*, termo no plural da palavra *gens*, entendida como famílias unidas por laços comuns referentes a sangue, culto, casa, defesa e interesses³⁴. Para nossa pesquisa, interessa-nos a conformação destes grupos (*gentes*) em torno de seus cultos, relacionado às divindades. Este antepassado mítico, entre outros elementos, garantia os vínculos familiares de cada *gens*, bem como os benefícios provenientes da força coercitiva empregado por ele a outros. Devido a sua composição e antiguidade, estes grupos eram os portadores das tradições, dos costumes dos antepassados (*mos maiorum*). Por isso, formaram a aristocracia romana (*optima*) quando do momento da fundação das cidades e, conseqüentemente, constituíram a ordem senatorial romana. Em seu contexto original nos tempos da *Res publica*, o senado era uma assembléia de notáveis membros desta aristocracia, ou seja, uma instituição exclusivamente administrada por diferentes grupos familiares.

Em conformidade com as afirmações de Castañeda Bravo, estes indivíduos eram chamados de *patres* ou *patres-senatores*. Eles controlavam a vida política romana e, especialmente, o acesso as magistraturas. Deste modo, este patriciado se converteu em um

³³ BADEL, Christophe. **La noblesse de l'Empire Romain: les masques et la vertu**. Paris: Champ Vallon, Diffusion Presses Universitaires de France, 2005, p. 8.

³⁴ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica**. 1ª. ed., 4ª reimpressão. Madrid-España: Alianza Editorial, S.A., 2005, p. 372; Verbetes *gens, gentis* e *gentes, ium*. In: **Dicionários Acadêmicos: latim-português/português-latim**. Porto – Portugal: Porto Editora, 2006, p. 204. (Edição de bolso)

grupo privilegiado que resguardava seus princípios e benefícios por meio de uma *nobreza hereditária*.³⁵

Dentro de uma hierarquia social do período clássico, a ordem senatorial representava o auge da sociedade. Seus membros, aristocratas (*optimates*), formavam uma elite com privilégio políticos e eram detentores de grandes propriedades rurais. Todavia, notamos que mesmo esta ordem obedecia a uma categorização interna, conforme a seguinte subdivisão: *illustris* (grupo de maior importância), *spectabilis* (categoria mediana) e *clarissimus* (grupo de menor importância).

Os *homens ilustres* (*viri illustri*) compunham a camada mais elevada da ordem senatorial, devido a sua grande riqueza patrimonial fundiária. Além desta especificidade econômica, o passado familiar e o cargo administrativo também contavam pontos a favor dos integrantes do senado³⁶. A avaliação destes elementos alocava os membros desta ordem de acordo com a hierarquia já apontada (*illustris*, *spectabilis* e *clarissimus*).

Abaixo dos senadores, a ordem equestre se destacava por sua riqueza e serviços militares prestados ao governante. Todavia, evitemos pensar em uma sociedade estática. Afinal, por menor que fosse a mobilidade social registrada na época, ela certamente existia, como observamos ao longo de todo o processo histórico. Esta é uma das hipóteses trabalhadas nas páginas procedentes desta pesquisa, a partir de um estudo de caso específico referente ao senador Quinto Aurélio Símaco Eusébio, imerso em uma realidade tardo-antiga da Península Itálica.

Frente às constantes transformações características da Antiguidade Tardia, a ordem senatorial também necessitou reelaborar alguns de seus princípios e receber em seu meio personagens que surgiam naquela nova sociedade que se configurava. O senado, antes refúgio exclusivo da aristocracia, acolheu como membros diversos homens novos (*homines nova*) que passaram a integrar o quadro político-administrativo romano. Por outro lado, os documentos desta época nos permitem observar a manutenção da disposição interna clássica em *illustris*, *spectabilis* e *clarissimus* no universo senatorial. Implicação que nos remete a uma das dificuldades do estudo da História ressaltada por Marc Bloch: “[...] para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito, a cada vez que mudam de

³⁵ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo...**, p. 383.

³⁶ FRIGHETTO, Renan. **Cultura e poder...**, p.68.

costumes, de mudar de vocabulário.”³⁷ Sendo assim, a história dos homens é mesmo um *continuum* no qual os homens reelaboram as estruturas fundamentais da sociedade para permanecerem integrados a esta associação, sem disseminar rupturas dramáticas e mudanças repentinas.

Além do senado, estes *homens novos* ocuparam cargos criados durante o processo de reformulação das esferas política, administrativa e militar iniciada por Diocleciano e perpetrada por seus sucessores. A partir deste cenário, temos a transladação de um governo gentilício para um governo dos cidadãos³⁸.

A sociedade tardo-antiga propiciou o nascimento e fortalecimento de um novo grupo que ajudava a sustentar e preservar o poder dos romanos. *Homens novos* que clamavam por um lugar no topo da hierarquia social, mas, por não serem aristocratas sustentados por um distinto passado mítico-familiar e, muitas vezes, nem ricos em propriedades, apropriaram-se e edificaram princípios para uma nobreza legitimada por seus serviços. Um grupo que não gozava de antepassados míticos, nem era portador de tradições da época da fundação de Roma desde o berço. Por isso, precisou criar sua própria herança baseada no que tinha de mais forte e conhecido, suas tradições familiares baseadas nas virtudes e nos seus préstimos ao *imperium*.

Reparemos que aqui nos aproximamos do conceito de linhagem que, tão inerente ao período medieval, começou a formatar suas bases na Antiguidade Tardia. Compreendemos que toda linhagem demandava uma convincente elaboração acerca da família e das tradições que ela resguardava. Segundo Frighetto, “tais grupos aristocráticos/nobiliárquicos, amparados numa tradição ancestral e, de forma destacada, nos vínculos familiares e de fidelidade política mútua, formavam aquilo que definimos como linhagem”³⁹.

Para responder às demandas de construção de um discurso fundamentado nos costumes familiares, escritores deste contexto assinalaram diferentes patrimônios culturais

³⁷ BLOCH, Marc L. B. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Prefácio Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 59.

³⁸ Tomamos emprestadas noções do texto de Hidalgo de la Vega para lançar esta questão. Em seu trabalho, a autora analisa a transformação do “principado gentilício” em um “principado *civilis*” por ocasião da adoção (*adoptio*) de Trajano por Nero. Neste ínterim, o *princeps* deixou de ser eleito e nomeado por membros senatoriais e passou a ser escolhido pelo próprio *princeps* em exercício. In: HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995, p. 73.

³⁹ FRIGHETTO, Renan. Considerações sobre o conceito de *gens* e a sua relação com a idéia de *identidade nobiliárquica* no pensamento de Isidoro de Sevilha (século VII). In: **Revista Imago Temporis**, 5. Lerida: Universidad de Lerida, 2012 (inédito).

vinculados à sua família. No caso de Quinto Aurélio Símaco, dois são realçados: a digna formação passada de pai para filho e os serviços prestados em prol do poder dos romanos. Portanto, é lúcido compreendermos a formação e a trajetória social e política do autor dos documentos utilizados para esta pesquisa. Neste ínterim, percebemos as mensagens e as condições de existência de tais textos, elementos indissociáveis da vida deste senador.

1.1. Os cargos desempenhados por Quinto Aurélio Símaco Eusébio

Ao considerarmos o caso de Símaco como um dos exemplos de *mobilidade social* ocorrido durante a Antiguidade Tardia, acreditamos na necessidade de elucidar o papel deste personagem como homem público e ascendente naquele contexto político-administrativo e social. Para tanto, nosso primeiro passo para este fim é a verificação dos cargos exercidos por ele no universo de poder imperial romano.

Membro do senado, orador eloquente e escritor, Quinto Aurélio Símaco iniciou sua carreira administrativa com o governo de Lucania e Brucio, em 364 – 365. Entretanto, até aquele momento já havia desempenhado atividades senatoriais como questor, pretor e pontífice maior⁴⁰. Pelo acaso que destruiu e salvou vestígios do passado, o *Corpus Inscriptionum Latinorum* nos preservou uma inscrição que Fabio Memio Símaco dedicou a seu pai e que lança luzes a respeito do *cursus honorum* deste personagem: “a seu ótimo pai Quinto Aurélio Símaco, questor, pretor, pontífice maior, governador de Lucania e Brucio, conde de terceira classe, procônsul de África, prefeito da Urbe, cônsul ordinário e orador eloquentíssimo.”⁴¹

Inicialmente, apontamos alguns obstáculos encontrados ao procurarmos esclarecer por completo todas as tarefas relativas às funções destacadas, especialmente no período da Antiguidade Tardia. Dificuldades oriundas da escassez de pesquisas relacionadas a este assunto e devido a algumas distorções causadas pela historiografia tradicional.⁴²

A fim de compreender a ascensão de Símaco, bem como uma das carreiras de honra (*cursus honorum*) da Antiguidade Tardia, iniciamos nossos estudos pelas primeiras

⁴⁰ PLRE I, pp. 865 – 6.

⁴¹ CIL, VI, 1699 (Inscrição encontrada em Roma, no monte Gaelio). Apud. SEECK, Otto. *De Symmachi vita*. pp. XLVI – XLVII; CCX. Disponível em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 20/04/2008.

⁴² BELTRAN RIZO, Enric; JIMÉNEZ SÁNCHEZ, Juan Antonio. La *editio quaestoria* en el Bajo Imperio: el ejemplo de Quinto Memio Símaco. In: *Gerión*, vol. 23, n. 1, 2005, pp. 287 – 8.

atividades senatoriais desenvolvidas por este indivíduo. Antes de 365, Símaco fora questor e pretor.

Dentre as obrigações do questor, destacamos sua assistência aos governadores de províncias com relação aos assuntos financeiros⁴³. Este magistrado também organizava e por vezes financiava os espetáculos que acompanhavam a posse de determinadas magistraturas de origem republicana: a própria questoria, a pretoria e o consulado. Durante a antiguidade, esta atribuição fazia parte do rol de encargos do pretor, mas sob Claudio (tio de Calígula e imperador de 41 a 54), ela mudou de mãos. No século IV, a questoria era considerada por muitos como uma prerrogativa onerosa e pouco atrativa, mas um dos degraus a ser superado por aqueles que desejavam progredir em sua carreira pública. Somente após desempenhar este encargo, o jovem tornar-se-ia pretor.⁴⁴

Do pretor se demandava a administração da justiça em determinadas províncias, combinada com mandos legionários, governos de províncias, gerenciamento das finanças públicas e tarefas civis como o cuidado das calçadas das cidades. Hierarquicamente, este senador estava subordinado ao cônsul e, após o indivíduo ter se dedicado três ou até cinco vezes a esta função, ele alcançava o consulado.⁴⁵

Desconhecemos o número de vezes em que esta responsabilidade foi assumida por Quinto Aurélio Símaco. Certo é que, por volta de 365, ele se dedicara ao ofício de pontífice maior⁴⁶. Entre os afazeres do pontífice, destacamos a garantia da paz entre homens e deuses (*pax deorum*)⁴⁷, ou seja, estes senadores organizavam os ritos religiosos promotores da mediação entre os homens e os deuses. Até este momento, a tradição grega de uma cultura religiosa voltada à cidade estava presente no universo tardo-antigo romano. No intento de promover vínculos entre os participantes destas religiões citadinas, as cidades e os deuses protetores deste ambiente, os pontífices organizavam cerimônias que materializavam tais relações. Necessidade proeminente em uma sociedade extremamente ritualística na qual os olhos eram as testemunhas mais fiéis, conforme abordaremos em algumas páginas desta pesquisa.

⁴³ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Hispania...**, p. 124.

⁴⁴ BELTRAN RIZO, Enric; JIMÉNEZ SÁNCHEZ, Juan Antonio. *op. cit.*, pp. 288 – 296.

⁴⁵ NAVARRO, Francisco Javier. El proconsulado de la Bética en el *cursus honorum* senatorial. In: **Gerión**, vol. 22, n. 1, 2004, pp. 387 – 8.

⁴⁶ **PLRE I**, p. 866.

⁴⁷ MENDES, Norma Musco. O sistema político do Principado. In: **Repensando o Império Romano...**, pp. 26 – 27.

Entre os anos de 364 e 365, Símaco fora governador de Lucania e Brucio e, concomitantemente, acompanhou Valentiniano I nos territórios da Gália durante as campanhas contra os alamanos entre 365⁴⁸ e 368. Adiante, deteremos nossas análises na presença de Símaco junto a Valentiniano I nos campos de batalha. Por ora, focamos em seu papel como governador de Lucania e Brucio (*correctorem Lucaniae et Brittiorum*). No ocidente existiam três *correctores*: um na diocese da Panonia, na província de Savensis; dois na diocese de Itália, em Apulia e Calabria; e outro em Lucania e Brucio⁴⁹.

As dioceses eram administradas por vigários (*vicarii*, também denominados nos documentos de *agentes vices praefectorum praetorio*) e funcionários diretamente sob seu controle. A partir da era constantiniana, algumas dioceses passaram a ter seus vigários substituídos por condes (*comites*), sobretudo quando perduravam problemas militares. Os vigários ou os condes, conforme o caso, formavam uma instância intermediária entre os governadores provinciais e os prefeitos do pretório⁵⁰.

Quanto à região governada por Símaco, sob seu comando encontramos Lucania (atual Basilicata) e Brucio (hoje Calábria), regiões da Campânia, localizadas ao sul da Península Itálica. Ao norte de Brucio, local onde Símaco possuía uma propriedade, estava a Lucania; províncias, estas, separadas entre si pelo rio Laus. Segundo Castañeda Bravo, dentro de suas respectivas províncias, o governador era o representante do imperador “y a máxima autoridad romana en ellas”⁵¹. Portanto, respondia por assuntos judiciais, financeiros e políticos de forma geral⁵².

Ao término de suas funções como governador de Lucania e Brucio, Símaco recebeu o título de conde de terceira classe (*comes ordinis tertii*) e permaneceu ao lado de Valentiniano I, na Gália, até 370⁵³. Desde Diocleciano, os condes haviam assumido o comando do *comitatus*, um grupo do exército incumbido da escolta do imperador durante suas constantes expedições⁵⁴. Neste ínterim, percebemos que Quinto Aurélio Símaco Eusébio integrava um ambiente convidativo para começar a estreitar seus laços com

⁴⁸ *Imperatoris Theodosii Codex VIII*, 5, 25 (Parágrafo datado de 25 de março de 365). Disponível em: <<http://ancientrome.ru/ius/library/codex/theod/tituli.htm>> Acesso em: 14/06/2011.

⁴⁹ *Notitia Dignitatum partibus occidentis*.

⁵⁰ Em conformidade com afirmações de CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Historia del mundo antiguo...* pp. 511 – 2; e análise da *Notitia Dignitatum partibus occidentis* (Há outros cargos apresentados na *Notitia* entre cada uma das responsabilidades citadas – governador de província, vigário e prefeito de pretório – mas estas correspondem a questões hierárquicas, díspar do funcionamento direto das administrações provinciais.)

⁵¹ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Hispania...*, p. 124.

⁵² *Imperatoris Theodosii Codex I*, 16, 1-2. *De officio rectoris provinciae*.

⁵³ *PLRE I*, pp. 866.

⁵⁴ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Historia del mundo antiguo...*, p. 508.

Valentiniano I, ressaltamos, um imperador cristão niceno. Relação que se concretizou quando o orador emprestou seu talento escrito e sua eloquência para pintar com cores vivas e assinalar na memória de leitores e ouvintes as vitórias imperiais sobre os alamanos.

Após elaborar e proclamar seus dois panegíricos em louvor a Valentiniano I e suas conquistas na região do Reno, o senador foi nomeado procônsul de África, no ano de 373. Somente as províncias da Ásia e da África, de caráter senatorial, eram governadas por procônsules, eleitos entre os senadores do grupo consular⁵⁵. Dentre os ofícios do procônsul, destacamos sua atenção as causas públicas e à disciplina (*disciplinae*). Como exigência, proveniente destes cuidados públicos, cabia a este funcionário levar ao conhecimento dos envolvidos nas questões o parecer dos juízes⁵⁶.

Tendo concluído seu proconsuldo em África, Símaco voltou suas atividades para o cenário senatorial, ambiente que lhe proporcionara performances no universo político romano. Permaneceu praticamente dez anos sem exercer cargos diretamente ligados a administração romana, até ser indicado por Valentiniano II para desempenhar a função de prefeito de Roma de 384 a 385.

A prefeitura da Urbe tinha duração de um ano e o prefeito era nomeado e destituído pelo imperador. Uma magistratura proeminente, inferior apenas a prefeitura do Pretório, o prefeito da Urbe era o governante supremo de Roma (e de Constantinopla – desde 359). Suas origens remontavam a época de Augusto, embora tivesse sido passado por reelaboraões até a nomeação de Símaco. O prefeito da Urbe era a autoridade judicial máxima dentro da cidade, encarregado também pela manutenção da ordem e dos serviços urbanos. No caso do prefeito de Roma, ele ainda era o dirigente do senado e juiz de primeira instancia da cidade e em um raio de aproximadamente 160 km⁵⁷. Fazia parte do rol de cargos *illustres* da administração romana, conforme apresentados pela *Notitia Dignitatum*⁵⁸.

⁵⁵ NAVARRO, Francisco Javier. El proconsulado de la Bética en el *cursus honorum* senatorial. In: **Gerión**, vol. 22, n. 1, 2004, p. 380. As províncias senatoriais eram governadas por senadores *virii clarissimi* eleitos por membros pertencentes ao grupo dos cônsules. As outras províncias foram governadas por *praesides*, geralmente da ordem equestre, escolhidos pelos imperadores. (Para mais informações a respeito das diferenças e semelhanças entre províncias senatoriais e as consideradas imperiais, verificar: CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**... pp. 485 – 6; pp. 507 – 11; CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Hispania**..., pp. 242 – 4.

⁵⁶ **Imperatoris Theodosii Codex I**, 12, 1-2. *De officio proconsulis et legati*.

⁵⁷ VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. Introducción. In: SÍMACO. **Informes – Discursos**..., p. 11.

⁵⁸ A *Notitia Dignitatum* é uma listagem dos cargos administrativos e militares da Antiguidade Tardia. Sua primeira versão não é facilmente datável, mas acredita-se que foi redigida em meados do século IV d. C. ou início do século V e era constantemente atualizada. Existiram duas destas listas: uma referente a *pars occidentalis*, outra a *pars orientalis*.

Os *Informes* de Quinto Aurélio Símaco Eusébio nos transmitiram inúmeras informações a respeito da prefeitura da Urbe, entre elas, a preocupação constante deste magistrado com relação ao abastecimento de grãos, especialmente trigo, para a cidade, afinal, a falta de grãos poderia ocasionar revoltas e prejudicar o ordenamento social⁵⁹. Isto posto, realçamos uma das relevâncias em se estudar os documentos e a carreira pública deste indivíduo que, mesmo adepto do pensamento neoplatônico, foi selecionado por um imperador cristão para exercer tamanha responsabilidade.

Paralelamente a prefeitura de Símaco, o cargo de prefeito do pretório de Itália, África e Ilíria estava sendo desempenhado por Vetio Agorio Pretextato, indivíduo relevante dentro do grupo neoplatônico, amigo de Símaco e admirado por ele⁶⁰. Os territórios em que Pretextato atuava como prefeito do pretório estavam sob o comando de Valentiniano II. As regiões pertinentes a prefeitura das Gálias eram conduzidas por Magno Máximo, o qual servia como *comes* quando aclamado imperador por suas tropas no verão de 383. Até o final do ano que se seguiu, Magno Máximo teve sua liderança igualada a dos outros dois imperadores romanos daquele cenário: Valentiniano II e Teodósio (na parte oriental). Entretanto, sua pretensão exclusivista sobre as terras ocidentais o fez entrar em conflito com os outros dois soberanos⁶¹.

Até aquele momento, no ambiente político-administrativo liderado por Valentiniano II, prevalecia uma política de “convivência” entre distintas religiões. Porém medidas que desaprovavam os cultos públicos pagãos, antes impostas pelo imperador cristão niceno Graciano, foram retomadas por Valentiniano II. O estopim deste episódio pode ter sido a emissão do *Informe 3* de Quinto Aurélio Símaco a Valentiniano II. Fonte de inúmeros trabalhos historiográficos e debates retóricos já em sua época⁶², este documento solicitava ao imperador a reposição do altar da deusa Vitória no prédio senatorial.

⁵⁹ A preocupação com o abastecimento de grãos para a cidade de Roma foi mencionada por Símaco em alguns *Informes* (7, 9, 18, 37).

⁶⁰ Referências sobre a prefeitura do pretório de Vetio Agorio Pretextato e ao prestígio deste indivíduo registradas por Símaco podem ser observadas em seus *Informes* 10; 11; 12; 21; 24. A relação de amizade entre ambos os personagens é notada nas *Cartas* de Símaco: Livro I, 44 – 55 (*Cartas* enviadas a Pretextato); Livro II, 36 (Documento enviado a Virio Nicômaco Flaviano, sogro de Símaco). Estas *Cartas* representam textos enviados pelo orador a seu círculo mais íntimo. Entretanto, como já afirmamos anteriormente, nem por isso, vemos nessas epístolas documentos de cunho particular.

⁶¹ ESCRIBANO, María Victoria. Usurpación y religión en el s. IV d. de C.: paganismo, Cristianismo y legitimación política. In: GONZÁLEZ BLANCO, Antonio; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria. (editores). **Antigüedad y Cristianismo**: monografías históricas sobre la Antigüedad Tardía. Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano. Universidad de Murcia, n. VII, 1990, pp. 257 – 262.

⁶² O pedido de Símaco moveu a escrita de textos por parte de autores cristãos que, como era de se esperar, desaprovavam a solicitação do orador neoplatônico. Dentre estes documentos, destacamos as obras de Aurélio Prudêncio Clemente: *Contra Símaco I e II*.

Além destas controvérsias religiosas, muitos dos privilégios dos *clarissimi* tinham sido extinguidos, como a possibilidade de nomeação destes indivíduos às mais altas magistraturas.⁶³

Situações como estas afastaram diversos nobres e aristocratas romanos da política levada a cabo por Valentiniano II. Rapidamente, estes indivíduos excluídos das benfeitorias valentinianas, estreitaram seus laços com Magno Máximo e lhe prestaram apoio, mesmo quando este passou a ser considerado usurpador por Valentiniano e Teodósio, devido a seus planos de invasão da Itália⁶⁴. Após alguns enfrentamentos, finalmente em 388, Teodósio derrotara Magno Máximo em uma batalha ocorrida em Aquileia, episódio no qual o usurpador foi morto. Fora do jogo político, e perseguido pelos então vencedores daquela campanha, Símaco buscou refúgio em uma igreja para preservar sua vida⁶⁵.

Após ter sido perdoado por Teodósio, o senador alcançou o consulado no ano de 391⁶⁶. Dentre as atribuições consulares no século IV, conforme já mencionado, estava a eleição dos governadores das províncias senatoriais. O *Código de Teodósio* corroborava que os cônsules, prefeitos e mestre militares (*magistris militum*) consistiam a autoridade capaz de produzir os decretos⁶⁷. O consulado foi o último cargo exercido por Símaco, apesar de ter permanecido atuante no cenário político-administrativo romano até o fim de sua vida, conforme observamos ainda neste capítulo de nossa pesquisa.

A nomeação de Quinto Aurélio Símaco para funções por vezes senatoriais e, outras vezes, para responsabilidades pertinentes à administração, permitiu-nos notar que apesar dos indivíduos exercerem tarefas específicas, esta divisão entre universo senatorial e administrativo era mais didática do que prática. Afinal, percebemos uma máquina burocrática tardo-antiga que congregava todos seus funcionários político-administrativos, dentro de uma hierarquia de serviços. Sob esta perspectiva, verificamos que o exercício do poder, em seus mais distintos níveis, durante a Antiguidade Tardia reconfigurou-se ao convidar senadores, equestres e *homens novos* para integrar sua estrutura e atender as

⁶³ ESCRIBANO, María Victoria. *op. cit.*, p. 258.

⁶⁴ Sobre a impopularidade de Valentiniano II entre os importantes indivíduos pagãos e o apoio de muitos deles a Magno Máximo, verificar: ESCRIBANO, María Victoria. *op. cit.*, pp. 247 – 272.

⁶⁵ PLRE I, p. 866.

⁶⁶ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)*..., pp. 11 – 12.

⁶⁷ *Imperatoris Theodosii Codex VI*, 6, 1. *De consulibus, praefectis, magistris militum et patriciis*.

diversas demandas de um Império com territórios espalhados pelo orbe e ameaçados interna e externamente.

1.2. De equestre a claríssimo: um caso de ascensão social fortalecida por uma construção familiar

Conforme já esclarecemos, o orador eloquente, senador e escritor Quinto Aurélio Símaco Eusébio viveu entre 340 e 402 de nossa era. Temos informações de suas últimas atividades político-administrativas através de algumas *Cartas* datadas de 402. Neste ano, participou de uma legação do senado enviada a Mediolano (hoje Milão, ao norte da Itália) para as comemorações do consulado de Estilício⁶⁸. As *Cartas 13 e 14* do livro VII nos comunicavam sobre a chegada de Símaco a Milão. Seu retorno a Roma estava documentado nas *Cartas 94 e 95* do livro V. Outros indícios de sua volta a casa, em Roma, foram relatados na *Carta 13* (livro IV) e *Carta 96* (livro V). Estes últimos documentos ainda nos forneceram notícias a respeito do debilitado estado de saúde em que se encontrava o orador. Após esta embaixada a Milão, não encontramos mais menções sobre os serviços de Símaco, por isso, a historiografia considera 402 como o ano de sua morte.

Os Símacos ascenderam da ordem dos equestres a dos claríssimos, na época do imperador Constantino, devido às reformas agenciadas pelo governante em distintos setores sociais, tais como na área política, administrativa, econômica e militar.

É certo que, desde a época de Marco Aurélio (161 – 180) alguns équites passaram a integrar o senado beneficiados por uma promoção imperial (*adlectio*), devido ao apoio prestado por estes indivíduos às ações do governante⁶⁹. Com Septímio Severo (193 – 211), os equestres ganharam ainda mais notoriedade na sociedade romana, uma vez que o próprio imperador pertencera a esta ordem e fora aclamado por seus legionários, logo após a morte de Cômodo, em uma batalha perto da Ponte de Milvío⁷⁰. As ações de Galieno (253 – 268) colaboraram, ainda mais, para a projeção da ordem equestre, devido às mudanças levadas a cabo por este imperador no âmbito das atividades e da burocracia militares. A profissionalização dos mandos militares incrementada pelas reformas de Galieno excluía

⁶⁸ SÍMACO. *Cartas* VII, 13 – 14.

⁶⁹ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Historia del mundo antiguo...* p. 450.

⁷⁰ AURELIO VICTOR. *Libro de los Césares* 19 – 20.

os senadores da carreira militar e os proibia de servir ao exército⁷¹. Deste modo, os comandantes das armadas romanas passaram a ser indivíduos escolhidos dentro da ordem equestre, selecionados por seus méritos militares.

Outro importante contribuinte para a ascensão do grupo equestre foi Diocleciano, aclamado por suas tropas após a morte do então imperador Caro e seu filho Numeriano⁷². Advindo também do mundo dos *virii militares*, seguiu a política de fortalecimento deste grupo, uma respeitável base de apoio em um contexto de rivalidades políticas, frequentes usurpações de poder⁷³ e ameaças externas, originárias de grupos bárbaros⁷⁴.

Especialmente a partir do século III, as migrações de raízes bárbaras tornaram-se mais constantes. Como consequência destes movimentos, houve aumento nos efetivos do exército e uma nova política de arrecadação para fazer frente a estes gastos defensivos, o que culminou com transformações políticas, administrativas, econômicas, sociais e militares.

Diante deste cenário, foram necessárias diversas adequações, ou reformas – como normalmente a historiografia aponta – para ajustar a sociedade à nova realidade política do Império. Dentre as ações executadas por Diocleciano durante este processo, destacamos a atenção dada ao sistema de defesa, o qual garantia a preservação dos limites romanos. Novas legiões foram criadas e, a partir de então, o exército contava com grupos fixos em regiões fronteiriças, denominados *ripenses*, e um corpo móvel, que frequentemente acompanhava o imperador, o *comitatus*.⁷⁵ Neste ínterim, tanto o número de integrantes do exército sofreu incremento como, naturalmente, a quantidade de cargos de liderança aumentou demasiadamente. Como mencionado, estes comandantes eram escolhidos no interior do próprio grupo, criando uma elite militar proveniente dos équites e dotada de uma tradição diferenciada do grupo senatorial.

No ano de 306, Constantino foi proclamado Augusto pelas tropas de seu pai, Constancio. Após um período de desentendimentos com Licínio, governante da *pars orientalis*, que culminou com a morte deste, Constantino governou sozinho a *pars*

⁷¹ AURELIO VICTOR. *Libro de los Césares* 33, 34 – 35.

⁷² AURELIO VICTOR. *Libro de los Césares* 38; 39.

⁷³ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Historia del mundo antiguo...* p. 495.

⁷⁴ Sem imputar qualquer carga de valor negativo aos grupos tidos como “bárbaros”, saliento a utilização desta expressão em conformidade com documentos analisados nesta pesquisa. Sob o ponto de vista de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, percebemos como bárbaros aqueles que não congregavam os princípios de romanidade propagados pelo autor, ameaçavam os territórios já conquistados pelos romanos e, ainda, aqueles que se opunham as novas conquistas territoriais romanas. Para Símaco, estes eram sinais de barbárie, para nós, de diferenças e especificidades.

⁷⁵ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Historia del mundo antiguo...*, pp. 507 – 508.

occidentalis e a *pars orientalis* do Império de 324 a 337, quando morreu em Nicomédia⁷⁶. No rastro das atuações de Diocleciano, encontramos também uma política promovida por Constantino voltada à defesa dos territórios romanos e à reorganização das forças armadas, com a criação de novos comandos regionais para tornar mais ágeis as operações militares.

De fato, as adequações implementadas por Diocleciano e sustentadas por Constantino e seus sucessores exigiram e desenvolveram uma nova disposição para a sociedade romana. As mudanças no exército e o surgimento de uma elite militar proveniente do grupo dos équites fomentaram a profissionalização deste grupo. Este processo de profissionalização, por sua vez, estendeu-se a outros âmbitos da sociedade, pois era necessária uma administração eficiente para providenciar e gerenciar os recursos financiadores da nova formação do exército. Para tanto, observamos a profissionalização dos indivíduos da burocracia administrativa, a qual exigia que os funcionários, antes senadores que mudavam de cargo constantemente, agora se especializassem em suas funções.

O senado continuava a ter seu papel político junto ao poder imperial, porém o número de funcionários da *máquina burocrática* aumentara e as tarefas destinadas a cada um deles tornaram-se mais específicas. Ainda em tempo, notamos que inúmeras vezes membros do senado assumiram funções referentes a esta burocracia administrativa, como o caso de Quinto Aurélio Símaco que, como senador, assumiu a prefeitura de Roma de 384 a 385. Outras vezes, estes encargos eram ocupados por *homens novos* que ingressavam na vida político-administrativa devido a sua formação e reconhecimento aos ofícios dispensados ao *imperium*, como o caso de Aurélio Victor, quem ocupou destacados postos burocráticos mesmo sendo filho de campesino da província de África⁷⁷. Portanto, alguns membros da ordem senatorial também fizeram parte da nova burocracia imperial, mas nem todos os membros desta burocracia eram senadores ou faziam parte desta elite.

Todo este empenho em busca da especialização dos indivíduos também alcançou o universo religioso. Ao consideramos a suposta conversão de Constantino ao cristianismo, verificamos que este ato visava além das esferas privadas, uma vez que gerou diversas modificações no âmbito político e social. Entre elas, membros da aristocracia tradicional e importantes homens nobres passaram a integrar a hierarquia eclesiástica, que começara a se configurar a partir do Primeiro Concílio de Nicéia, em 325. Situação que proporcionou

⁷⁶ Idem, pp. 498 – 499.

⁷⁷ Conforme afirmação do próprio Aurélio Victor em seu **Libro de los Césares** 20, 5.

um ambiente propício para *homens novos*, como Aurélio Ambrósio – nomeado Bispo de Milão em 374 –, destacarem-se naquela sociedade, lado a lado com poder imperial.

Sabemos que a sociedade nunca fora estática e os aspectos do processo histórico, até aqui cotejados, demonstram-nos uma persistente mobilidade social ocorrida durante a Antiguidade Tardia, o que motivou a reorganização da antiga estrutura social romana, disposta a permanecer eterna e preservar a hegemonia do *imperium*.

Neste contexto de reelaborações sociais, a promoção dos Símacos da ordem dos equestres a dos claríssimos fomentou nesta família a construção de uma tradição genealógica que concretizasse sua nobreza e, concomitantemente, sua superioridade perante os demais grupos da sociedade romana. Vestígios desta empreitada em prol da elaboração de uma linhagem podem ser observados nas cartas escritas por Quinto Aurélio Símaco Eusébio e destinadas a membros de sua família: seu pai, Aviano Símaco; seu filho, Memio Símaco; aos Nicômacos (filha de Símaco e seu genro Nicômaco Flaviano filho).

De acordo com Christophe Badel, os documentos latinos apresentavam vários termos similares para tratar desta nobreza (*nobilitas*), tais como célebre (*clarus*), considerável (*amplus*), ilustre (*illustris*), entre outros⁷⁸. No caso de Quinto Aurélio Símaco, o autor lançou mão continuamente – mas não exclusivamente – do vocábulo *ilustre* em suas epístolas⁷⁹.

Observamos que, durante a Antiguidade Tardia, cada família nobre detinha um patrimônio cultural vinculado a determinadas virtudes greco-romanas. De acordo com nossa hipótese, através de uma *pedagogia das virtudes*, levada a cabo com exemplos e imagens, os mesmos princípios encarnavam de geração em geração, embora fossem reelaborados para se adaptarem ao próprio cenário. Deste modo, conforme apontado no início deste capítulo, edificava-se um dos elementos balizadores da nobreza tardo-antiga: um passado familiar amparado nas virtudes.

Os encargos de pedagogo das virtudes e conselheiro de seus filhos foram verificados em muitas epístolas de Símaco. Em destaque, um trecho de uma *Carta* encaminhada aos Nicômacos:

⁷⁸ BADEL, Christophe. *op. cit.*, p. 9.

⁷⁹ Para mais informações a respeito da utilização do termo na documentação deste autor, verificar: POHLMANN, Janira F. O *uir illustre* nos escritos de Quintus Aurelius Symmachus Eusebius. In: SILVA, A. C. L. F. da; SILVA, L. R. da (org.). Atas da VII Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Evento realizado de 28 a 30 de novembro de 2007. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp. 76 – 82.

[...] se conversas mais recentes me trouxerem alguma notícia digna de ser ouvida e que esteja sustentada na verdade, não me absterei de desempenhar meu papel de informante e de conselheiro. Recebes unicamente esta advertência de meu entendimento antes que a situação se torne embaraçosa: por nenhum motivo podes descartar a uma convocatória.⁸⁰

Neste caso, o remetente sugeria que seu genro não recusasse ao chamado de comparecer a cerimônia de posse de Malio Teodoro como cônsul, em 399. Este convite simbolizava a reabilitação de Nicômaco Flaviano filho perante o poderio romano após o apoio prestado ao usurpador Eugênio no ano de 394⁸¹. Portanto, a ausência do convidado ao evento poderia representar a não aceitação deste poder por parte de Flaviano e, consequentemente, uma mancha na imagem dos Símacos. O encargo de conselheiro era evidente, assim como a preocupação do autor com a condição da família perante as questões públicas.

Em outra *Carta*, encaminhada a Memio entre 399 e 402, o autor asseverou seu papel de preceptor e sua inquietação com o desenvolvimento da arte da escrita:

Alegra-me que tuas cartas reluzam por tuas astúcias e pensamentos; sem dúvida se percebe com isto seu ardor juvenil falar com fogosidade. Porém, quero que te sirvas de munições discursivas em outros assuntos e que, ao contrário, mescles neste tipo de escrito algo maduro e cômico.⁸²

A passagem demonstrava um pai atento à formação e ao desenvolvimento de seu filho. Observamos que, nesta ocasião, Memio já fazia parte do ambiente político-administrativo do Império, mas seu pai ainda o aconselhava e ensinava. Em breves sentenças, Símaco reforçava as lições que levariam seu filho a se expressar de forma clara e interessante em face de seus leitores. Assim como aprendera com seu pai, Aviano, neste momento Símaco repassava a Memio seus ensinamentos e cobrava do filho atenção à escrita. Conselhos referentes à boa formação do homem romano, conforme os preceitos do escritor. Podemos afirmar que esta ansiedade a respeito da constituição do homem fazia parte do patrimônio das virtudes resguardado por esta família. Tal grupo identificava-se pela preservação e enaltecimento dos valores que emolduravam e materializavam o indivíduo bem preparado para exercer seu papel na sociedade romana. Um desempenho,

⁸⁰ SÍMACO. *Cartas* VI, 35, 1.

⁸¹ De acordo com notas de VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros VI – X)*. Traducción y notas: José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003, p. 36.

⁸² SÍMACO. *Cartas* VII, 9.

acima de tudo, vinculado ao meio político e administrativo, uma vez que o indivíduo só era considerado completo quando participava deste ambiente, conforme preceitos proferidos na *Política* de Aristóteles⁸³ e acautelados durante a Antiguidade Tardia.

Neste tempo de transformações, uma das características do período tardo-antigo foi a chegada à nobreza de novos homens (*homines novi*) devido a talentos diversificados e a eloquência⁸⁴, aptidão reverenciada para persuadir ouvintes e incrementar a base aliada dos governantes. Perante este cenário, a ascensão social não estava mais sustentada, apenas, nas características aristocráticas clássicas. O nobre e suas habilidades foram convidados a integrar o quadro político-administrativo do Império dos romanos.

A necessidade constante do historiador de compreender cada vez mais determinados conceitos, nos remeteu a conexão feita por Isidoro de Sevilha entre *genus* (linhagem) e *gentes*. As *gentes* (plural da palavra latina *gens*) portavam “afinidades parentais delimitadas por certos ascendentes, antepassados comuns que destacariam os grupos e indivíduos mais bem preparados do restante do *populus*”⁸⁵. Cada grupo pertencia à determinada linhagem (*genus*) e todos eles constituíam aristocracia romana (*optima*).

Por isso, esclarecermos que nobreza e aristocracia não eram sinônimos no contexto de Quinto Aurélio Símaco. A aristocracia previa uma herança de berço, fosse este legado em forma de riqueza fundiária, antepassado mítico ou cargo político. Já a nobreza podia ser adquirida mediante alguns princípios, logo, era uma questão que deveria ser construída e legitimada. Em detrimento da linhagem mítica clássica, depois de levar a cabo a edificação de uma linhagem virtuosa voltada ao *imperium* que lhe garantisse a inclusão na nobreza romana, o indivíduo poderia legá-la a seus descendentes. Estes, enfim, seriam os almejados *optimates*.

A tradição ancestral, bem fundamentada, assim como os vínculos familiares e políticos atravessavam gerações. Logo, os descendentes do nobre passavam a receber, ainda no berço, este legado. Assim, nobreza e aristocracia finalmente se fundiam. Porém, não como um processo histórico homogêneo. Nem todo nobre era aristocrata, todavia, sim, a nobreza era o primeiro passo para se alçar a aristocracia. Em outras palavras, adquirir uma boa formação, ser dotado de virtudes, dedicar esforços aos assuntos públicos e, é

⁸³ ARISTÓTELES. *Política* I, II.

⁸⁴ Entendemos a eloquência como a arte de “bem falar” e de convencer os ouvintes pela devida entonação da voz e gestos do orador. Este assunto está tratado com mais minúcias nas páginas seguintes desta pesquisa.

⁸⁵ FRIGHETTO, Renan. Considerações sobre o conceito de *gens* e a sua relação com a idéia de *identidade nobiliárquica* no pensamento de Isidoro de Sevilha (século VII). In: *Revista Imago Temporis*, 5. Lerida: Universidad de Lerida, 2012 (inédito).

claro, ressaltar estas habilidades perante os círculos de poderes, podiam transformar um *homem novo* em um *nobre* e este, em um *aristocrata*.

Neste ínterim, conferimos nos documentos de Quinto Aurélio Símaco determinados traços – elaborados e tonificados pela retórica⁸⁶ deste orador – que levaram esta família a integrar *um* nobre grupo de cidadãos romanos. Destaco o emprego do artigo *um* porque considero a dimensão coletiva do termo *nobilitas*. Um grande grupo composto por cidadãos romanos bastante diferenciados em sua formação e especificidades familiares ou partidárias. Perfil típico de um Império heterogêneo, como o dos romanos.

Verificamos que, apesar de rica em propriedades imobiliárias, os Símacos somente adquiriram renome na época do imperador Constantino, quando foram elevados da ordem dos equestres a dos claríssimos. Isso significa dizer que passaram a integrar a ordem senatorial romana. Apenas se conservam referências sobre eles a partir de Aurélio Valério Tuliano Símaco e Lucio Aurélio Aviano Símaco. Possivelmente avô e pai de Quinto Aurélio, respectivamente. O primeiro chegou ao consulado em 330. O segundo, entre outros cargos, foi prefeito de Roma em 364-365⁸⁷.

Conforme mencionado nas páginas anteriores desta pesquisa, percebemos que ambas as responsabilidades também seriam desempenhados futuramente por Quinto Aurélio Símaco Eusébio. Tal fato promove autenticidade a nossa hipótese de que a nobreza e a noção de aristocracia construídas por este orador tardo-antigo diferenciavam-se dos princípios clássicos da aristocracia romana. Lembremos que, no mundo clássico, os aristocratas demandavam sua tradição, especialmente, em torno de questões de sangue e heranças de criação provenientes de suas famílias. Por outro lado, Símaco edificava sua nobreza e procedente aristocracia a partir de serviços prestados por seus antecedentes e pelo próprio autor ao poderio dos romanos e, em última instância, devido aos benefícios que seus esforços geraram para a manutenção da idéia da *eternidade de Roma*⁸⁸.

Constatamos que nas fontes tardo-antigas pulula a expressão *homo novus*. Diante à reorganização burocrática da administração do período tardo-antigo, levada a cabo

⁸⁶ Assim como a *eloquência*, a *retórica* merece atenção especial nas páginas seguintes deste trabalho. Por ora, esclarecemos que esta arte/disciplina está relacionada à maneira de organizar adequadamente um discurso para que o texto transmita a mensagem desejada.

⁸⁷ **PLRE I**, pp. 863 – 865; p. 871.

⁸⁸ A noção da *eternidade de Roma* (*aeternitas Romae*) era recorrente no século IV, mas não era nova. Longe de se restringir a manutenção da cidade de Roma, esta idéia carregava consigo o esforço – prático e teórico – de resguardar a hegemonia do Império Romano. Sem me entregar ao *mito das origens* desprezado por Marc Bloch, tal noção de *eternidade* já era frequente no universo romano quando Elio Aristides (117-181) escreveu um elogioso discurso às empresas dos romanos intitulado *Sobre a eternidade de Roma* (*De Roma Aeterna*).

especialmente por Diocleciano, Constantino e reatualizada por seus sucessores, a sociedade romana presenciou a inserção de muitos *homines novi*. Personagens que, por seus empenhos, especializações e competências, ascenderam a cargos públicos criados durante esta situação que se configurava em um período caracterizado por reelaborações. Estas políticas de reformas adequaram as esferas administrativas do poder romano a uma nova realidade pública e social que clamava por mais defesas, recursos financeiros e uma administração eficiente para responder a toda esta demanda. Casos como a ascensão da família dos Símacos da ordem equestre para a dos claríssimos ou o caso de Aurélio Victor, promovido a importantes cargos burocráticos, são apenas dois expoentes da mobilidade social deste cenário.

Diversos fatores ocorridos ao longo dos séculos II e III impulsionaram as redefinições sociais na III^a centúria. Os novos desafios econômicos, bélicos e sociais tornaram necessário *profissionalizar* muitas funções que até então tinham sido desempenhadas por uma elite pouco especializada, os senadores. Este processo de profissionalização suscitou o fortalecimento de novas elites: militar, burocrática e eclesiástica. Um novo tecido social se configurou. Deste modo, o senado, antigo reduto aristocrático, se viu obrigado a abrir suas portas aos ilustres homens novos, integrantes da nobreza. Um novo grupo para uma sociedade que se reorganizava naquele momento. Um senado agora formado por indivíduos de formações e habilidades diversas, todavia, um senado heterogêneo que procurava de forma conjunta sustentar seu espaço naquela sociedade e ao lado do poder imperial. Para tanto, este grupo precisava reelaborar seu lugar naquele contexto, além de edificar e propagar um novo discurso comprobatório de seu papel político-social.

Mais uma das novidades deste período foi a associação entre virtudes militares e nobreza⁸⁹. Tal conexão sobreviveu na Antiguidade Tardia, especialmente após a exclusão dos senadores dos cargos militares levada a cabo pelo imperador Galieno entre 253 e 268. Poucos anos mais tarde, sob o poder de Diocleciano (284 – 305), houve a separação definitiva das funções civis e militares. A partir de então, foi possível desenvolver uma carreira (um *cursus*) dentro do exército. Oportunidade propícia para os equestres se articularem como uma elite muito forte dentro da sociedade romana, logo abaixo dos senadores. De acordo com Castañeda Bravo, os equestres destacavam-se por sua fortuna,

⁸⁹ BADEL, Christophe. *op. cit.*, p. 176.

geralmente derivada de seus negócios, ou devido aos serviços em prol da administração imperial e do exército⁹⁰.

No caso dos Símacos, podemos afirmar que ambos os ingredientes alçaram a família a ordem senatorial. Como já mencionado, eles possuíam diversas propriedades. Somente pelas epístolas de Quinto Aurélio, temos notícias de ao menos três de suas vilas nas proximidades de Roma. Nas *Cartas II 57, VI 60* (e, talvez, na *Carta II 59*) Símaco referia-se a um domínio chamado Arabiana, o qual possivelmente se encontrava perto da via Ápia. As *Cartas VI 58 e VII 21* noticiavam a vila do campo do Vaticano. Em outras quatro *Cartas (I 6, II 52, VI 8 e VI 66)*, o autor escreveu sobre a fazenda de Ostia. Nesta cidade estava localizado o grande porto de Roma. Importantes governantes como Claudio, Nero, Trajano e Adriano já haviam concentrado muitos esforços para ampliar este porto que durante muito tempo foi o portal de entrada de cereais, vinho, azeite, chumbo e mármore importados para o Império dos romanos.

Além destas vilas, existiam três casas na Campania: uma em Puteoli (atual Pozzuoli)⁹¹, outra em Lucrino⁹² e a de Baulos (hoje Baia). A última parece-nos ser o local que mais agradava ao orador. Para ele, um lugar de repouso no qual o espírito podia descansar⁹³. Na *Carta I 7*, Símaco aludiu ao “clima moderado” da região, e na *Carta I 8*, a luminosidade. Durante uma estação despendida ali em um retiro, o autor redigiu um cantar dedicado a seu sogro e antepassados. A residência fora um dote de Rusticiana, esposa de Símaco⁹⁴, e as pinturas em suas paredes inspiraram a pena e a tinta do escritor a louvar os ancestrais de seu cônjuge.

Símaco também nos informou a respeito de uma casa em Formia, no Lacio, uma região entre Roma e Campania. Para quem possuía propriedades nestas duas regiões, era muito conveniente contar com uma vila em Formia, pois lhe garantia estadia durante as viagens. Neste local, Aviano Símaco repousava enquanto seu filho o escrevia a *Carta I 8*.

⁹⁰ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Hispania...* p. 201.

⁹¹ Símaco estava em Pozzuoli quando escreveu a *Carta II 26* e mencionou que se dirigia para lá na *Carta V 93*. Comentou sobre melhorias que deveriam ser feitas nesta mansão na *Carta VI 66*.

⁹² SÍMACO. *Cartas I*, 1.

⁹³ Estas características da mansão de Baia podem ser verificadas em: SÍMACO. *Cartas I 47 – 48; II 17; V 93*.

⁹⁴ Conforme nota de VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)*. Introducciones, traducción y notas: Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2000, p. 66.

Também Quinto Aurélio esteve nesta residência inúmeras vezes, conforme constatamos em suas epístolas⁹⁵.

Tendo em vista estas análises, portanto, quando o assunto era a elevação de indivíduos equestres a claríssimos devido à fortuna proveniente de negócios, podemos afirmar que os Símacos se enquadram nesta perspectiva⁹⁶.

Todavia, esta família também se destacou ao empregar suas habilidades no universo político-administrativo imperial. Aviano Símaco alcançou grande prestígio frente à embaixada enviada por Constâncio II a Juliano em 361. Em sua *Res Gestae*, Amiano Marcelino mencionou a atuação do genitor de Quinto Aurélio Símaco e de Máximo como os “notáveis senadores” (*senatores conspicuos*) que lideravam a missão acolhida com cortesia por Juliano⁹⁷. Em outra passagem de sua obra, Amiano enaltecia a escolha de Aviano para a prefeitura de Roma e reforçava a relevância das ações deste homem claríssimo advindo dos equestres:

[...] Aviano Símaco, nomeado entre os maiores exemplos da doutrina e modéstia, onde, na presença da cidade mais sagrada, ócio e oportunidades são habituais, desfrutou de uma ponte para a popularidade, manifestou grande prazer, mas firmemente se consolidou.⁹⁸

Neste trecho, Amiano Marcelino celebrava a escolha de Aviano para desempenhar tal função. Destacava os valores referentes à doutrina (*doctrina*), virtude vinculada à erudição e à capacidade de ensinar. Erudição esta adquirida pela leitura de textos de diversas naturezas e por meio dos ouvidos – que se colocavam a disposição das mensagens declamadas. A intenção era obter conhecimentos cada vez mais variados e confiáveis, sempre em benefício dos serviços prestados ao poder dos romanos, em concordância com os ensinamentos de Cícero que aspirava proporcionar encanto através da exposição de saberes distintos⁹⁹.

A modéstia (*modestia*) também foi lembrada pelo historiador, ao elogiar Aviano. Princípio este que assegurava a disciplina e temperança do prefeito que, mesmo desfrutando de popularidade (*fruor*), executou ações de acordo com a responsabilidade

⁹⁵ SÍMACO. *Cartas* II, 3-6; III, 16; V, 69, 93, 97; VI, 75, 77; VII, 37, 69; VIII, 23; IX, 29, 100.

⁹⁶ Na seção de *Anexos* desta pesquisa, disponibilizamos um mapa com a localização das residências de Quinto Aurélio Símaco Eusébio.

⁹⁷ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XXI, 12, 24.

⁹⁸ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XXVII, 3, 3.

⁹⁹ CÍCERO. *Sobre el orador* I, 158.

assumida. Aviano soube utilizar o poder a ele concedido pelos romanos – através do imperador – em prol dos assuntos públicos sem deixar o brilho de seu cargo cegá-lo.

No caminho trilhado pelo pai, um dos grandes serviços dedicado por Quinto Aurélio ao poder imperial foi dar voz às vitórias de Valentiniano I sobre os alamanos e erigir teorias políticas autenticadoras desta figura imperial. Para tanto, o autor dedicou dois *Discursos* a este governante, um deles no ano de 369 e o outro em 370.

Há muito os alamanos representavam uma ameaça aos romanos e eram mantidos do outro lado do Reno através do pagamento de alguns tributos¹⁰⁰. Entretanto, em 365, este grupo desafiou ainda mais os romanos ao atravessaram os limites impostos nos acordos. Conforme Símaco, assim que Valentiniano recebeu a púrpura, organizou uma campanha contra estes bárbaros: “Sem haver degustado ainda as bondades do poder imperial, obténs por honra, apenas as dificuldades de teu cargo.”¹⁰¹

Imerso em um cenário de ameaças externas (promovidas por distintos grupos bárbaros) e internas (frente às constantes tentativas de usurpações), em meio à guerra contra os alamanos, no ano de 367, Valentiniano I nomeou a Augusto da *pars occidentalis* seu filho Graciano, o qual contava com aproximadamente 8 anos. Esta ação pode demonstrar-nos a preocupação de Valentiniano em garantir a continuidade de sua dinastia no Ocidente, mediante a possibilidade de sua morte nos combates. Apreensão que fazia parte de uma longa tradição do universo romano, iniciada no ano de 176 com Marco Aurélio, quando associou seu filho Cômodo ao poder e rompeu com a prática da *adoptio* imperial¹⁰². O princípio da *adoptio* estava relacionado ao pensamento estóico baseado nas convicções da meritocracia. O próprio Marco Aurélio havia sido adotado por seu sogro, Elio Antonino – ou Antonino Pío, como ficou conhecido –, e tornou-se imperador após a morte deste¹⁰³. Todavia, o princípio da hereditariedade para a escolha do governante se fortaleceu cada vez mais a partir da nomeação de Cômodo a César, por Marco Aurélio.

No século IV, portanto, a prática da associação de um filho – ou mais – ao poder era corriqueira e garantia que a dinastia girasse em torno de uma mesma família. Amiano Marcelino relatou com detalhes os conflitos liderados por Valentiniano I contra os

¹⁰⁰ Na seção de *Anexos* desta pesquisa, disponibilizamos um mapa com a localização do rio Reno e algumas cidades relevantes para nossos estudos.

¹⁰¹ SÍMACO. *Discurso* I, 15.

¹⁰² FRIGHETTO, Renan. A “Longa Antiguidade Tardia”: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: *Atas da VII Semana de Estudos Medievais – Por uma longa duração: perspectivas dos Estudos Medievais no Brasil*. (Evento realizado em Brasília-BR, entre 3 e 6 de novembro de 2009.) Brasília: Florence Dravet; Editora Casa das Musas, 2010, p. 107.

¹⁰³ AURÉLIO VICTOR, *Libro de los Césares* 15 – 16.

alamanos. Notou que enquanto o imperador guerreava contra os alamanos, avançava pelas terras mais ao norte do território dos romanos até um lugar chamado Solicinio. Neste local, “foi avisado pelo relatório verdadeiro (*verissimo*) de sua guarda que os bárbaros eram vistos ao longe”¹⁰⁴. Reuniu um grande exército e marchou em direção aos inimigos. Finalmente, no ano de 368, na Batalha de Solicinio, a vitória romana foi comemorada e, no inverno seguinte, Valentiniano retornou a Tréveris¹⁰⁵ (atual Trier, na Alemanha). A localização exata da cidade de Solicinio se perdeu e continua a ser objeto de estudo de muitos historiadores e arqueólogos. Existem diversos montes no atual estado alemão de Baden-Württemberg que poderiam ter servido como campo para esta batalha. Segundo Gibbon, as hipóteses concentram-se em cidades entre Heidelberg e Mannheim¹⁰⁶.

Contrariamente a precisão oferecida pelo historiador Amiano Marcelino a respeito do local desta conquista romana, Quinto Aurélio Símaco Eusébio não nos exibiu o nome da cidade de Silicinio. Entretanto, fez questão de salientar a construção de praças fortes levadas a cabo por Valentiniano:

O tempo de outros tem sido contado em pompas, o vosso em vitórias. Entretanto, nós, os magistrado romanos, unicamente cuidamos dos rituais, para que nas praças fortes recém erguidas soubessem, primeiramente, que tu eras seu fundador e para que os acampamentos triunfais fossem inaugurados com nomes ínclitos.¹⁰⁷

Verificamos que as palavras selecionadas pelo autor estavam voltadas para os feitos do imperador, como figura vitoriosa e zelosa pelas edificações romanas. Por um lado, o governante se dedicava às empresas da guerra, com seus esforços concentrados na virtude da força (*fortitudo*). Em contrapartida, ficava a cargo de Símaco e dos outros membros do senado, a função de organizar as cerimônias que glorificavam estes feitos. Neste ponto, consideramos que a virtude da glória envolve três condições: o amor da multidão, sua confiança (*fides*) e a admiração merecedora de honrarias (*honor*)¹⁰⁸. Como protetor da

¹⁰⁴ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XXVII, X, 8.

¹⁰⁵ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XXVII, X, 17.

¹⁰⁶ GIBBON, Edward. *The history of the decline and fall of the Roman Empire*. vol. III. Londres: Harrison and Sons, 1854. pp. 96 – 97. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=TteBvZyTtUwC&pg=PA96&lpg=PA96&dq=Solicinium+Heidelberg&source=bl&ots=zQweUUkvjX&sig=aJS9FAwtbe4OKuQwAi1Y6Mej-wY&hl=pt-BR&ei=neunTfTsDIWRgQfBvczzBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CDMQ6AEwAw#wv=onepage&q=Solicinium%20Heidelberg&f=false> Acesso em: 13/04/2011.

¹⁰⁷ SÍMACO. *Discurso* II, 2.

¹⁰⁸ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. II Parte: Idéias Morais e Políticas dos Romanos. In: **Estudos de História da Cultura Clássica**. vol. II. Cultura Romana, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d, p. 333.

eternidade de Roma, o imperador cumpriu sua missão de expelir os alamanos de volta as suas terras em 368 e proteger o território dos romanos. Além disso, marcou o território conquistado com edificações representativas do poderio de Roma: praças fortes. Em troca, Símaco escolheu atenciosamente cada palavra com o intuito de glorificar as obras imperiais. Através de seus *Discursos*, a multidão tinha notícia de tais atos, o que arrebataria seu amor, sua confiança e admiração em favor do governante. Logo, mais honras seriam oferecidas ao defensor de Roma. Como exemplo destas graças, podemos incluir o terceiro consulado oferecido a Valentiniano, nomeação que moveu a elaboração do *Discurso II* (pronunciado no início de 370), do qual destacamos o trecho acima.

Pela construção de seus textos e seleção dos elementos ali apresentados, notamos que Símaco estava ciente de que o senado de Roma já não era o mesmo da época republicana. O papel dos senadores da IV^a centúria diferia das responsabilidades dos magistrados de outrora. Antes, líderes da ordenação romana, no século IV os membros do senado necessitavam encontrar e legitimar seu espaço ao lado do imperador, o grande governante dos romanos. Símaco, como um exímio conhecedor de seu contexto, buscava, portanto, validar as funções senatoriais através das ações de colaboração que este grupo prestava ao poder central o qual, por sua vez, sempre deveria investir em uma ampla base de apoio. Deste modo, as palavras do orador tardo-antigo resguardavam ao senado os encargos de glorificar e ampliar a força imperial, assim, a utilidade do senado e do próprio líder dos romanos seria mantida.

Símaco assegurou que Valentiniano estava sempre atento as operações bélicas e, devido a esta atenção e sua liderança, pôs “em fuga a feroz alamania”¹⁰⁹. Em seu *Discurso II*, Valentiniano foi descrito como “defensor eterno” (*aeterne defensor*)¹¹⁰ por um senador que acompanhou as atuações contra os alamanos bem de perto. Como membro do conselho senatorial e bem formado na arte da retórica, Símaco esteve presente nesta expedição para desempenhar o papel de testemunho das ações imperiais, conforme ele atestou em seu *Discurso II*. Testemunha ocular das façanhas, aos moldes de Tucídides¹¹¹. Com sua eloquência e oratória, o senador se propunha a “cantar” a glória imperial. Para ele, o silêncio era “inimigo das grandes obras”¹¹². Sua missão, proclamar estes feitos. Tarefa realizada em cada linha de seus *Discursos I e II*.

¹⁰⁹ SÍMACO. *Discurso I*, 17.

¹¹⁰ SÍMACO. *Discurso II*, 27.

¹¹¹ TUCÍDIDES. *Historia de la guerra del Peloponeso I*, 22, 2.

¹¹² SÍMACO. *Discurso II*, 31.

Símaco foi designado cônsul no ano de 391, mesmo após ter apoiado Magno Máximo contra Valentiniano II. Quando o usurpador foi derrotado por Teodósio, em agosto de 388 na Batalha de Aquileia, Símaco refugiou-se em uma igreja para se salvar da perseguição. Perdoado por Teodósio, foi indicado ao consulado¹¹³. Todavia, a carreira de Símaco culminou com sua nomeação a prefeitura da Urbe em 384. Fato ocorrido dez anos após ele ter sido procônsul de África, no ano de 373. Apesar de sempre atuar a frente do Senado de Roma, ele permaneceu um longo período sem assumir cargos na administração imperial, quando finalmente foi escolhido por Valentiniano II (sediado em Milão) para atuar como prefeito em Roma. Um posto “desejado por muitos”, como alegava o autor em seu *Informe 1* encaminhado a este imperador. Neste documento, o senador asseverou que fora nomeado devido aos méritos de seus serviços, méritos estes que deveriam equiparar-se ao que se esperava desta magistratura. Lembremos, afinal, que a prefeitura da Urbe era um cargo inferior apenas a prefeitura de Pretório, durante a Antiguidade Tardia. Já no *Informe 2*, enviado a Teodósio, o autor propôs concentrar esforços para fazer jus a sua reputação prévia, a qual o levou a ser escolhido para desempenhar tão distinta responsabilidade pública.

1.3. A oratória na Antiguidade Tardia

Neste mundo marcado pela oralidade, o orador elaborava, impulsionava e ajudava a preservar a memória coletiva. As palavras escritas eram destinadas à leitura em voz alta, pois o som emitido conduzia as ações cotidianas dos indivíduos. As letras do papel ganhavam vida com a voz e os gestos do leitor público. Somente com a leitura em voz alta as letras escritas pela tinta tornavam-se palavras que podiam ser compreendidas naquele contexto e voavam com o intuito de ensinar ou entreter. Conforme a indicação de Manguel, “ler em voz alta era a norma desde os primórdios da escrita”¹¹⁴.

O texto escrito preservava a palavra, para que esta pudesse se propagar através da fala e proporcionar aprendizagem e prazer. Em uma época em que poucas pessoas sabiam ler e o acesso aos documentos e livros era limitado, o som procedente da leitura sugeria – e

¹¹³ VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)*..., pp. 11 – 12.

¹¹⁴ MANGUEL, Alberto. *Uma História da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. 2ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 59.

frequentemente impunha – os passos diários, por isso, a leitura pública fazia parte dos hábitos daquela sociedade. Reunir-se para ouvir a leitura de um texto era um imprescindível hábito social¹¹⁵ para que os indivíduos se familiarizassem com temáticas variadas, visto a diversidade de obras lidas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que esta leitura em voz alta aproximava locutores e ouvintes, ela os distinguia. Marcava claramente aqueles que participavam de maneira passiva da vida político-administrativa romana e aqueles que a elaboravam e legitimavam.

A palavra escrita era o suporte do discurso falado e, embora eles estivessem interligados, o suposto público de cada um era distinto. Ao escrever, o indivíduo relacionava-se consigo próprio. Previa um público, tanto no tempo quanto no espaço¹¹⁶, capaz de decodificar a mensagem edificada, pois a leitura do texto era futura e seu trabalho se desenvolvia em um ambiente afastado do ouvinte. Já o discurso falado, o exercício da oralidade, exigia do autor a relação imediata com aqueles que o ouviam. De acordo com os preceitos de Silva, observamos que o texto não existe “em si mesmo” e é sim resultado “dum acto de enunciação e dum acto de recepção”¹¹⁷. Deste modo, na Antiguidade Tardia, a escrita e a oralidade eram práticas que se complementavam, a fim de transmitir a sociedade arquétipos de comportamento e de valores, idealizados, como convém a modelos, mas acima de tudo, almejados.

Uma vez que o domínio da escrita e da leitura estava circunscrito a um pequeno grupo, aquele que lia em voz alta era o intermediário entre o escrito e o ouvinte. Por este motivo, a mensagem transmitida deveria ser clara para que fosse compreendida, lembrada e retransmitida pelos próprios destinatários a diferentes indivíduos. O texto era ouvido e guardado na memória, ou registrado pela pena de outros poucos privilegiados que dominavam as letras. Conforme afirmação de Carvalho, desta forma o registro escrito ganhava força e se integrava à memória oral e coletiva¹¹⁸.

¹¹⁵ Idem, p. 138.

¹¹⁶ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. História e lingüística. Oralidade e escrita no Discurso Religioso Medieval. In : ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (coord. Geral). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média, estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM, VII CEAM**. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, pp. 47 – 55.

¹¹⁷ SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8ª ed. 4ª reimp. vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1991, p. 556.

¹¹⁸ CARVALHO, Yone de. Oralidade e manuscrita. A perspectiva do narrador como chave de leitura do Tristan de Béroul. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (coord. Geral). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média, estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM, VII CEAM**. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005. pp. 57 – 66.

Enquanto o ouvinte se entregava às palavras declamadas pelo leitor, este deveria estar atento ao texto e, ao mesmo tempo, se fazer ouvir e entender pelo receptor. Por isso, Cícero defendia que o ato de ler era uma habilidade oral, enraizado na oratória. A palavra escrita tinha que ser bem apresentada àqueles que a ouviam. A execução de um discurso, ou seja, sua leitura pública, era “a única senhora e dona”¹¹⁹. Neste ínterim, a efetividade e o mérito da execução estavam, em grande parte, ligados à voz. O exercício de cargos públicos durante a Antiguidade exigia do indivíduo o domínio da escrita de discursos e da arte de orar. A oratória era, pois, condição prévia para uma carreira bem-sucedida. Arelada à oratória, a eloquência reforçava o prestígio e poder das palavras sobre os ouvintes, pois fomentava a promoção dos argumentos expostos. Enquanto aquela designava a arte de falar bem, com conhecimento de causa e desenvoltura, esta se referia ao talento de persuasão, de convencimento por meio da palavra. De acordo com Cícero, a correta disposição das palavras, o ritmo e o equilíbrio do discurso facilitavam o entendimento, a associação e a recordação do assunto pelo público¹²⁰.

Visto que considerava o silêncio como o “inimigo das grandes obras”¹²¹, com sua eloquência e oratória, Símaco se propôs a cantar a glória imperial. Cabia ao autor a missão de anunciar estes feitos. Tarefa desempenhada em cada linha de seus *Discursos I e II*, e expressa no trecho seguinte:

Irei pelas cidades, irei pelos povos, orgulhoso como um vencedor elogiado;
direi ao senado e à plebe romana: “Enviai fasces às novas províncias, preparai
juízes para o outro lado do Reno.”¹²²

Símaco e sua oratória obtiveram destaque já em sua época, no século IV. Escritos conforme as regras da retórica ciceroniana, em seus documentos sobejam frases que buscavam produzir efeitos artísticos. No *Corpus Inscriptionum Latinorum* encontramos uma inscrição dedicada por Fabio Memio Símaco a seu pai que nos indica as habilidades deste “orador eloquentíssimo”¹²³. Também o professor de retórica Aurélio Prudêncio Clemente, cristão e contemporâneo a Símaco, traçou grandes elogios aos dons da oratória possuídos pelo senador:

¹¹⁹ CÍCERO. *Sobre el orador* III, 213.

¹²⁰ CÍCERO. *Sobre el orador* III, 171.

¹²¹ SÍMACO. *Discurso* II, 31.

¹²² SÍMACO. *Discurso* II, 31.

¹²³ CIL VI, 1699.

Oh, língua que flui de potente manancial de palavras, honra da romana eloquência, perante quem haveria de ceder inclusive o próprio Túlio, por que hão de ser estas pérolas que derrama tua rica aptidão! Boca digna de resplandecer com eterno banho de ouro, se preferires elogiar a Deus[...].¹²⁴

Nesta argumentação, Prudêncio manifestava seu descontentamento com a solicitação feita no ano de 384 no *Informe 3* de Símaco, ao imperador Valentiniano II, para a reposição do altar da deusa Vitória na cúria senatorial, bem como para a restauração dos privilégios dos cultos não-cristãos, sem que houvesse privação dos cultos cristãos. Entretanto, se por uma via Prudêncio acusava o então prefeito de Roma de utilizar sua sagaz oratória para defender glórias indefensáveis, por outra, não negava o talento empregado em seu discurso. O advogado cristão salientava que o próprio Cícero cederia perante as poderosas palavras de Símaco e que esta habilidade seria digna e eterna se abrilhantasse a figura do Deus cristão.

Prudêncio reconhecia suas próprias limitações perante as habilidades do senador neoplatônico e deixou claro que não proporia um embate de talentos, pois, mesmo como professor de retórica, examinava suas deficiências e sabia que não venceria Símaco. Ao longo das contestações apresentadas em *Contra Símaco II*, Prudêncio referiu-se a Símaco como “astuto e hábil orador”; proprietário de “palavras magníficas” que elaboravam “obras de arte”; e possuidor do “talento de um homem sábio”.

Estas consagrações, emanadas de um professor de retórica, condecoravam ainda mais a destreza do orador neoplatônico. Prudêncio afirmava, ainda, que nenhum homem daquela época possuía tão grande capacidade como Símaco¹²⁵ e que suas obras deveriam ser preservadas para que sua oratória fosse conservada¹²⁶. Para benefício de nossos estudos, grande parte destes documentos sobreviveram ao tempo e alcançaram a atualidade. As características marcantes da redação de Símaco fizeram com que o autor servisse de modelo até, ao menos, o século XV¹²⁷. Convém ressaltar que na *Introdução* desta dissertação já abordamos um pouco da história da preservação e transmissão dos textos deste orador tardo-antigo.

¹²⁴ PRUDÊNCIO. *Contra Símaco I*, 633 – 636. Aurélio Prudêncio Clemente (348 - aprox. 405 d.C.) era hispano e nasceu na cidade de Calahorra (Calagurris). Foi professor de retórica e também advogado. Exerceu alguns cargos na administração provincial, serviu o exército e fez parte da corte de Teodósio e de Honório. Foi Prefeito de Roma sob Teodósio e, por volta do ano 400, retirou-se a um mosteiro para se dedicar a poesia religiosa.

¹²⁵ PRUDÊNCIO. *Contra Símaco II*, 56.

¹²⁶ PRUDÊNCIO. *Contra Símaco I*, 649.

¹²⁷ VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. *Introducción General*. In: SÍMACO. *Cartas* (Libros I – V)..., pp. 18 – 21.

Imbuído da missão de enaltecer as “grandes obras” de Valentiniano I, Símaco empregou sua escrita, retórica, oratória e eloquência na elaboração e leitura de seus documentos perante um seletor público composto de senadores e pelos imperadores¹²⁸.

Com relação à oratória e à eloquência, estes elementos componentes da retórica asseguravam a compreensão e a memorização da mensagem recebida pelo público¹²⁹. Atitudes que, por sua vez, garantiam a retransmissão das palavras a outros indivíduos. Em um cenário no qual o domínio da escrita e da leitura era demasiadamente restrito, o orador era o mediador entre o que estava escrito e aquele que ouvia. História e memória se entrelaçavam. O texto era ouvido, guardado na memória individual e integrado à memória coletiva. Na esteira deste pensamento, os modelos de moralidade e coragem exaltados por Símaco, na figura do imperador, deveriam ser lembrados, tidos como exemplos e, obviamente, seriam copiados. Em contrapartida, o escritor cada vez mais se alçava como homem político daquela sociedade a qual aceitava e propagava suas idéias e, até mesmo, demandava-as.

1.3.1. Tradição oral e escrita dos Símacos

Em vista das análises aqui propostas, notamos que o caminho para a elevação dos Símacos à nobreza foi trilhado *pari passu* pela fortuna que amparava esta família e pelos serviços executados por distintos membros em prol do poder dos romanos. A manutenção dos Símacos em tal posição de superioridade perante a sociedade deveria ser reforçada paulatina e constantemente, e nada melhor para assegurar esta preeminência do que a execução e propagação de bons serviços louvados em tinta e voz pela retórica e eloquência de Quinto Aurélio Símaco.

Deste modo, oratória e eloquência fortaleciam o desempenho do próprio orador, uma vez que asseveravam as ações deste homem público e as integravam à memória coletiva e oficial daquela sociedade. Ao preparar textos de caráter propagandístico com teor político e ideológico, que seriam lidos perante o soberano e o senado, Símaco cotejava na sociedade os valores que ele defendia e enfatizava sua função como porta-voz senatorial, um homem público responsável por elaborações políticas e, acima de tudo, a própria voz do imperador. Um indivíduo hábil a “[dizer] o que nenhum monumento

¹²⁸ O *Discurso I* foi declamado perante Valentiniano I, ao menos. Já durante a declamação do *Discurso II*, pode ter estado presente Graciano, filho de Valentiniano I e Augusto no Ocidente desde 367.

¹²⁹ CÍCERO. *De Partitione Oratio* I, 3.

testemunha[va]”¹³⁰ a respeito das obras de Valentiniano I. Elucidamos esta *habilidade* do autor a partir de dois vieses: primeiramente, por ele manejar com competência as letras e os elementos da retórica; em segundo lugar, porque esteve presente, ao lado do governante, durante as campanhas contra os alamanos. Tal atitude colocava Símaco em cena neste importante momento da história romana e o munia de argumentos e fundamentos para narrar os fatos ocorridos naqueles campos de batalha. Deste modo, estivera perto do governante durante as vitórias militares e, ao expressar seus elogios às ações valentinianas, se aproximava cada vez mais do centro de poder, o qual necessitava a todo instante de reelaborações políticas com o intuito de se resguardar em uma sociedade em transformação como a tardo-antiga.

As artes liberais, dentre elas a retórica, foram mais uma das heranças gregas que compuseram o patrimônio do saber da sociedade romana. A atividade política do Império Romano estimulava e garantia o lugar da oratória (um dos elementos da retórica), que impulsionava carreiras e defendia vigorosamente as idéias daqueles que dominavam esta prática e daqueles que apoiavam e financiavam estes homens de saber.

Leitor e admirador de Marco Túlio Cícero¹³¹, Símaco percebia em seu pai, Aviano Símaco¹³², o tom da eloquência ciceroniana, a herança das letras antigas e a erudição dos gramáticos, conforme demonstra o seguinte extrato de uma carta encaminha a Aviano por Quinto Aurélio:

És o único que em nossa época tens demonstrado a eloquência latina com cunho de Tulio. Somente tu tens apurado a graça dos poetas, a gravidade dos oradores, a fiabilidade dos anais, a erudição dos gramáticos; és um justo herdeiro das letras antigas. [...] És um grande conhecedor das regras da épica e igualmente sabes tocar o clarim da prosa. [...] te destacas de igual maneira como orador e poeta.¹³³

Como um de seus preceptores, Aviano Símaco provavelmente estimulou o filho a apreciar a arte da oratória. Quer tenha sido por incentivo de seu genitor ou por ter conhecido “acidentalmente” as obras de Cícero, Quinto Aurélio Símaco Eusébio tornou-se célebre nesta arte e foi considerado um exímio orador romano representante do

¹³⁰ SÍMACO. *Discurso* II, 12.

¹³¹ O nome de Marco Túlio Cícero e a admiração de Símaco pelo clássico orador são encontrados ao longo de vários escritos do senador tardo-antigo. Como exemplo, citamos as *Cartas* I, 31, 1; 32, 3; *Cartas* III, 12, 2; 44, 2; *Cartas* IV, 60, 3; *Cartas* IX, 110, 2.

¹³² Aurélio Aviano Símaco, nascido em torno de 316, desempenhou cargos importantes perante Roma. Designado para cônsul em 377, não chegou a assumir esta magistratura.

¹³³ SÍMACO. *Cartas* I, 3, 2.

pensamento neoplatônico por autores contemporâneos a ele. Ao fazer um registro sobre as formas de expressão, Macróbio igualou Símaco a Plínio, o Jovem, e salientou que aquele não era “inferior a nenhum dos antigos”¹³⁴. Portanto, ainda em seus dias, Símaco fora incluído no mesmo rol de destacados nomes da oratória antiga. Seus *Discursos* reforçaram a fama de orador eloquente deste magistrado – característica que também pode ser observada em muitos de seus *Informes*, marcados por traços emotivos e por tons enfáticos tradicionalmente utilizados na retórica.

Admirador dos dons de Aviano, Símaco afirmou estar sempre atento às instruções paternas: “Tu continuas com o que começou e progridas com tua eloquência, que tão engenhosa és; [...] meus ouvidos estarão a tua disposição.”¹³⁵ Clara exposição da noção de que o pai ensinava e o filho aprendia, e não fazemos referências apenas às lições relativas à gramática e à retórica. Também anunciamos a idéia de compreender as ações de seu mestre e reproduzi-las; entender, por exemplo, o papel de conselheiro e educador desenvolvido por um pai na vida de seus filhos. Assim como Aviano instruíra Quinto Aurélio, este orientava seus filhos – quer fosse nas artes da gramática e da retórica, ou nas atitudes cotidianas que os *verdadeiros* cidadãos romanos deveriam executar, como comentamos no início deste trabalho.

Nas epístolas de Símaco, a intenção de seguir os exemplos paternos é evidenciada pela utilização constante de elementos de comparação e emulação, tradicionais na retórica. O interessante texto de Pagola traça um perfil dos conceitos *imitatio*, *aemulatio* e *comparatio* aplicados ao modelo de Alexandre, o Grande¹³⁶. Entendemos que algumas destas definições cabiam perfeitamente para o contexto tardo-antigo, visto que tais princípios faziam parte de uma tradição retórica de comparação.

Nos documentos de Símaco, emulações e comparações saltavam aos nossos olhos, mais do que as imitações. Não percebemos no orador um desejo consciente de plagiar modos e ações dos antepassados, o que, de acordo com Pagola, seriam imitações. Por isso, descremos da intenção de Símaco de proporcionar uma imitação pura e simples. Notamos, sim, emulações, sem a necessidade perene de imitar atos ou pessoas. Observamos o desejo de alcançar e, até mesmo, superar as obras dos antecessores, sem obrigatoriamente reproduzi-las. Ao dirigir-se a seu pai, em sua *Carta 4*, do livro I, o autor engrandecia o

¹³⁴ MACRÓBIO. *Saturnales* V, 1, 7.

¹³⁵ SÍMACO. *Cartas* I, 4, 3.

¹³⁶ PAGOLA, Elena Torregaray. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. In: *Gerión*. 2003, 21 n. 1, pp. 137 – 166.

genitor através do apelo à emulação: “Certamente imitas o entusiasmo de Varrão, o Menipeu, mas vences seu engenho.” Apesar do termo *imito*, a idéia de vencer (*vinco*) se faz mais forte nesta frase. A superação de Varrão por Aviano é noção sobressalente. É evidente que sempre existiram modelos perseguidos pela sociedade e por cada um de seus cidadãos. Entretanto, a reprodução destes exemplos sempre carregava originalidades próprias de cada grupo ou indivíduo, por isso, longe de serem plágios, consideramo-la *arquetipos de ordenação* que tinham como fim a manutenção de uma determinada organização social.

A comparação entre personagens, ações e valores era outra característica marcante dos textos de Símaco. Um recurso didático que denegria ou diminuía o valor de algo ou alguém com o intuito de exaltar outro. Como podemos verificar também em seu primeiro livro na *Carta 1* encaminhada a seu pai: “Por isso suas cartas [de Aviano] procedem de um favor, as minhas [de Quinto Aurélio] de dúvida.” Para o autor, seu pai estava envolto em convicções e estabilidades, seus escritos excluía as incertezas. Por outro lado, cumprindo seu papel de filho, Símaco sempre deveria aprender com o pai, seu porto seguro, um exemplo a ser seguido. Portanto, vendo no pai o tom da eloquência aos moldes ciceronianos, Símaco acompanhou seus passos e se tornou um exímio orador.

No primeiro livro de sua obra *Orator*, Cícero alegava que, após deleitarem-se com os discursos de oradores gregos e conhecer por escrito estes documentos, os romanos arderam de vontade de aprender a arte da oratória (*oratio*)¹³⁷. A introdução da retórica e de filosofias greco-helenísticas no mundo romano, bem como as constantes lutas políticas e sociais ocorridas no interior do universo latino influenciaram o progresso da oratória e da eloquência. Conforme López Eire, herdeira da escola isocrática, a retórica romana era concebida como uma disciplina moral e educadora que, ainda no mundo grego, se apossara da literatura em geral, sem fazer distinção entre oralidade e escritura¹³⁸, o que reforça nosso argumento sobre a complementaridade entre palavra falada e palavra escrita.

Novamente recorremos a Cícero para enfatizar a tarefa da eloquência no cenário romano: informar, agradar e comover¹³⁹. Para tanto, os discursos políticos deveriam possuir qualidades literárias que excitassem compaixão e orgulho, a fim de alvoroçar os sentimentos e a memória do ouvinte. Deste modo, a eloquência era mais do que a arte de

¹³⁷ CÍCERO. *Sobre el orador* I, 14.

¹³⁸ LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. In: *Talia Dixit*, n. 3, 2008. pp. 1 – 2. Disponível em: <<http://www1.unex.es/arengas/td3Lopezire.pdf>> Acesso em: 10/05/2011.

¹³⁹ CÍCERO, *Sobre el orador* III, 96; 97; 101; 107.

falar, uma vez que se relacionava diretamente com o público, deveria exprimir-se com clareza. Os sentimentos deveriam compor os discursos escritos ou falados para que estes atingissem seu objetivo.

Nas palavras de Mongelli, “o fim último do discurso é persuadir, impondo relação intrínseca entre emissor e destinatário, cumpre dispensar à linguagem tratamento especial para realizar este intento”¹⁴⁰. Sendo a retórica a arte voltada à elaboração do discurso, ela tinha como propósito a persuasão daquele que lia ou ouvia o texto preparado. Em um contexto no qual o domínio das letras era restrito, a leitura oral e os gestos do orador propunham o ritmo e a memorização da mensagem, sugeria e impunha valores e idéias.

Conhecer as letras e se colocar à sua disposição era demasiadamente custoso, mas também bastante proveitoso naquela época. Uma formação adequada exigia tempo, dinheiro, habilidade e prática constante. Além das assíduas leituras levadas a cabo por Quinto Aurélio Símaco, as quais lhe renderam distintos conhecimentos, já destacamos a responsabilidade de Aviano Símaco como seu preceptor. Símaco ainda nos proporcionou certos dados sobre seu mestre de retórica. O nome do destinatário da *Carta* 88 de seu livro IX se perdeu. Algumas pesquisas indicavam Ausônio como receptor deste documento¹⁴¹. Conjecturas a parte, no seguinte trecho Símaco registrou parcas, mas importantes, características de seu mestre retor:

Devo confessá-lo, amigo: aspiro a apurar a aptidão gálica; não porque a eloquência do Lácio foi retirada destes sete montes, se não porque um ancião criado há pouco em Garona inspirou em meu peito os preceitos da retórica, tenho a afinidade legítima com vossas escolas, motivada por meu mestre. Tudo o que há em mim, e se é pouco, devo a teu céu.¹⁴²

Pelo excerto observamos que o mestre retor de Símaco era da Gália, procedente de alguma cidade margeada pelo rio Garona. A hipótese mais provável é de que Símaco se referia à cidade de Burdigala (atual Bordeaux, na França). Apesar de não conhecermos o nome do destinatário da *Carta*, sabemos da relação de amizade entre o autor e Ausônio. Afinidade esta que estaria apontada na frase “devo confessá-lo, amigo”. Ausônio era natural de Burdigala. Sendo Ausônio o destinatário de tal mensagem, novamente vinculamos o

¹⁴⁰ MONGELLI, Lênia Márcia (org.); *et alli. Trivium e quadrivium: as artes liberais na Idade Média*. Cotia-SP: Íbis, 1999, p. 76.

¹⁴¹ Conforme notas de VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros VI – X)*..., pp. 259 – 260.

¹⁴² SÍMACO. *Cartas* IX, 88, 3-4.

mestre de retórica de Símaco a Burdigala, pois, conforme o senador, ele devia todo seu conhecimento as terras de Ausônio. Todo seu aprendizado sobre a arte da retórica havia sido promovido na/ou a partir da terra de seu amigo.

Pesquisas sugerem que o retor de Símaco tenha sido Tiberio Victor Minervio, natural de Burdigala e professor de retórica em Constantinopla, Roma e em sua cidade natal, respectivamente¹⁴³. Em sua *Crônica*, Jerônimo mencionou que Victor Minervio estivera em Roma em 352¹⁴⁴, época em que Símaco contava com aproximadamente 12 anos. Idade na qual já aprendera os ensinamentos elementares levados a cabo em casa, sob a tutela do pai, responsável pela alfabetização primária e por algumas lições de cálculo. Aos 12 anos Símaco já estaria preparado para as aulas de gramática, retórica e dialética, as quais formavam o *trivium* da educação romana. O passo seguinte era o estudo das artes do *quadrivium*, ou seja, aritmética, geometria, música e astronomia. Após os ensinamentos paternos, Símaco provavelmente passou a frequentar alguma das escolas romanas ou tinha um mestre em sua residência. Acreditamos que a primeira opção seja a mais correta para o caso de Símaco, visto que seu contexto econômico e social possibilitava e exigia esta interação e, mais ainda, Tiberio Victor Minervio, seu suposto professor de retórica, havia lecionado em uma destas escolas em Roma.

Certo é que o mestre de retórica de Símaco era galo. As escolas de retórica na Gália eram famosas por seus retores e discípulos que ali se formavam. Foram berços de importantes panegiristas, dedicados a louvar os feitos dos governantes. Como exemplo disto, destacamos a coleção dos *Panegíricos Latinos*, sobre a qual discorreremos mais atentamente nas páginas seguintes desta pesquisa.

Ainda com referência à formação de Quinto Aurélio Símaco, de acordo com alusão feita na *Introdução* desta pesquisa, os debates a respeito do conhecimento de Símaco sobre a língua e literatura gregas são prolíferos nas pesquisas atuais, contudo, inconclusivos¹⁴⁵.

Todavia, no encalço dos *sinais* enfatizados por Ginzburg¹⁴⁶, alguns indícios nos fazem crer que o orador possuía, ao menos, noções sobre tal idioma. Sabemos, por

¹⁴³ PLRE I, pp. 869; pp. 603 – 604.

¹⁴⁴ JERONIMO. *Chronicum*, s.a. 352. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0347-0420,_Hieronimus,_Chronicum,_MLT.pdf> Acesso em: 10/05/2011.

¹⁴⁵ VALDÉS GALLEGU, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSÉBIO, Quinto Aurélio. *Cartas (Libros I – V)...*, p. 8.

¹⁴⁶ GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. Tradução para o português: Federico Carotti. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143 – 179.

exemplo, que ele trocava correspondências com Libânio, professor de retórica em Antioquia, o qual tinha como língua materna o grego e desconhecia o latim¹⁴⁷. Embora as cartas encaminhadas a Libânio por Símaco não tenham sobrevivido até nossa época, encontramos nas epístolas do retor grego os vestígios da amizade existente entre ele e o orador latino. A sentença “em sua carta, como você mesmo observou”¹⁴⁸, da carta encaminhada por Libânio a Símaco, é uma das comprovações da permuta de documentos entre eles.

Nesta mesma epístola, Libânio esclareceu que necessitava dos serviços de um tradutor para ler os textos do amigo latino¹⁴⁹. Ao longo do processo histórico, a língua sempre fora um obstáculo na tentativa de uma comunicação mundial. Convivemos com as dificuldades promovidas por esta barreira mesmo em um cenário globalizado, como o contemporâneo. Como excluirmos este problema das épocas passadas? Impossível. Tanto que a existência de diferentes línguas fora considerada uma penalidade imposta por Deus aos homens quando estes construíram a Torre de Babel com o intuito de alcançar os céus¹⁵⁰.

Deste modo, acreditamos que seria impraticável o estabelecimento de uma relação de amizade na qual nenhum dos indivíduos falasse uma língua comum ou, pelo menos, entendível, por um dos lados.

Outra pista que fortaleceu nossas crenças a respeito do provável conhecimento de Quinto Aurélio Símaco Eusébio sobre o idioma grego foi uma mensagem encaminhada a ele por seu pai, Aviano Símaco:

Este é um dom que não somente poderia presumir a Campania, senão por mesmo Roma, ou Atenas, se uma composição desta classe fosse traduzida para obter a honra de ser expressa em grego.¹⁵¹

Este trecho fora uma réplica de Aviano a seu filho, motivada por uma carta enviada anteriormente por Quinto Aurélio. Inspirado pelas imagens de sua vila de Baia, Quinto Aurélio Símaco se impôs a missão de escrever a seu pai, com o intuito de informar ao genitor sobre as atividades que vinha desenvolvendo.

¹⁴⁷ Conforme notas de NORMAN, A.F. In: LIBANIUS. **Autobiography and selected letters**. vol. II. Edited and translated by A.F. NORMAN. Cambridge – Massachusetts; London – England: Harvard University press, 1992, p. 387.

¹⁴⁸ LIBANIO. **Carta** 177, 6.

¹⁴⁹ LIBANIO. **Carta** 177, 4.

¹⁵⁰ **Gênesis** 11, 1 – 9.

¹⁵¹ AVIANO SÍMACO. In: SÍMACO EUSÉBIO. **Cartas** 2, 1.

Esta primeira *Carta*, do livro I, escrita em verso e prosa, tem como resposta paterna a *Carta 2* (do mesmo livro), na qual o pai de Símaco elogiou a elegância do estilo de escrita do filho, bem como sua eloquência. Afirmou que a composição do filho deveria ter a honra de ser expressa em grego, porém, se algo desagradasse o autor, este deveria corrigir suas palavras, o que não era uma vergonha, visto que uma obra necessitava deleitar o leitor.

Tais vestígios nos levam a conjecturar a respeito do conhecimento do idioma grego possuído por Quinto Aurélio Símaco. Todavia, esclarecemos, são avaliações iniciantes que merecem mais atenção, mas fogem de nossos estudos.

Sabemos, ao certo, que a ampla formação deste indivíduo impulsionou-o em sua carreira junto ao círculo de poder imperial romano. Como recompensa para os estudos desenvolvidos por Símaco e para os ofícios prestados ao Império, os louros da glória. Enquanto Quinto Aurélio Símaco depositava, concomitantemente, seu empenho na administração e na política imperial bem como na empreitada de educar seus filhos, registrava seus feitos, criando uma linhagem familiar; uma fundamentação para sua posição como nobre, baseada nos princípios da retórica e na eloquência do orador.

No rastro dos ensinamentos ciceronianos, paternos e de seu mestre galo, utilizar-se sabiamente da palavra – estampada na mente, pela voz do orador, ou preservada pela tinta de sua pena – foi a forma encontrada por Símaco para exaltar os feitos de sua família e cobrar de seus descendentes a continuação desta nobre linhagem. Quem sabe não era um projeto que visava construir uma nova família aristocrática, aos moldes clássicos? Se considerarmos que a aristocracia vinha de berço e a nobreza era uma questão adquirida, segundo o pensamento isidoriano, podemos afirmar que coube a Aurélio Valerio e Aviano, avô e pai de Quinto Aurélio, iniciarem a linhagem nobre dos Símacos. Estes ilustres cidadãos transmitiram a Quinto Aurélio seus ensinamentos, valores e patrimônio (cultural e financeiro) e se destacaram devido aos serviços prestados em benefício do poder dos romanos. Portanto, o orador herdou, ainda em seu berço, estes princípios. Este fato o tornava um aristocrata ao menos no que diz respeito a ser sucessor de uma tradição ancestral grandiosa e de propriedades espalhadas pelos territórios romanos.

Entretanto, não encontramos explicitamente em seus documentos do círculo familiar termos vinculados a um grupo aristocrático. Os vocábulos sempre são referentes à nobreza, a notabilidade – e a sua ascendência frente à sociedade. Porém, as noções indicativas dos aristocratas (*optimates*), tais como uma correta formação familiar, riquezas

latifundiárias e prestação de serviços ao *imperium*, estão presentes. Elementos, estes, agora conectados através das elaborações de Símaco e pelo contexto tardo-antigo à nobreza. Portanto, sugerimos que caberia a Quinto Aurélio Símaco legitimar e ressaltar a nobreza de seu grupo. Isto feito, o primeiro degrau para seus descendentes alcançarem a aristocracia estaria solidificado.

O que certamente identificamos nestes escritos são os indícios de um novo grupo que buscava firmar sua superioridade diante da sociedade romana tardo-antiga, em meio a um cenário político e administrativo imperial que clamava por reelaborações para sobreviver e preservar sua hegemonia. Defesas que exigiam a correta disposição das letras na composição de teorias políticas e que incitassem a compreensão e a memorização dos assuntos pelos ouvintes. Estímulos estes provenientes dos estudos da retórica e do exercício constante da oratória e da eloquência, visto que as habilidades sustentadas por estes subsídios atraíam a atenção do público ao excitar diversas emoções e chamar à memória os argumentos dispostos nos textos apresentados.

2. A DISPOSIÇÃO DOS DOCUMENTOS DE SÍMACO

A principal documentação selecionada para a presente pesquisa apresenta-se em forma de *Discursos* (*Orationes*) de cunho laudatório, escritos por Quinto Aurélio Símaco Eusébio. Nossos estudos têm como eixo central a análise de dois dos oito *Discursos* de Símaco que chegaram até nossos dias com poucos desfalques. Selecionamos estes documentos porque ambos foram configurados conforme a literatura panegirística, a respeito da qual desejamos compreender com mais precisão, e porque estes escritos elaboraram uma imagem imperial referente ao mesmo personagem: Valentiniano I. Em conformidade com as palavras de Aristóteles, “para conhecermos as coisas compostas temos de decompô-las até chegarmos aos seus elementos mais simples”¹⁵², por isso, optamos por analisar discursos elaborados por um indivíduo neoplatônico que corroborou com a formatação de uma teoria política em reelaboração durante a Antiguidade Tardia. Para tanto, estudamos estes dois *Discursos* que pintaram as vitórias valentinianas contra os alamanos e estabeleceram fundamentos apropriados para a política imperial de Valentiniano I e até mesmo de seus descendentes. Documentos que, ao louvarem as atitudes do governante, edificavam uma base ideológica sólida para aquela sociedade, alicerce, este, tonificado por virtudes carregadas por Valentiniano e por ele defendidas em nome dos romanos e para o benefício de todos.

É importante observarmos que os dois textos foram redigidos para homenagear Valentiniano I, prontamente, ressaltamos o caráter elogioso e, certas vezes, exagerado das palavras ali expostas. Entretanto, o discurso construído sustentava uma imagem aceita – e desejada – por aquela sociedade. Pode até ser que esta figura imperial desenhada pela tinta de Símaco não coubesse totalmente naquele contexto, porém, era uma matriz, uma realidade possível. Mesmo que o imperador edificado pelos panegíricos de Símaco fosse, acima de tudo, uma figura idealizada, ao fixarmos nossos olhos sobre o modelo de governante traçado pelo orador tardo-antigo alcançamos um pouco mais aqueles homens do passado, suas maneiras de pensar, suas ambições.

Longe de buscarmos nestes textos uma imagem real de Valentiniano I, nossa intenção é verificarmos uma imagem imperial construída para liderar os romanos e fazê-los pautar suas condutas de maneira adequada ao que se esperava dos membros daquela

¹⁵² ARISTÓTELES. *Política* I, I.

sociedade. Assim, lançamos luzes sobre o conteúdo político-ideológico de alguns textos panegirísticos, seus mecanismos de organização e de funcionamento, e sobre os engenhos de reciprocidade entre imperadores e homens de saber daquela época.

Os *Discursos* de Símaco reforçaram a fama de “orador eloquente” deste magistrado – característica que também podia ser observada em muitos de seus *Informes*, marcados por traços emotivos e por tons de discurso. Este autor foi considerado um destacado orador romano por muitos de seus contemporâneos, alguns deles, homens de saber do universo cristão, como Aurélio Prudêncio Clemente. Conservaram-se para a atualidade apenas oito de seus *Discursos*, descobertos em um manuscrito palimpsesto repartido entre a Biblioteca Ambrosiana de Milão e a do Vaticano¹⁵³.

Nestes documentos o estilo retórico de escrita deste senador pode ser observado detalhadamente. São registros mais extensos do que suas *Cartas* e *Informes*, portanto, oferecem mais liberdade à tinta do autor, o qual tem maior superfície para expressar suas idéias. Contudo, os *Discursos I e II*, que são seus maiores *Discursos*, devem ser analisados com cautela, devido à intenção glorificadora carregada por eles. Seus títulos já evidenciavam que o tema dos textos eram elogios ao governante:

Discurso I: Primeiro elogio a Valentiniano Augusto, o Maior¹⁵⁴

Discurso II: Segundo elogio a Valentiniano Augusto, o Maior¹⁵⁵

Como a natureza da própria fonte propõe, o discurso laudatório e legitimador produzido nestes escritos era muito mais forte do que em qualquer outro documento deixado por Símaco. E mais do que refletir realidades sociais e políticas, eles foram instrumentos de reelaboração destas realidades.

Com o intuito de evitar possíveis prejuízos na interpretação dos *Discursos* do ponto de vista da historiografia, dedicamo-nos a traduzi-los diretamente do latim para o idioma português. Para tanto, utilizamos a versão original compilada pelo historiador germânico Otto Seeck, no final do século XIX e disponível no sítio *Monumenta Germaniae Historica*¹⁵⁶. Como apoio para nosso trabalho, também nos servimos da versão espanhola

¹⁵³ VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. In: SÍMACO. **Informes – Discursos**..., pp. 161 – 162; e VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. Introducción General. In: SÍMACO. **Cartas** (Libros I – V)..., p 29.

¹⁵⁴ *Laudatio in Valentinianum Seniore Augustum Prior*.

¹⁵⁵ *Laudatio in Valentinianum Seniore Augustum Altera*.

¹⁵⁶ *Discursos: Q. Aurelli Symmachi V.C. orationum quae supersunt*

Disponíveis em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794>
Acesso em: 03/2007.

levada a cabo por José Antonio Valdés Gallego e publicada pela Editora Gredos, sendo esta a primeira edição crítica para tal idioma. Esta obra traz riquíssimas notas sobre o uso de textos clássicos por parte de Símaco e também algumas informações contextuais.

2.1. Alguns *Discursos* de Símaco

Com relação aos *Discursos I* e *II* de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, textos sobre os quais nos debruçaremos com mais ênfase, eles nos dão notícias sobre a vida e os feitos de Valentiniano I ausentes em outros autores da época, como sua formação junto a seu pai em África, sem contar as meticolosas descrições das obras defensivas levadas a cabo pelo imperador¹⁵⁷. Conforme mencionado anteriormente, os títulos destes documentos de cunho panegirístico já evidenciavam o louvor ali prestado aos feitos imperiais: “Primeiro elogio a Valentiniano Augusto, o Maior”, pronunciado no ano de 369; e “Segundo elogio a Valentiniano Augusto, o Maior”, em 370. A expressão “elogio” (*laudatio*) somente foi utilizada nos títulos dos *Discursos* de Símaco para fazer referência ao imperador Valentiniano I e seu filho Graciano, proclamado Augusto por seu pai em 367. Os outros cinco documentos desta natureza exibiam apenas o termo “por” (*pro*), seguido pelo nome da pessoa sobre a qual se falava e/ou pela qual se pedia algo¹⁵⁸.

Como a natureza da própria fonte sugeria, o discurso laudatório e legitimador produzido nestes escritos era muito mais forte do que em qualquer outro documento deixado por Símaco. Na mesma linha dos argumentos de Conte, sabemos que o orador profissional desenvolvia um panegírico com o intuito de persuadir o ouvinte/leitor. Seus escritos integravam uma espécie de “campanha de persuasão”.¹⁵⁹ Diante da natureza apologética destes documentos, para nos auxiliar a compreender as mensagens ali edificadas, lançamos mão de princípios da Filologia, mais especificamente da Linguística Histórica, com o intuito de entender o trabalho de elaboração destas obras do senador tardo-antigo. Procuramos abranger a carga semântica das palavras, os significados dos termos escolhidos e utilizados pelo autor.

¹⁵⁷ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción. In: SÍMACO. *Informes – Discursos...*, p. 155.

¹⁵⁸ *Pro Patre, Pro Trygetio, Pro Flavio Severo, Pro Synesio, Pro Valerio Fortunato*.

¹⁵⁹ CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a History*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 633.

Ressaltamos, todavia, que caminhamos pela alameda da Filologia como historiadores, convidados por Marc Bloch a nos integrar a interdisciplinaridade mantendo, sobretudo, o olhar próprio do historiador¹⁶⁰. Neste ínterim, abriremos mão de compreender determinadas questões referentes à como e por que a língua latina se modificou; seus dialetos e variedades. Preocupamo-nos com o estudo material e crítico dos textos; a utilização da linguagem; e a organização textual. Ao estilo da linguística histórica tida por Silva como *lato sensu*, aplicada a teorias do texto e do discurso de dados datados e localizados¹⁶¹. Elementos que, no caso de nossa pesquisa, esclareceram a perspectiva contextual e histórica em que Quinto Aurélio Símaco estava envolto.

A primeira notificação é concernente à natureza dos documentos tratados. O cunho laudatório pode ser observado em todas as palavras selecionadas detalhadamente pelo autor. Os cabeçalhos dos textos esclarecem que ali se oferecem “elogios” ao imperador. A palavra *laudatio* é a primeira a se apresentar em cada um dos títulos¹⁶². *Laudatio* é um substantivo feminino que significa elogio, louvor. Conforme Massaud Moisés, na língua latina o vocábulo grego *apología* (apologia), “assumiu a conotação de elogio e, neste caso, constitui sinônimo de panegírico”¹⁶³, apesar de também encontrarmos a palavra *apologia* no idioma latino. Neste ínterim, verificamos que ao eleger a palavra *laudatio* para intitular suas obras, Símaco vinculou-se a chamada literatura panegirística.

Além da carga semântica das palavras, também foram levados em conta nesta pesquisa a estrutura do texto e a natureza dos temas tratados. O panegírico tem sua origem no mundo grego (*panegyrikós*; no latim: *panegyricus*). É relativo ao discurso solene, uma oração escrita e/ou proferida em louvor de alguém ou de algo¹⁶⁴. Herdeiros da cultura grega, os latinos acolheram a prática dos textos laudatórios, embora Rodríguez Gervás notifique que há diferenças entre os panegíricos gregos e os latinos. Entretanto, muitos

¹⁶⁰ BLOCH, Marc L. B. *op. cit.*, pp. 53 – 54.

¹⁶¹ SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Ouvir o inaudível. In: **Caminhos da Linguística Histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. p. 09. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/caminhosok.pdf>> Acesso em: 21/03/2011

¹⁶² “*Laudatio in Valentinianum Seniore Augustum Prior*”. “*Laudatio in Valentinianum Seniore Augustum Altera*”.

¹⁶³ MOISÉS, Massaud. Apologia. In: **Dicionário de termos literários**. Pp. 33-34. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=0Pn4qAZ-QyoC&pg=PA162&lpg=PA162&dq=epital%C3%A2mios+claudiano&source=bl&ots=3qTNzxVJWn&sig=etli_o-jQOoYQfn1qwUR11J2kFI&hl=ptR&ei=2RyNTcXYK4TEgQevrNixDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CCQQ6AEwAg#v=onepage&q=paneg%C3%ADrico&f=false> Acesso em: 20/03/2011.

¹⁶⁴ MOISÉS, Massaud. Panegírico. In: **Dicionário...**, p. 335.

aspectos da oratória latina (*oratio*) já se encontravam nas *laudationes funebris* dos gregos, nas quais se recordavam de maneira elogiosa a figura do falecido¹⁶⁵.

Apontado por Cícero como “o ilustre pai da eloquência”¹⁶⁶, Isócrates foi considerado modelo para a elaboração de panegíricos tanto para gregos como para latinos. Sabemos que desde o final do século IV a.C. a enunciação de discursos políticos consistia em uma prática comum. Entre julho e setembro de 380 a.C., Isócrates pronunciou sua primeira obra com o intuito de promover divulgações políticas, “su título procede de las fiestas religiosas (*panegýria*) que se celebraban tras los juegos de Olimpia, y en las que tales discursos encontraban un auditorio numeroso”¹⁶⁷. O *Panegírico* de Isócrates avaliava os corretos princípios gregos em contrapartida aos interesses bárbaros e convidava os gregos a se unirem contra a ameaça persa¹⁶⁸, um inimigo comum. Simultaneamente a valorização do imperador promovida por Quinto Aurélio Símaco, em seus *Discursos*, o escritor tardo-antigo comparou romanos e bárbaros para requerer a superioridade do Império Romano. Assim como fizera o orador grego, Símaco seduzia seu público com suas palavras e solicitava sua união contra os inimigos comuns do poder dos romanos.

Rodríguez Gervás e Galletier apontam várias razões para que um panegírico fosse pronunciado¹⁶⁹. Entre elas destacamos a ocasião das *quinquennalia* do imperador (comemoração ocorrida a cada cinco anos do imperador na liderança dos romanos) e a *gratiarum actio* (ação de graça, *gratidão*) pelo consulado. Observamos que o *Discurso I* de Quinto Aurélio Símaco foi escrito para homenagear os primeiros cinco anos de Valentiniano I como imperador dos romanos: “Já cumpres um lustro no poder.”¹⁷⁰

Quanto ao *Discurso II*, este foi preparado em razão do terceiro consulado de Valentiniano, como evidenciado pelo autor na seguinte passagem: “Houve uma causa evidente pela qual foi forçado a assumir pela terceira vez os fasces.”¹⁷¹ Desde a época clássica, os cônsules eram acompanhados por lictores que carregavam consigo um feixe de varas com um machado, denominado fasces. Durante a Antiguidade Tardia, normalmente,

¹⁶⁵ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. **Propaganda política y opinión pública en los panegíricos latinos del bajo imperio**. Salamanca: Ediciones Universidade de Salamanca, 1991. p. 26.

¹⁶⁶ CÍCERO. *Sobre el orador II*, 10.

¹⁶⁷ GUZMÁN HERMIDA, Juan Manuel. Panegírico (IV). In: ISÓCRATES. **Discursos I**. Introducción, traducción y notas de Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 1979. p. 199.

¹⁶⁸ SANCHO ROCHER, Laura. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: **Gerión**, vol. 20, n. 1, 2002, p. 234.

¹⁶⁹ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 26; GALLETIER, Édouard. **Panégyriques latins**. Tome I (I – V). Paris: Société D’Edition “Les Belles Lettres”, 1949, p. VIII.

¹⁷⁰ SÍMACO. **Discurso I**, 16.

¹⁷¹ SÍMACO. **Discurso II**, 2.

o número de lictores que escoltavam o governante era doze, porém, Domiciano chegou a contar com vinte e quatro.¹⁷² Os fascas simbolizavam o poder e a autoridade, ao abrirem passagem para o indivíduo merecedor da magistratura suprema, o cônsul. Conforme a sentença de Símaco, Valentiniano ostentava pela terceira vez esta insígnia. Portanto, os motivos que moveram a elaboração de ambos os textos deste autor também respeitaram as tradições panegirísticas: comemorações da *quinquennalia* e gratidão pela magistratura consular.

A coleção conhecida como *Panegíricos Latinos* proporciona textos emblemáticos desta natureza. É composta por onze discursos de retóricos galos, mais o *Panegírico de Trajano*, escrito por Plínio, o Jovem, no ano 100¹⁷³. Estes documentos de autorias variadas, mas marcadamente galas, e datas diversas, foram frutos de um período no qual a retórica teve extraordinário destaque. Com os Flávios, especialmente Vespasiano, no século I d.C., iniciou-se uma política de mobilidade social que privilegiou demasiadamente gramáticos e retóricos¹⁷⁴. Plínio, o Jovem, declarou que um número considerável de cátedras espalhou-se por todo o território romano e que, a partir de então, os professores eram contratados pelo serviço público¹⁷⁵. A partir da IV^a centúria, tal política foi impulsionada por Constantino e múltiplos editos tornaram-se leis em benefício destas disciplinas¹⁷⁶. Os laços entre os conhecedores da retórica, as elites locais e os governantes se estreitaram, o que gerou um ambiente favorável para a elaboração de discursos laudatórios. Enquanto os líderes reclamavam a valoração de seus poderes, os habilitados do mundo das letras empenhavam-se para requerer tal aprovação em favor do governante e, *pari passu*, resguardavam seu privilegiado lugar perante aquela sociedade. Lugar, este, no seio do poder, como a voz daquele que regia.

Voltamos a insistir, embora Símaco não tenha empregado a palavra *panegyricus* em seus títulos, o termo *laudatio*, a estrutura dos documentos e os assuntos apresentados demarcavam panegíricos. Além disso, a própria coletânea dos *Panegíricos Latinos* traz três títulos sem a expressão *panegyricus*. São eles: *Eumenii pro instaurandis scholis oratio*;

¹⁷² Conforme observações de VALDÉS GALLEGÓ, Jose Antonio. SÍMACO. **Informes – Discursos...**, p. 187.

¹⁷³ Consideramos a data informada nos textos de RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 11; GALLETIER, Édouard. *op. cit.*, p. X; HIDALGO DE LA VEGA, María José. *op. cit.*, p. 114.

¹⁷⁴ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 15.

¹⁷⁵ PLÍNIO SEGUNDO. **Epístolas** IV, 13, 6: “*Totum etiam pollicerer, nisi timerem ne hoc munus meum quandoque ambitu corrumperetur, ut accidere multis in locis video, in quibus praeceptores publice conducuntur.*”

¹⁷⁶ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, pp. 11 – 17.

*Incerti gratiarum actio Constantino Augusto; e Claudii Mamertini gratiarum actio de consulatu suo Iuliano Imp.*¹⁷⁷

2.2. A configuração de um *Discurso*

Quanto à disposição dos argumentos em um panegírico, eles estão devidamente organizados em três partes¹⁷⁸:

- introdução (ou proêmio): na qual há uma exposição das causas que levaram o autor a elaborar e pronunciar o discurso, ou seja, o objeto do discurso;
- proposição (ou argumentação): corresponde à parte central do texto. Apresenta temas variados relacionados com a pessoa elogiada (pátria, nascimento, educação e costumes; ações políticas em tempos de paz e de guerra; virtudes). Esta é a etapa da persuasão, na qual as provas serviam como exemplos;
- epílogo: resume os benefícios que a política desenvolvida pela figura louvada trazia ao Império. Neste momento, o orador deveria excitar, ainda mais, as emoções do ouvinte.

No capítulo seguinte, intitulado *A Construção de uma imagem de Valentiniano I por Quinto Aurélio Símaco Eusébio*, verificaremos que os *Discursos* de Símaco seguiam rigorosamente tais princípios. Portanto, nomeamos panegírico todo discurso fundamentado em elogios a acontecimentos, lugares ou pessoas. Por ora, nas palavras de Alves, observamos que “o panegírico foi o mais puro expoente da oratória”¹⁷⁹.

As obras estudadas nesta pesquisa são abalizadas por elogios, além disso, possuem estruturas próprias dos panegíricos. Assim requerida por Símaco tanto pelo uso do termo *laudatio*, quanto pelo próprio conteúdo de seus *Discursos*. Apontamos Símaco como um dos representantes do gênero panegírico na Antiguidade Tardia, em conformidade com especificidades propostas pelo seu contexto, é claro. Abstemo-nos de tomar os *Panegíricos Latinos* como modelos universais e únicos deste tipo de literatura. No caso de Símaco, por

¹⁷⁷ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 11.

¹⁷⁸ Conforme RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 19; CARVALHO, Margarida Maria de. *Paidéia e retórica no séc. IV d.C.*: a construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno. São Paulo: Annablume, 2010. p. 112.

¹⁷⁹ ALVES, Hélio J. S. Panegírico. In: **E-dicionário de termos literários**. Carlos Ceia (org.). Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=345&Itemid=2> Acesso em 20/03/2011.

exemplo, ele manteve-se afastado de qualquer atividade voltada ao ensino da retórica, diversamente da maioria dos autores dos *Panegíricos Latinos*. Além disso, o contexto da Gália referente a estes textos, também era díspar ao da Península Itálica – terras pelas quais Símaco circulava.

Por outro lado, lembremos da formação de Símaco com um retor galo. Por mais diferentes que fossem os cenários, as lições sobre a melhor forma de organizar as idéias e elaborar um discurso estavam fundamentadas em ensinamentos galos, os quais foram enaltecidos por Símaco que se mostrava grato pelo aprendizado recebido daquelas terras¹⁸⁰. No decorrer de nossos estudos, temos em mente estas particularidades. Símaco compunha o senado romano, percorria e conhecia a região itálica. Era um autor já vinculado diretamente a vida político-administrativa do Império quando escreveu seus textos e sua residência principal estava localizada em Roma. Portanto, Símaco era representante desta mescla de valores morais adquiridos em família e perante a sociedade, doutrinas educativas galas e contexto social itálico. Imbuído de todo este repertório, Símaco colocou sua pena a favor dos louvores imperiais ao escrever seus *Discursos* a Valentiniano I e Graciano.

Notamos ainda que o autor refere-se aos seus *Discursos* como *sermão*: “Para qual perigo tem deslizado meu sermão?”¹⁸¹ O sermão (*sermo*), por sua vez, é um subgênero da escrita panegirística. Refere-se a um discurso de grande importância, longo, demoradamente elaborado e pronunciado no púlpito¹⁸². Esta informação nos revelou o valor atribuído à obra pela autoridade de quem a redige e lê. Uma vez escrito por um membro do senado o texto ratificava o poder imperial. Outro dado importante é pertinente ao estilo de composição, cuidadosamente pensado e organizado. Além disso, esta anotação de Símaco confirmava a leitura oral dos documentos, perante um público selecionado para acolher, compreender e propagar tais mensagens.

2.3. Discurso: um elemento da Retórica

Ainda no mundo grego, a doutrina estóica conectou a razão (*lógos*) a “razão divina”, a “verdade real”, ou seja, a ciência teve destacado alcance no mundo romano.

¹⁸⁰ SÍMACO. *Cartas* IX, 88, 4.

¹⁸¹ SÍMACO. *Discurso* II, 20.

¹⁸² MOISÉS, Massaud. Oratória. In: *Dicionário...*, p. 331.

Paulatinamente, o termo *mythos* passou a designar um relato irreal e irracional. Seu antônimo, o *lógos*, procurava a verdade e elaborava um discurso racional¹⁸³.

Como expoente romano deste pensamento, citamos o filósofo – e enciclopedista – Marco Terêncio Varrão (116 – 27 a.C.)¹⁸⁴, cuja obra *De lingua latina* entrelaçou a palavra grega *lógos* a latina *oratio*. Sob influência estóica, a oratória latina (*oratio*) deveria ser baseada no uso da razão (*ratio* latina e *lógos* grega) e vinculada à argumentação patrocinada por palavras, portanto, uma dissertação, um discurso.

Enfim, a razão e o discurso, ou seja, *ratio* e *discursus*, vincularam-se a partir do entendimento de que a razão, para ser clara e verdadeira, deveria ser pensada, falada e/ou redigida de maneira ordenada, em formato de discurso¹⁸⁵. Diferente do mito, o discurso era um texto alicerçado na razão e exibido por meio de palavras organizadas. Etimologicamente, a palavra discurso vem do latim *discursus* e significa “ação de correr por ou para várias partes”¹⁸⁶. No âmbito da oratória – e da retórica –, o discurso *corria* por meios de palavras, para compor frases coordenadas com o intuito de comunicar uma mensagem. Na oratória, particularmente, a elocução deveria ser pública. Portanto, concordamos quando os estudiosos da linguística consideram que “a palavra latina *oratio* possui sentido idêntico ao do discurso que é sobretudo conversação”¹⁸⁷.

A fim de compreender o que é um discurso, primeiramente devemos apreciar a retórica, uma vez que a escrita discursiva era um dos componentes da retórica. Para tanto, estabelecemos o que entendemos por esta arte baseados na obra ciceroniana *De inventione*. A saber, nos referimos à retórica como uma arte por influência de Cícero que assim a denominou ao longo de seu livro I, mas também como “doutrina do dizer” (*doctrina dicendi*).

Herdeiro dos pensamentos sobre retórica desenvolvidos por Aristóteles, Cícero propôs que um discurso deveria ser composto por cinco partes. Sendo elas¹⁸⁸:

¹⁸³ VERNANT, Jean-Pierre. P. **Entre mito e política**. Tradução para a língua portuguesa de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 2001.

¹⁸⁴ VALENZA, Giovanna Mazzaro. Aspecto verbal em Varrão. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**. n. 002. Semestre II, 2008. pp. 38-51. Disponível em: <http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/segunda_edicao/3GiovannaMazzaro.pdf> Acesso em: 21/03/2011.

¹⁸⁵ MOISÉS, Massaud. Discurso. *op. cit.*, pp. 125 – 127.

¹⁸⁶ Idem, pp. 125 – 127.

¹⁸⁷ CEIA, Carlos. Discurso. In: **E-dicionário de termos literários**. Carlos Ceia (org.). Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/P/discurso.htm>> Acesso em 20/03/2011.

¹⁸⁸ CÍCERO. *De inventione* I, VII, 9.

- invenção (*inventio*): consistia no descobrimento de argumentos válidos para o texto, ou seja, assuntos que pudessem tornar a causa plausível;
- disposição (*dispositio*): os argumentos encontrados deveriam ser distribuídos em uma ordem apropriada;
- expressão (*elocutio*): a linguagem necessitava ser adequada a matéria;
- memória (*memoria*): significava a “firme percepção mental do tema e das palavras”;
- pronúnciação (*pronuntiatio*): denotava o controle da voz e do corpo.

Esta última parte do discurso, por sua vez, estava intimamente entrelaçada à oratória, devido ao domínio de voz, corpo, entusiasmo e fisionomia que o orador precisaria dispor. Reverenciado por seus contemporâneos como um exímio orador¹⁸⁹, Símaco parece ter desempenhado, especialmente, o processo da *pronúnciação* com perfeição. Entretanto, para que esta fase atingisse seu objetivo e a mensagem desejada chegasse ao seu público, a atenção as outras etapas do discurso era essencial. Diante disso, ressaltamos seu zelo com a gramática e outros elementos fundadores de um discurso atraente aos ouvintes e leitores.

Os argumentos selecionados para compor a *invenção* dos textos de Símaco louvavam os feitos de Valentiniano I, ao passo que concebiam uma imagem deste governante e construíam uma relação de parceria entre o imperador e o senado romano, notadamente com aquele que edificava a figura imperial, ou seja, o próprio Símaco. As provas selecionadas para tornar a causa admissível deveriam realmente provar o que se propunha. Para tanto, elas tinham que estar associadas à razão, somente desta forma estaria imbuída de verdade e poderia ser justificada e aceita. Conforme Galletier, o ponto de destaque na diferenciação dos panegíricos era a disposição das idéias, a qual não obedecia a regras mais preciosas do que a invenção¹⁹⁰, o que permitia aos autores um grande número de fórmulas para estes textos.

No caso dos *Discursos I e II*, os assuntos foram distribuídos de maneira a darem corpo a panegíricos. Com isso, quero dizer que os temas foram dispostos em *introdução*, *proposição* e *epílogo*. A partir desta acomodação, os argumentos ganhavam força para

¹⁸⁹ Conforme já mencionado, o cristão Aurélio Prudêncio Clemente e o neoplatônico Macróbio, entre outros autores daquele momento, lançaram importantes elogios aos dons referentes às letras escritas e faladas de Quinto Aurélio Símaco.

¹⁹⁰ GALLETIER, Édouard. *op. cit.*, p. XXXI.

convencer e atrair a confiança e a adesão do público – ouvintes ou leitores – em favor da teoria política elaborada naqueles textos.

No que se refere à *expressão*, Símaco é tido pela historiografia como um autor extremamente conservador, arraigado majoritariamente a norma clássica com detalhes arcaizantes¹⁹¹. Seu patrimônio léxico pode ser observado pela variedade de palavras expostas em seus trabalhos. Palavras, estas, arranjadas conforme o estilo retórico, a fim de persuadir aquele que as lia ou as ouvia e, desta forma, passavam a integrar a memória daquela sociedade. Uma memória política e socialmente possível e sustentável, estabelecida a partir de outras memórias e ações coerentes com a tradição e a moral daquele contexto. Idéias e modelos inspirados, acima de tudo, no real ou na expectativa que se tem sobre ele. Destarte, a partir da organização retórica e da exposição de seus argumentos, Símaco fundamentava uma história oficial a qual nutria uma memória cautelosamente selecionada e edificada por determinados membros da sociedade.

Herdada dos gregos, durante a Antiguidade, a retórica e as demais artes liberais compuseram o patrimônio do saber da sociedade romana, tanto não-cristã como cristã. Eram sete estas artes: gramática, retórica e dialética constituíam o *trivium*; aritmética, geometria, música e astronomia, o *quadrivium*. Apesar de existirem desde a Antiguidade Grega, foram organizadas no sistema *trivium-quadrivium* no século VI d.C. por Boécio¹⁹². De acordo com Cícero, ao ouvir os oradores gregos e conhecer seus discursos escritos, os romanos ansiaram por se dedicar e aprender a *oratio*¹⁹³. O domínio deste saber exigia inúmeras habilidades, bem como o conhecimento de diversas áreas. Aqueles beneficiados com a autoridade da oratória seriam, realmente, homens livres. Essencialmente, porque para desfrutar desta arte, a liberdade e as condições de estudo deveriam ser amplas. Em segundo lugar, porque este indivíduo era muito bem quisto como apoio daqueles que governavam. Afinal, seus textos legitimavam ações e valores. Em uma época em que poucas pessoas tinham acesso às letras, as palavras do orador ajudavam a conduzir as comunidades em torno de si e, em muitos casos, uma parte mais ampla da sociedade – conforme o desejo e a necessidade do governante que aprovava o discurso.

No âmbito da elaboração e propagação das mensagens destes textos, a *rhetorica* era o método de ordenamento de um discurso (que deveria ser proferido em público), enquanto

¹⁹¹ VALDÉS GALLEGOS, Jose Antonio. Introducción General. In: SÍMACO. **Cartas** (Libros I – V)..., p. 16.

¹⁹² MONGELLI, Lênia Márcia. Retórica: a virtuosa elegância do bem dizer. In: Mongelli, Lênia Márcia (coord.) et al. **Trivium e Quadrivium**: as artes liberais na Idade Média. Cotia-SP: Íbis, 1999, p. 77.

¹⁹³ CÍCERO. **Sobre el orador** I, 14.

a *oratio* era uma das partes que compunham esta arte, em parceria com a *uis oratoris* (força do orador) e a *quaestio* (investigação, busca, interrogatório)¹⁹⁴. Portanto, os componentes da retórica se voltavam para a melhor forma de organizar as palavras e dispô-las em frases. Atuações que culminavam em um discurso difusor de determinadas mensagens voltadas à racionalização do poder, em conformidade com a tradição pan-helênica da intenção propagandística de um texto declaratório¹⁹⁵.

Estes documentos anunciavam a cultura na qual o soberano estava imerso e dele emanava. Sendo estes princípios promovidos pelo mais distinguido entre os cidadãos romanos – o *princeps* e *imperator* – a publicidade legitimava esta figura e a tornava um modelo, a qual todos deveriam copiar. Afinal, ele expunha o *verdadeiro homem romano*, repleto de virtudes. Um *homem ideal*, é claro, construído retoricamente, mas um expoente almejado dentro daquele universo.

Neste ínterim, concordamos com Hidalgo de la Vega em sua comparação da literatura panegirística com espelhos de príncipes (*specula principes*)¹⁹⁶. Uma vez que os documentos de Símaco propunham um padrão tão perfeito de indivíduo, reconhecido na pessoa de Valentiniano I, todos os componentes daquela sociedade desejariam imitar as atitudes imperiais. Através desta imitação, os princípios acolhidos e valorados pelo orador eram propagados naquele cenário. Assim, suas palavras auxiliavam na manutenção da ordem romana, pois todos aspirariam às virtudes. Além disso, os adjetivos e as proezas selecionados por Símaco para adornar este “defensor eterno” fazia com que próprio imperador almejasse ser este indivíduo. Lembremos que, mesmo os panegíricos elogiosos, possuíam críticas ao governante. Em seus *Discursos*, Símaco traçava o comandante ideal, abastado pelas virtudes, e, caso não estivesse totalmente de acordo com os exemplos ali expostos, o próprio imperador deveria copiá-los para ser um líder dotado da capacidade de proteger os romanos.

Por este caminho, a escrita de Símaco se convertia em propaganda da figura imperial – soberana e necessária –, e do autor dos *Discursos*, pois acentuava seu lugar naquele contexto: ao lado do governante do *imperium*.

O protagonista dos *Discursos* de Símaco, Valentiniano I, fora reconhecido pelo autor como “defensor eterno” dos romanos, aquele que agia sempre em benefício da

¹⁹⁴ Cf. MONGELLI, Lênia Márcia. *op. cit.*, pp. 73 – 112.

¹⁹⁵ ALONSO TRANCOSO, V. La *paideia* del príncipe y la ideología helenística de la realeza. In: **Gerión** – Anejos, IX, 2005, p. 186.

¹⁹⁶ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *op. cit.*, p. 104.

eternidade de Roma. Um indivíduo que superava a todos os outros em virtudes, portanto, conforme o direito exaltado na *Política* de Aristóteles, era justo que este homem governasse de forma suprema¹⁹⁷ e que, devido a sua formação, distribuisse as magistraturas de acordo com o mérito daqueles bem preparados para administrar o poder¹⁹⁸. Percebemos, então, o afinco de Símaco em demonstrar a utilidade da figura imperial e sua própria vinculação a ela. Afinal, as constantes reelaborações político-administrativas tardo-antigas fomentaram a elevação social de muitos indivíduos e um dos caminhos para esta ascensão era tornar-se um colaborador direto da política imperial. Esta relação pessoal entre o homem de saber e o governante girava em torno de relações de clientelismo e patronato. Os vínculos provenientes desta proximidade favoreciam a ambos, pois o imperador (que representava o patronato da relação) necessitava corroborar seu poder através de palavras cuidadosamente dispostas em textos escritos e proclamados em público. Enquanto aquele (no papel de cliente) garantia seu lugar perante a sociedade, uma vez que integrava o círculo de poder constituído à volta do soberano.

Ao longo de seus textos, Símaco ressaltou que Valentiniano I compreendia o usufruto do *imperium* como um serviço (*servitium*) que deveria prestar a Roma, longe de ser um poder privado. Tanto que, segundo o orador, o governante deixara a afronta de seu inimigo privado, Procópio, por conta de seu irmão Valente, enquanto ele combatia o inimigo comum, os alamanos¹⁹⁹. Para Valentiniano, os assuntos públicos estavam em primeiro lugar²⁰⁰. Deste modo, o imperador servia aos romanos ao protegê-los das ameaças internas e externas; estender os limites territoriais até regiões anteriormente inalcançadas²⁰¹ ou perdidas para os bárbaros em tempos atrás²⁰²; manter a ordem e o bem comum, finalidade de toda política, em conformidade com a máxima aristotélica²⁰³.

Observamos que, na busca de um discurso de coesão e fundamentação do poder imperial, os argumentos em benefício da questão pública garantiam a hierarquia das ações e dos indivíduos que a aquartelavam. Portanto, visto que Valentiniano I atuava com o intuito de favorecer os assuntos públicos, ele estava acima dos demais cidadãos. Esta era uma das provas – estabelecidas pelos *Discursos* de Símaco, é certo – que garantiam a

¹⁹⁷ ARISTÓTELES. *Política* III, XVII.

¹⁹⁸ ARISTÓTELES. *Política* III.

¹⁹⁹ SÍMACO. *Discurso* I, 19.

²⁰⁰ SÍMACO. *Discurso* I, 19-20.

²⁰¹ SÍMACO. *Discurso* II, 24.

²⁰² SÍMACO. *Discurso* I, 16.

²⁰³ ARISTÓTELES. *Política* I, I; III, XII.

superioridade deste governante perante a sociedade romana e a possíveis tentativas de usurpações.

Concomitantemente a esta elaboração, Símaco também exaltava os serviços que o senado prestava àquela sociedade ao resguardar os costumes dos antepassados (*mos maiorum*)²⁰⁴ e amparar a correta administração do *imperium* levada a cabo por Valentiniano I. Mais que isso, o autor ainda se destacava deste grupo como porta voz do senado e do imperador e testemunha ocular das empreitadas do soberano contra os bárbaros²⁰⁵. Ele coloria as ações imperiais, com tinta, gestos e voz, o que tornava o governante útil aos romanos; fazia estas obras serem conhecidas – e reconhecidas – através de um discurso oficial que legitimava a política valentiniana e ganhava espaço na memória oficial de Roma.

2.4. A escrita discursiva de Quinto Aurélio Símaco

Conforme mencionado no primeiro capítulo de nosso trabalho, apesar da multiplicidade de documentos que nos foi herdado por Quinto Aurélio Símaco, poucos estudos levaram em consideração seus escritos. Especialmente, por este orador ter vivido em uma época em que o cristianismo estava em ampla expansão, a maioria das análises historiográficas referentes a seu período tem como objeto central figuras representantes desta religião. Sendo assim, conhecer a VI^a centúria da história dos romanos, pelo viés de um senador neoplatônico, pareceu-nos uma proposta bastante atraente e imprescindível para uma disciplina histórica que preza pela pluralidade e releituras de documentos.

Para alcançar nossos objetivos, selecionamos para exames dois escritos de autoria de Quinto Aurélio Símaco: seus *Discursos I* e *II*. Estes dois textos são os mais longos discursos de Símaco. Neles, observamos a influência de autores clássicos. Influxos estes que podem ser explícitos, conforme aconteceu no caso de Homero e Virgílio, autores que tiveram exemplos de suas obras claramente citadas por Símaco. Ou, ainda, influxos implícitos, como no caso de Aristóteles, Tucídides, Cícero, Salústio (especialmente informações referentes a Caio Mario) e Plínio (o Jovem). Para analisarmos as ocorrências destas influências (explícitas e implícitas), lançamos mão da leitura dos subtextos ou

²⁰⁴ SÍMACO. *Discurso II*, 2.

²⁰⁵ SÍMACO. *Discurso II*, 31.

intertextos²⁰⁶ presentes na documentação de Símaco. Desta maneira, foi possível verificarmos parte da formação literária deste orador tardo-antigo e, além disso, alguns elementos constituintes da tradição nos quais acreditava e continuava a defender e propagar no cenário em que vivia.

Em tempo, lembremos que Símaco não foi o único em seu contexto a colocar sua pena a serviço de discursos laudatórios em honra a imperadores. Temos o caso, por exemplo, dos chamados *Panegíricos Latinos*. De épocas variadas, são em número de doze. O primeiro a Trajano, elaborado por Plínio, o Jovem, e o último a Teodósio, por Pacato. Mais uma herança clássica, adaptada e preservada em uma sociedade que se reelaborava para manter sua hegemonia perante o restante do orbe.

Os *Discursos* de Símaco que fundamentam nossas análises foram pronunciados em 369 e 370, na corte imperial de Tréveris. Algumas pesquisas sugerem que o segundo tenha sido proferido na região do próprio palco da vitória valentiniana contra os alamanos²⁰⁷, na área do atual estado alemão de Baden-Württemberg. Afinal, este seria um local propício para cantar as glórias do governante, diante daqueles que dividiam a cenografia apresentada no *Discurso II*.

2.5. Vestígios do pensamento historiográfico em Símaco

Esclarecido que Símaco dedicou-se a escrever estes dois textos de forma discursiva e em concordância com o gênero panegirístico, mergulhamos em outro elemento utilizado por ele para a exposição de seus argumentos: a História. A fim de promover a veracidade para suas palavras, Símaco lançou mão de acontecimentos e personagens históricos para validar seu raciocínio, o que proporcionou tons históricos a seus textos. Esclareço que me refiro a *tons históricos* contidos em seus panegíricos, não à elaboração de uma História aos moldes da Antiguidade Tardia.

Isso posto, observamos que o autor aproveitou-se da própria metodologia de pesquisa do historiador antigo, ainda em voga na Antiguidade Tardia, baseada na verdade promovida pelo olhar daquele que corroborava os fatos e se dedicava a redigi-los, a fim de

²⁰⁶ A respeito da metodologia da “leitura do subtexto” aplicada nesta pesquisa, verificar SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura...*, pp. 626-631.

²⁰⁷ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción. In: SÍMACO. *Informes – Discursos...*, p. 156.

informar a respeito de sua imponência, em conformidade com o que apregoavam os historiadores gregos Heródoto²⁰⁸ e Tucídides²⁰⁹ e reforçava Luciano de Samosata no ano de 165 d.C.²¹⁰. A presença do autor durante os acontecimentos sobre os quais este desejava exercitar sua escrita permitia que os argumentos destacados daquele contexto fossem mais convincentes. Logo, mais do que o fato “de ter ouvido falar a respeito”, os olhos do escritor ofereciam maior veracidade aos episódios por ele narrados e sua tarefa seria selecionar corretamente as palavras que expressassem o ocorrido.

Uma das manifestações da importância deste pensamento nos *Discursos* de Símaco foi sua atenção às “situações confusas”²¹¹. Circunstâncias estas que moviam a história romana, dignas de serem contadas, escritas e lembradas, conforme defendia Tácito com relação aos fatos que reavivavam a atenção do leitor, sendo eles a “situação dos grupos gentis (*gentes*), a variedade dos combates, as mortes célebres dos líderes”²¹². Na esteira desta idéia, Símaco empregou suas habilidades para enaltecer as vitórias valentinianas sobre os alamanos e torná-las vivas na memória daquela sociedade.

De acordo com Símaco, Valentiniano I não se sentia intimidado ao preparar uma campanha contra os Alamanos. Portanto, assim que foi nomeado imperador (*imperator*), Valentiniano organizou e liderou uma marcha em defesa da Gália²¹³ que havia sido invadida pelos alamanos em 364. A respeito dos períodos conflituosos valia o esforço de escrever abundantemente, afinal, os combates apresentavam-se de forma diversificada. A paz era importante, é fato, mas a tranquilidade destes momentos proporcionava assuntos desinteressantes à tinta do autor. Em seu *Discurso II*, Símaco registrou que os bárbaros de lugares mais distantes aspiravam se unir a Roma. Neste cenário, até mesmo uma embaixada de burgúndios foi enviada a terras romanas para solicitar um acordo. Segundo suas palavras: “Desejam unir-se aos vitoriosos pela paz mais do que por uma fronteira.”²¹⁴ Todavia, esta passagem demonstrava uma ambição inserida por Símaco na boca e no pensamento daqueles que não compartilhavam os costumes romanos, os bárbaros. Porém, um anseio concernente para aquele contexto.

²⁰⁸ HERÓDOTO. *História* II, 44.

²⁰⁹ TUCÍDIDES. *Historia de la guerra del Peloponeso* I, 22, 2.

²¹⁰ LUCIANO DE SAMOSATA. *Cómo debe escribirse la historia* 47.

²¹¹ SÍMACO. *Discurso* I, 6.

²¹² TÁCITO. *Annalis* IV, 33.

²¹³ SÍMACO. *Discurso* I, 14.

²¹⁴ SÍMACO. *Discurso* II, 13.

Em deferência à paz desejada pelo ponto de vista romano, o autor anotou uma única frase: “[...] conduziste ao triunfo da paz.”²¹⁵ Anúncio este que finalizava mais uma sentença de feitos de campanha de Valentiniano: “Tu, o maior dos príncipes, descobriu outro grupo de louvor: enquanto examinas o segredo do orbe, enquanto constróis casas e não tendas no âmago dos bárbaros, conduziste ao triunfo da paz.”

Percebemos, então, que a paz, apesar de ser um importante feito, era assunto para poucas palavras. Investia-se concentração, pesquisas e muita tinta, sim, na vitória sobre o inimigo. Conquista esta exaltada nos momentos de embates em que os romanos faziam seu poderio ser percebido e temido. Mais precisamente, a *posteriori*, com a elaboração de discursos referentes a estes momentos.

As agitações internas e externas, sempre assolaram os romanos e os deixavam sob prontidão, preparados para garantir seu poder e hegemonia no orbe. Desde o ano de 268, quando iniciaram sua empreitada pela Gália e norte da Península Itálica, os alamanos representavam uma ameaça aos romanos e eram mantidos do outro lado do Reno através do pagamento de alguns tributos ou, em outras ocasiões, afastados pela força. Como ocorrera, por exemplo, na época do imperador Juliano. Conforme o historiador Amiano Marcelino, após a derrota perante os invasores no ano de 356, na Batalha de Reims, Juliano e seu exército venceram os alamanos em *Argentoratum* (atual Estrasburgo), em 357, e fizeram o rei almano Chnodomarius seu prisioneiro²¹⁶.

Neste cenário de conflitos, já encontrávamos a figura de Valentiniano I, quem fazia parte do círculo mais próximo de Juliano – e posteriormente de Joviano – no desempenho de sua carreira militar. Percebemos em Juliano um modelo para Valentiniano, visto que aquele fora um líder militar que angariou diversas vitórias contra os bárbaros, entre eles, os próprios alamanos, os quais novamente buscavam expandir seus limites sobre terras romanas.

No ano de 365, este grupo atravessou os limites impostos em acordos. Segundo Símaco, Valentiniano estava sempre atento às operações bélicas e, devido a esta atenção e sua liderança pode operar e colocar “em fuga a feroz Alamania”²¹⁷. Por estas ações – e outros interesses – Valentiniano recebeu contornos de um “defensor eterno” (*aeterne defensor*)²¹⁸ pelas mãos de um senador que acompanhou as intrigas da campanha contra os

²¹⁵ SÍMACO. *Discurso* II, 30.

²¹⁶ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XVI, 12.

²¹⁷ SÍMACO. *Discurso* I, 17.

²¹⁸ SÍMACO. *Discurso* II, 27.

alamanos bem de perto. Obras, estas, que suplantaram as “situações conflituosas”²¹⁹ através de vitórias e realçavam cada vez mais o nome dos romanos no panteão da História, por isso, deveriam ser anotadas e proclamadas em alto e bom tom.

Representante do senado e bem formado na arte da retórica, Símaco esteve presente nesta expedição para desempenhar o papel de testemunho das obras imperiais, conforme ele atestou em seu *Discurso II*: “Cantem outros o que falta: eu executarei o ofício de testemunho.”²²⁰ O orador afirmou, nitidamente, qual sua função nesta empreitada ao lado do imperador e contra os bárbaros: ser um testemunho. Neste momento, seguia a risca os ensinamentos do historiador da II^a centúria Luciano de Samosata, em sua obra *Como se deve escrever a história*, quanto à seleção e apresentação dos fatos narrados: quando estes fossem atuais, deveriam ser presenciados²²¹.

A palavra *testis* empregada pelo autor, em sua origem latina, estava relacionada à *testemunha*, ao *espectador*. Portanto, vinculada a *aquele que olha*, e, finalmente, aos *olhos*. Logo, percebemos em Símaco uma testemunha ocular das façanhas do governante, conforme a demanda de Tucídides. O testemunho tinha uma relação direta com as provas apresentadas, na medida em que as fundamentava. Aquele que havia visto, conseguia provar e argumentar com propriedade a respeito dos fatos. Por ter estado presente durante as empreitadas de Valentiniano, o senador tardo-antigo se arrogou o direito e, até mesmo, o dever de dizer (*dico*) o que nenhum outro monumento testemunhava, que a Alemanha vivia para Valentiniano²²². A presença do autor durante os episódios da contenda o fazia testemunha daqueles feitos, logo, poderia expô-los com perfeição. Para além disso, como homem de saber daquela época, era seu dever para com a história dos romanos narrar as obras que expandiam e legitimavam a *aeternitas Romae*.

Além do termo *testis*, as minúcias das ações valentinianas descritas por Símaco e a frase “*vimos a rendição de suas correntes próxima às agitações do Nilo*”²²³, não deixam dúvidas sobre a presença do senador nesta campanha. Para reafirmar seu papel de observador, neste caso foi utilizada a expressão *vidimus* (vimos).

Desde o clássico mundo grego, homens do saber e médicos já consideravam a visão um instrumento de conhecimento²²⁴. Portanto, a noção de testemunho ocular significava

²¹⁹ SÍMACO. *Discurso I*, 6.

²²⁰ SÍMACO. *Discurso II*, 31.

²²¹ LUCIANO DE SAMOSATA. *Cómo debe escribirse la historia* 47.

²²² SÍMACO. *Discurso II*, 12.

²²³ SÍMACO. *Discurso II*, 23. *Grifo meu*.

²²⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

mais do que apenas ver, tinha o sentido de comprovar a veracidade dos feitos. Neste ínterim, mesmo ao denegrir a imagem de Heródoto como historiador, Tucídides manteve os dois pilares para a escrita da história outrora exaltados por seu antecessor: o conhecimento pela visão e pelo ouvido, este, aceito apenas após muitas investigações. Conforme verificamos logo no primeiro parágrafo de sua *História da Guerra do Peloponeso*:

Quanto aos feitos ocorridos no curso da guerra, considereei que não era conveniente relatar-los a partir da primeira informação que caía em minhas mãos, nem como a mim pareciam, senão escrevendo sobre aqueles que eu mesmo presenciei e outros que me foram informados, investiguei caso por caso, com toda exatidão possível.²²⁵

Na empresa de Valentiniano I contra os alamanos, coube a Símaco presenciar e relatar as ações adequadas para serem informadas e, acima de tudo, obras dignas de serem lembradas, de constituírem um monumento da memória. Referimo-nos a *monumento* na acepção clássica do verbete latino *monumentum* ou *monimentum*: aquilo que serve para lembrar. Em harmonia com as especificidades do termo atribuídas por Varrão, o qual denominou monumento (*monimenta*) como “os escritos e fatos que se realizam para a recordação”²²⁶.

O senador tardo-antigo colocou seus olhos e sua pena a serviço da história de Roma, para preservar na memória e salvar do esquecimento os feitos enaltecidos dos romanos, conforme proclamara Heródoto – para o caso grego e persa, obviamente. Entretanto, apontamos que Símaco fez isto a partir de elementos do gênero histórico cotejados em seus panegíricos, sem se dedicar, especificamente, a elaboração de uma obra de caráter Histórico.

A possibilidade do autor de presenciar os fatos narrados aumentava a legitimidade dos acontecimentos. As testemunhas, neste caso, eram diretas, excluía-se o interlocutor. Os olhos viam e a pena anotava. Esta ação conjunta assegurava o discernimento de verdade e exigia do compositor o esforço de expor os fatos de modo que fossem universalmente compreendidos. Uma verdade desejada e garantida pela apropriada argumentação do autor do discurso e pela “força do orador”²²⁷, pela ligação entre as habilidades voltadas à escrita

²²⁵ TUCÍDIDES. *Historia de la guerra del Peloponeso* I, 22, 2.

²²⁶ VARRÃO. *De Lingua Latina* VI, 49.

²²⁷ O elemento referente à “força do orador” foi destacado por Cícero logo no início de sua *De inventione* (Livro I, 3) e repetidamente mencionado ao longo da obra.

e à eloquência. Uma verdade sustentada pelo discurso – escrito e oral – que fundamentava a política que se reelaborava a todo o momento.

Pronto: as palavras foram pensadas e grafadas! Entretanto, em uma sociedade na qual poucos conseguiam aprender as letras escritas, os vocábulos deveriam ser proferidos para alcançar um público mais amplo e passar a integrar os costumes daquele contexto. Cenário que propiciava o vínculo entre retórica e política, ou seja, entre o orador e o governante, no caso em destaque, entre Quinto Aurélio Símaco e Valentiniano I. Aquele manjava com destreza as letras, este, as armas; o primeiro era a voz e o segundo a força. Juntos, representavam e faziam valer as tradições baseadas nas virtudes, que sustentavam a hegemonia e a eternidade de Roma, perante os próprios romanos e frente às adversidades externas. Consolidava-se uma aliança entre retórica e poder que propagava uma imagem interna de um Império forte e ordenado para o bem de todos. Já para além dos limites romanos, a imagem do Império necessitava transmitir temor, devido a sua força, e deveria ser almejada por sua organização social.

3. A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE VALENTINIANO I POR QUINTO AURÉLIO SÍMACO EUSÉBIO

Como podemos observar, os romanos faziam parte de uma coletividade fundamentada em virtudes constantemente readaptadas aos processos históricos. Por meio de uma *pedagogia das virtudes*, os bons exemplos seriam copiados e se espalhariam por todo o território dos romanos, enquanto os maus arquétipos deveriam também integrar a memória daquela sociedade para que as nocivas atitudes fossem evitadas. As virtudes, portanto, mais do que um conjunto de princípios morais, faziam parte de um sistema ideológico responsável por assegurar a ordem romana e, simultaneamente, o bem comum, considerado por Aristóteles o fim de toda atividade política²²⁸.

Para ser soberano entre os romanos, ou seja, ser *princeps e imperator*, o indivíduo deveria portar e salvaguardar os valores sobre os quais se amparavam aquela sociedade. Em contrapartida, o governante precisava de apoio e bons conselhos para exercer suas funções, para tanto, buscava contribuições nas forças militares, nas ordens senatoriais e em funcionários administrativos. Mais que isso, o imperador necessitava de voz para angariar seus apoiadores nestes grupos e obter sua aceitação perante o restante de seus súditos.

Mesmo sendo um protetor dos costumes antepassados (*mos maiorum*), balizados nos princípios da época da *Res publica*, Quinto Aurélio Símaco apoiava a forma monárquica de governo instituída em seu tempo, desde que o poder exercido por um só estivesse nas mãos de um *basileus* não de um tirano (*tyrannus*)²²⁹. Portanto, o *basileus*, por usufruir corretamente do *imperium*, ou seja, por afiançar o bem comum, seria glorificado, respeitado e teria suas ações copiadas por todos os outros indivíduos; por oposição, o tirano que agia apenas em benefício próprio, seria perseguido e suas atitudes conhecidas para que fossem banidas daquela sociedade.

Sabemos que as noções de “bom” e “mau” eram elaborações do poderio romano e construídas segundo a política do momento. Conforme já mencionamos, o exercício do *imperium* era entendido como um serviço (*servitium*) prestado pelo governante aos romanos. As palavras de Quinto Aurélio Símaco dispostas em seus *Discursos I e II*

²²⁸ ARISTÓTELES. **Política** I, I.

²²⁹ Para os termos “monarquia”, “*basiléa*” e “tirania”, recorremos às definições de Aristóteles o qual utiliza o termo “monarquia” para indicar o “governo de um só” (ARISTÓTELES. **Política** III, VII – XVII); “Das formas de governo em que só um governa, chamamos a que visa ao bem comum de *basiléa* [...]. Os desvios são: da *basiléa*, a tirania.” (ARISTÓTELES. **Política** III, VII)

edificaram Valentiniano I como um “defensor eterno”, o governante ideal, dotado de virtudes e cercado por conselheiros que o auxiliavam em seus ofícios a favor do poder dos romanos.

Neste ínterim, o imperador tido como protetor e líder dos romanos, aquele que resguardava o *imperium*, estava no topo de uma pirâmide funcional e social²³⁰. Todavia, as idéias que destacavam este indivíduo dos demais precisavam ser organizadas de forma a persuadirem aquela sociedade a aceitar a primazia da figura imperial bem como o próprio governante, no caso estudado nesta pesquisa, Valentiniano I.

A Quinto Aurélio Símaco Eusébio coube a função de preparar e dispor os argumentos em um discurso persuasivo que transmitia as noções de superioridade e o desempenho de benfeitor do imperador. Deste modo, o orador utilizou-se de seus conhecimentos e habilidades para ser um *instrumento* de fortalecimento e legitimação do poder imperial, ao propagandear as virtudes e ações valentinianas. Através de suas palavras, escritas e proferidas durante leituras públicas, a imagem imperial recebia contornos e cores. Com isto, o “defensor eterno” da romanidade lograva lugar no pensamento dos homens daquela época; incorporava-se a memória daquela sociedade; e passava a integrar a História dos romanos.

De acordo com María José Hidalgo de la Veja, a persuasão provocada pelos panegíricos desempenhava um papel importante frente a crença no soberano como uma figura carismática, dotada de qualidades inerentes. Esta crença possibilitava que as relações de submissão fossem encobertas “por la proyección e imagen del soberanos con *salvador y protector* de la humanidad”²³¹. Logo, sendo o poder do imperador tardo-antigo de caráter carismático, a exaltação de determinadas virtudes era essencial para a sustentação de tal poder. Observamos, todavia, que estes valores eram compartilhados pelos indivíduos daquela sociedade, portanto, de fácil reconhecimento e aceitação para aquele contexto.

No decurso deste capítulo, analisamos as virtudes intrínsecas a Valentiniano I assinaladas por Símaco, bem como consideramos a maneira como estes valores foram dispostos para a construção de um imperador ideal, zeloso pela ordem na sociedade romana e pela humanidade (*humanitas*), princípio estudado nas páginas seguintes.

²³⁰ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *op. cit.*, p. 74.

²³¹ Idem, p. 109. *Grifos do original*.

3.1. Quinto Aurélio Símaco e as especificidades dos *Discursos* a Valentiniano

Antes de nos aprofundarmos na compreensão das qualidades de Valentiniano I especificadas por Símaco, apresentamos um resumo dos tópicos referentes aos documentos estudados em nossa pesquisa.

O *Discurso I* exaltava os feitos da vida e os intentos de Valentiniano I. Conforme Seeck, a data exata da articulação deste documento foi 25 de fevereiro de 369. Símaco havia sido escolhido pelo senado para entregar uma oferenda em ouro a Valentiniano I, na corte de Tréveris, por ocasião do primeiro lustro do imperador no comando do poder imperial²³². Uma análise detalhada do *Discurso* se apresenta ao longo do trabalho. A seguir, destacamos um resumo dos principais tópicos abordados em cada um dos parágrafos, bem como a divisão panegirística do texto:

- *Introdução*: assim como o *epílogo*, esta parte dos panegíricos, de maneira geral, não é muito extensa. Desenrolava-se em um ou dois parágrafos, no máximo. Para nossa má sorte – devido aos percursos do *acaso* –, a primeira folha deste documento de Símaco não foi conservada²³³.

- *Proposição*

- (1 e 2)²³⁴ Formação de Valentiniano e aclimatação do governante a todas as regiões;
- (3) Graciano, o Velho: seminário de bons governantes;
- (4) Os feitos épicos eram pequenos quando comparados às ações verdadeiras de Valentiniano;
- (5) Os generais do passado perdiam seu brilho quando confrontados com Valentiniano;
- (6) Aclamação (*acclamatio*) de Valentiniano pelo exército;
- (7, 8 e 10) O dirigente resistia em aceitar o poder imperial;
- (9) O governante foi eleito por homens livres;
- (11 e 12) Prontamente, Valentiniano I dividiu o poder com seu irmão, Valente;

²³² SEECK, Otto. *De Symmachi vita*. pp. XLVI – XLVII; CCX. Disponível em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 20/04/2008.

²³³ Segundo informações de Otto Seeck encontradas na versão latina do documento: *Q. Aurelli Symmachi V.C. orationum quae supersunt*, p. 318. Disponível em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 15/06/2007.

²³⁴ A numeração refere-se aos parágrafos dos documentos. A contagem foi feita sobre os textos que nos restaram, a partir do parágrafo número 1.

- (13) Comparação entre os seres celestiais e o poder imperial, igualmente repartido;
- (14) Valentiniano iniciou ações militares às margens do Reno;
- (15) O dirigente preocupou-se com os problemas das Gálias;
- (16) Valentiniano não descansava. Estava sempre na ativa, especialmente quando comparado aos governantes do passado;
- (17) Enquanto combatia contra os alamanos, confiou a Valente a derrota de Procópio;
- (18) Vitória contra os alamanos;
- (19) Inimigo comum: os alamanos; Inimigo privado: Procópio. Todos contra o verdadeiro poder imperial;
- (20) Os assuntos públicos vinham em primeiro lugar;
- (21) A moderação (*moderatio*) de Valente;
- (22) Confiança de Valentiniano em seu irmão;

- *Epílogo*

- (23) Cuidados do dirigente tanto com as ações bélicas quanto com os assuntos civis.

Por sua vez, o *Discurso II* (de 370) foi dedicado aos feitos mais recentes levados a cabo por Valentiniano I, especialmente contra os alamanos, a elaboração deste documento foi movida pela designação do imperador ao seu terceiro consulado. Ocasão favorável para destacar as vitórias do governante. Concomitantemente às homenagens prestadas, o documento reforçava a astúcia daquele que liderava os romanos. Distinguia-o dos demais homens romanos, alçava-o e o legitimava como *princeps* (o primeiro do senado) e *imperator* (comandante militar). Os temas resumidamente abordados a seguir serão examinados nas páginas subsequentes desta dissertação, são eles:

- *Introdução*

- (1 e 2) O consulado era uma recompensa pequena frente às obras de Valentiniano;

- *Proposição*

- (3) A vitória contra os alamanos;
- (4) Valentiniano superava todos os obstáculos;
- (5) O dirigente protegia os romanos;
- (6 e 7) Liderança de Valentiniano frente ao exército;
- (8) O mito troiano não era comparável às ações do dirigente;

- (9) As habilidades de Valentiniano faziam com que toda ação parecesse mais fácil do que havia sido;
- (10) A retirada dos bárbaros;
- (11 e 12) A clemência de Valentiniano frente aos bárbaros;
- (13) Os bárbaros mais distantes desejavam se unir a Roma;
- (14) Roma levava sua *civilidade* às regiões conquistadas;
- (15) Os bárbaros ajudavam a efetuar novas construções;
- (16) A benevolência de Valentiniano corrigiu os erros dos bárbaros;
- (17) Os reinos se submetiam a Valentiniano, por isso, não era preciso pactuar com os bárbaros subjugados;
- (18, 19 e 20) Habilidades de Valentiniano como construtor;
- (21) Confrontação das obras valentinianas com antigas fábulas;
- (22) Comparação das obras do dirigente com obras egípcias;
- (23) Os rios rendiam-se a Valentiniano;
- (24 e 25) O poder imperial ultrapassava antigos limites;
- (26) Construção de uma ponte sobre o Reno;
- (27) O consulado era uma recompensa pequena para a Valentiniano;
- (28) Descrição de um porto fortificado no Reno;
- (29) Valentiniano restaurou a eloquência às tribunas;
- (30) Desvelo do dirigente com as ações bélicas e legislativas;
- (31) Símaco cantaria as glórias imperiais de Valentiniano e de Graciano;
- *Epílogo*
- (32) Modéstia (*modestia*) do culto imperial em comparação ao das divindades.

3.1.1. Quinto Aurélio Símaco e a promoção das virtudes valentinianas

Tido como arquétipo de retórica, oratória e eloquência por muitos anos, inclusive no decorrer da Idade Média²³⁵, Quinto Aurélio Símaco Eusébio desenvolveu uma ampla rede de relações interpessoais com destacados personagens de sua época, o que garantiu a ele e sua família prestígio e grande influência no senado de Roma. Mesmo quando longe

²³⁵ Para mais informações sobre a reincidência da utilização dos documentos de Símaco durante a Antiguidade Tardia e o Medievo verificar: VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. Introducción general. In: SÍMACO EUSEBIO, Quinto Aurélio. **Cartas (Libros I – V)**... pp. 19 – 21.

dos cargos referente ao sistema administrativo da *res publica*²³⁶, atuava como líder do senado de Roma, logo, mantinha-se atuante naquele contexto político e social. Como ocorrera no ano de 400, quando enviado pelos pais (*patres*) do senado a Milão para cumprir uma dupla tarefa: representar esta instituição nos festejos do consulado de Estilício e solicitar a Honório, então imperador da *pars occidentalis*, provisões de grãos para Roma²³⁷. A última magistratura desempenhada por Símaco havia sido o consulado, em 391. Todavia, nove anos mais tarde, o senador ainda exercia influências nas atividades políticas, econômicas e sociais.

Seu papel como líder do senado de Roma também pôde ser observado quando dos momentos em que fora escolhido, por parte dos senadores, para homenagear Valentiniano I por ocasião da *quinquennalia* do imperador e da nomeação deste ao terceiro consulado. Eventos ocorridos em dois anos consecutivos, 369 e 370, respectivamente, e que renderam os dois *Discursos* objetos de estudo desta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, a primeira folha do *Discurso I* de Símaco foi perdida, por isso, não contamos com a *introdução* deste documento. Também nos deparamos com uma lacuna no início do *Discurso II*, porém os editores indicam que ela é pequena²³⁸. Tanto que conseguimos identificar uma parte da *introdução* deste texto, composta pelos parágrafos 1 e 2. Nesta etapa, o autor esclarecia porque motivo tal discurso fora elaborado: por ocasião do terceiro consulado de Valentiniano. Apesar de esta magistratura ser a maior honra oferecida pelo senado aos homens públicos, Símaco a considerava demasiadamente pequena perante as obras levadas a cabo por Valentiniano I. O efeito retórico da comparação entre os grandiosos feitos imperiais e a acanhada recompensa senatorial foi registrado em sentenças diversas:

Discurso II, 1.

[...] Talvez por se apoderar de ti o tédio pela frequente e sucessiva repetição de recompensa, não pensaras em nós para que não parecêsemos ingratos.

[...]

Não são os ombros dos lictores os que portam teus verdadeiros machados, mas os pescoços de sua gente, os reis guardam teus decretos, erguem-se fortificações em vez de fasces.

[...]

²³⁶ Salientamos que, neste contexto, a *res publica* não é mais entendida como uma forma de governo, gerenciada por instituições específicas. São sim os “assuntos públicos” que deveriam ser defendidos pelo bom governante e por aqueles que o auxiliavam na empreitada de administrar o *imperium* para que o bem comum fosse preservado.

²³⁷ Conforme nos informou Símaco em: **Carta V**, 94-95; **Carta VII**, 13-14.

²³⁸ VALDÉS GALLEGO, Jose Antonio. In: SÍMACO. **Informes – Discursos...**, p. 186 (nota 76).

Teus benefícios venceram a devoção dos assuntos públicos; o que obténs é anual, eterno, o que constróis.

Discurso II, 2.

Soubemos, governante invicto, que não há pagamento equivalente a empresas tão grandes; frequentemente decreta a ti o mesmo prêmio, quando tu prestas serviços diversos. Se não correspondem os méritos, a honra é superada, não a boa vontade. Por outro lado, que acrescenta o consulado a ti, quando calculamos os felizes anos de teu poder imperial pelos períodos de vida das novas cidades?

Lembremos que o consulado era uma magistratura anual e, em seu sexto ano como líder dos romanos, Valentiniano recebia este cargo pela terceira vez, como prêmio por seus serviços em prol do Império. A fim de evocar a atenção do homenageado e a emoção do público em geral, Símaco mostrou que tinha consciência de que o reconhecimento do serviço imperial através da nomeação ao consulado de Valentiniano era insuficiente perante as vitórias do governante. Temia que ser premiado sempre com a mesma recompensa levasse o imperador a ver no senado cidadãos ingratos. Afinal, o que o governante construía para o Império era eterno, o que recebia, anual e repetitivo. Com o intuito de *consertar* este erro por parte do senado, o autor desabafou: “não há pagamento equivalente a empresas tão grandes”²³⁹. Percebemos que Símaco encaminhou sua elaboração retórica para a diminuição da importância senatorial frente ao imperador. Provavelmente, para iniciar o discurso com o enaltecimento de um único indivíduo, o imperador, e chamar a atenção deste para as palavras que estariam por vir. Na última frase do parágrafo 2, o autor recordou, com toda ênfase possível, a seriedade e o papel do senado na sociedade romana e na própria política imperial:

Entretanto, nós, os magistrados romanos, unicamente cuidamos dos rituais, para que nas praças fortes recém erguidas soubessem, primeiramente, que tu eras seu fundador e para que os acampamentos triunfais fossem inaugurados com nomes ínclitos.²⁴⁰

O autor, claramente, atrelava as vitórias valentinianas a glória conseguida apenas através das ações senatoriais. Valentiniano prestava “serviços diversos” advindos de sua força e habilidade militar, por isso, seu tempo era contado em vitórias²⁴¹. Por outro lado, aos senadores caberiam as tarefas de “cuidar dos rituais” que tornariam estas obras

²³⁹ SÍMACO. *Discurso II, 2.*

²⁴⁰ SÍMACO. *Discurso II, 2.*

²⁴¹ SÍMACO. *Discurso II, 2.*

reconhecidas e lembradas. Finalmente, como salientou Símaco, “o silêncio é inimigo das grandes obras; que glória existe se alguém está calado?”²⁴². Portanto, uma aliança estava formada, ou melhor, um discurso sobre uma pretensa aliança estava elaborado: enquanto Valentiniano executava empresas variadas, baseadas no mando militar, o senado se responsabilizava pela manutenção dos rituais, dos costumes dos antepassados (*mos maiorum*), permanecia como um refúgio da tradição greco-romana. Juntos, força e tradição, o imperador e o senado, manteriam a hegemonia romana e Roma seria eterna²⁴³. Novamente, notamos a *praticidade* de Símaco ao reconhecer no senado uma base aliada ao poder imperial. Longe de ser a instituição suprema da era republicana, o senado tardo-antigo transformava-se em um reduto legitimador da política do líder dos romanos.

Elucidamos que esta fora apenas uma das elaborações retóricas de Símaco sobre a qual sustentamos nossa hipótese de que o autor buscava edificar e, concomitantemente, promover esta união entre poder imperial e senatorial. Uma parceria que começou a ser compreendida em nossos estudos a partir da leitura de elementos encontrados nas entrelinhas das obras produzidas por Quinto Aurélio Símaco.

Aos moldes dos panegíricos galos, o *Discurso I* de Símaco nos apresentou, em sua *proposição*, informações a respeito da pátria, do nascimento e da educação da pessoa elogiada. Logo nos parágrafos 1 e 2, encontramos dados sobre a diversificada formação de Valentiniano I e o aclimatação do governante a todas as regiões:

Discurso I, 1.

Sois natural de todo orbe por ter obtido em um lugar proveito da luz e em outro a experiência do trabalho. Acaso não posso dizer com razão que a própria África é tua pátria, que foi a primeira que te ensinou, em companhia de teu pai, que tipo de príncipe deveria ser? [...] Primeiramente, aprendeste lá a tolerar o sol e a poeira, quem cuja infância pouco tempo antes esteve coberta pelas neves de Ilíria; tu que pouco antes avançaras sobre o corte gelado, combinava com paciência a sede da ardente Líbia assim como se houvessem transladado a partir de diferentes elementos atmosféricos. Em resumo, como se tivesse sido designado para o governo do próprio mundo, passando por várias feridas do céu, reivindicou para si a experiência de todos os pontos cardeais. Certamente uma ausência tua tão longa não pode hoje prejudicar a umas províncias as quais são protegidas pelo teu conhecimento primeiro sobre elas. Um príncipe que conhece todas as partes abrangidas por seu poder, é semelhante a um deus que examina todo o universo igualmente.²⁴⁴

²⁴² SÍMACO. *Discurso II*, 30.

²⁴³ Voltamos à idéia da *aeternitas Romae*.

²⁴⁴ SÍMACO. *Discurso I*, 1.

Discurso I, 2.

[...] somente a natureza das regiões é, de fato, mestra da educação das aprendizagens. A ti os ardores da Getúlia concederam a experiência do verão, a geada de Ilíria a tolerância ao horror invernal; nascido em meio ao frio, educado ao sol, antes dos dons da fortuna, receberas de todo o mundo exemplos.²⁴⁵

A questão abordada nestes trechos referia-se a natureza do imperador: “natural de todo orbe”, mas que orbe era este a qual Símaco mencionava? Quais as terras consideradas pelo orador como o mundo dos romanos? A África foi o primeiro local apontado para seguirmos o encalço deste orbe. Tal região foi tida como a própria pátria (*patria*) de Valentiniano I. Lembremos, que a noção de pátria dos romanos estava relacionada à terra de seus ancestrais. Enquanto a nação (*natio*) era a terra natal do indivíduo²⁴⁶. Valentiniano I era filho de Graciano, general do exército que, entre outras responsabilidades, foi *comes praefuit rei castrensi per Africae*. Assim como seu pai, Valentiniano I nascera na cidade de Cibele, na Panónia, região Ilírica²⁴⁷. Um território “coberto pelas neves”, no qual o governante foi inicialmente criado e aprendera a “avançar sobre o corte gelado”, conforme indicações de Símaco. Logo em seus primeiros passos, Valentiniano havia adquirido os conhecimentos oriundos do clima frio e úmido e da geografia da atual Europa central, dividida pelo rio Danúbio, formada por imensas planícies e algumas cadeias montanhosas.

Após receber ensinamentos da fria Ilíria, Valentiniano I acompanhou seu pai durante a estadia deste em África, mais especificamente na Líbia, local em que o governante precisou “tolerar o sol e a poeira”. Sob o ponto de vista de Símaco, soube administrar com maestria os “diferentes elementos atmosféricos”, e por ter reivindicado “a experiência de todos os pontos cardeais”, estava pronto para governar o próprio mundo. Era desnecessário indagar onde o imperador vivia, pois aparecia sempre em qualquer parte²⁴⁸, afinal era “natural de todo o orbe”. Percebemos a intenção de Símaco em imergir Valentiniano em experimentos práticos, harmonizados com o contexto no qual o governante vivia junto ao pai. Uma cenografia variada e composta por extremos – neve/poeira, frio/sol – ajudou a formar um homem preparado para combater em qualquer região e sob qualquer intempérie da natureza. Um líder ideal para proteger um poder tão extenso como o dos romanos.

²⁴⁵ SÍMACO. *Discurso I, 2.*

²⁴⁶ CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. *Hispania...* p. 119.

²⁴⁷ *PLRE I*, pp. 400; 933. A Ilíria corresponde, atualmente, a parte dos territórios da Hungria e da Áustria.

²⁴⁸ SÍMACO. *Discurso II, 7.*

O autor continuou a celebrar o valor da experiência prática no segundo parágrafo deste documento: “somente a natureza das regiões é, de fato, mestra da educação das aprendizagens”.²⁴⁹ Nesta exaltação, notamos os primeiros passos para a edificação de um discurso promotor de uma parceria entre conhecimentos práticos e teóricos. Estes enraizados em Símaco – e também no senado de Roma, grupo do qual era membro. Aqueles, em Valentiniano I. Tal colaboração nos remete, novamente, às relações de clientela-patronato, amplamente disseminada em um processo histórico que demandava a legitimação da figura imperial e indivíduos em busca de destaque político-administrativo e social naquele momento. Afinal, lembremos que Valentiniano iniciara uma nova dinastia e a superioridade de sua família deveria ser construída teórica e ideologicamente. Por outro lado, os chamados *homens novos* procuravam se alçar e os indivíduos pertencentes à aristocracia desejavam manter seu lugar naquele concorrido cenário. A continuidade dinástica era, então, garantida pelas ações do governante exaltadas em textos de autoria de homens versados entre as letras.

Os saberes práticos permitiam a Valentiniano planejar ações que nutrissem a ordem nos territórios, por isso, ele não necessitava permanecer longos períodos em distintas cidades. Sua ausência em nada prejudicaria as províncias, sempre protegidas pelo saber do imperador a respeito delas. Segundo este pensamento, o conhecimento do líder dos romanos acerca de suas terras e das distintas maneiras de resguardá-las alcançava para além dos limites das cercanias onde o imperador estivesse. Durante a Antiguidade Tardia, o poder se concentrava na figura imperial, estava onde o governante permanecesse. Porém, Valentiniano sabia governar mesmo de longe, com suas disposições e através de seus magistrados e funcionários administrativos. De acordo com Símaco, enquanto promovia ações bélicas, Valentiniano permanecia atento aos assuntos civis; nobres e lictores portavam emblemas e se dedicavam a cargos públicos²⁵⁰.

Diante da grande extensão do território dos romanos, o governante tardo-antigo necessitava ter a seu lado uma poderosa máquina administrativa para manter organizados todos os assuntos da *res publica*. Este alargamento das terras, dentre outros fatores já mencionados, impulsionou a profissionalização de muitos *homens novos* e a solidificação de novas elites: militar, burocrática e eclesiástica. Ponto favorável na carreira da família dos Símacos. Uma vez que o governante não podia estar presente – em pessoa – em todos

²⁴⁹ SÍMACO. **Discurso I**, 2.

²⁵⁰ SÍMACO. **Discurso I**, 23.

os recantos alcançados pelo poder dos romanos, ele se fazia representar por seus funcionários. Os serviços efetuados por estes indivíduos faziam a ordem ser resguardada, bem como a hegemonia romana. Ao menos em teoria, tais responsabilidades estavam atreladas a autoridade imperial. Referimo-nos a questão teórica, pois sabemos que esta política de representação do poder central, empreendida por funcionários imperiais, levou a um processo de regionalização do poder em diferentes partes dos territórios romanos. Entretanto, nosso objeto de estudo, os *Discursos* de Quinto Aurélio Símaco Eusébio, sustentava uma elaboração teórica do sistema político-administrativo da época. Nela, os funcionários imperiais eram ramificações do poder central e simbolizavam a própria política de Valentiniano I.

Munido de um arcabouço prático adquirido já na infância e criado pelas forças da natureza, Valentiniano I encarnava “um príncipe que conhecia todas as partes abrangidas por seu poder, [...] *um deus* que examinava todo o universo igualmente”²⁵¹. Nesta sentença, observamos vestígios do pensamento neoplatônico do autor. De acordo com Frighetto, o pensamento neoplatônico, que buscava respostas acerca da perfeição sagrada, ganhou cada vez mais adeptos ao longo do século III. Esta procura pelo sagrado impulsionava o desejo da perfeição individual. Havia a necessidade da edificação de um novo homem, portador e proclamador dos valores clássicos, ávido pelo conhecimento, enfim, o homem modelo da *ciuitas* romana²⁵², o qual assumia e revelava a própria *ciuitas* (“civildade”). Esta corrente de pensamento promovia uma hierarquia entre deuses e divindades, concentrando no cume da pirâmide um único deus, assim como tantas outras correntes difundidas durante a Antiguidade Tardia, como o mitraísmo e o cristianismo.

A partir deste ponto de vista, as divindades foram hierarquizadas e submetidas a uma única autoridade, um ser máximo. Contrariamente a crença em uma única entidade, o neoplatonismo preconizava a fé na soberania absoluta de um ente. Para Símaco, Valentiniano representava o papel deste soberano na terra. Todavia, o autor não estava sozinho ao conceber a idéia do imperador como “imagem do deus superior”. Esta noção também pôde ser observada, no mínimo, em alguns dos panegíricos imperiais redigidos por Temístio entre o governo de Constâncio II e Teodósio²⁵³. Além disso, entre as *renovações*

²⁵¹ SÍMACO. *Discurso* I, 1. *Grifo meu*.

²⁵² FRIGHETTO, Renan. *Historia est narratio rei gestae: la concepción de la Historia en la Antigüedad Tardía* (siglos IV – VII). In: **Atas do Evento El fin de la Historia**. Santiago: Ediciones Altazor, 2009, pp. 237 – 250.

²⁵³ Para mais informações acerca da noção do imperador como “imagem de deus” nos panegíricos de Temístio, verificar: RITORE PONCE, Joaquín. La clemencia del monarca y la insuficiencia de la ley en la

nas imagens imperais, implementadas desde a época de Aureliano, destacamos a perspectiva do *senhor e deus* (*dominus et deus*). Através da emissão de moedas, Aureliano se fez proclamar *deus et dominus natus*²⁵⁴. Esta elaboração ideológica patrocina a idéia de que o imperador fora delegado por deus para governar na terra, o que denotava mais uma distinção do dirigente perante a sociedade, outra edificação voltada à legitimação da figura do soberano.

As novas concepções ideológicas, de forte influência oriental, sobretudo helenística e persa, foram corroboradas por Diocleciano, Constantino e seus filhos. Tal época da História romana é chamada pelos especialistas de *Dominatus*²⁵⁵. Longe de ser um governo teocrático, na acepção grega da palavra *theokratía* em que *theós* significava *deus* e *kratía* governar, no universo romano o governante era considerado como o representante de um determinado deus na terra, selecionado pela divindade para manter a ordem terrena. Deste modo, antes de ter sua autoridade reconhecida pelo exército, senado e pelo restante da sociedade, o imperador, ou melhor, o *dominus* era investido de autoridade pelo poder divino, assim sendo, seu comando seria inquestionável. Ao reconhecer em Valentiniano I um príncipe “semelhante a um deus”, as idéias de Símaco iluminavam a figura imperial com uma áurea divina. Para ser “semelhante a um deus”, o governante necessitava reproduzir ações divinas, sempre pautadas nas virtudes. Ao servir de bom exemplo para seus súditos, teria seus atos imitados por eles, atitude que sustentaria a ordem na terra. Para tanto, outra vez percebemos o cuidado na disposição de argumentos e na sustentação de um discurso que fomentava e sustentava estas idéias que aparelhavam aquela teoria política.

Observamos, pois, que estas opiniões eram pertinentes àquele contexto, logo, integravam noções relacionadas à verdade, à razão, apartadas dos mitos e das invenções. As palavras de Símaco agrupavam pessoas que consentiam com os preceitos proclamados pelo *dominus* e as identificavam como pertencentes a um grande grupo defensor da romanidade.

Estas conexões com a realidade da época concediam ares de verdade às afirmações, pois as tonavam tangíveis para aquela sociedade. Logo, seria notório e possível que, devido a sua formação, habilidades e virtudes, Valentiniano observasse “todo o universo

Antigüedad Tardía: el testimonio de Tesmístio. In: *Habis*. n. 33, 2002. pp. 507 – 520. Disponível em: < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=625683>> Acesso em: 10/05/2011.

²⁵⁴ SILVA, Gilvan Ventura da.; MENDES, NORMA MUSCO. (orgs.) Diocleciano e Constantino: a construção do *Dominato*. In: **Repensando o Império Romano...**, p. 201.

²⁵⁵ SILVA, Gilvan Ventura da.; MENDES, NORMA MUSCO. (orgs.) *op. cit.*, p. 202.

igualmente”²⁵⁶, sem que precisasse estar pessoalmente em cada uma das cidades romanas. A formação do imperador, sua destreza administrativa, a liderança perante os funcionários imperiais, as diversas vitórias em favor dos romanos e as suas virtudes impregnavam Valentiniano I de um espírito defensor do poderio romano. Isto o destacava dos demais cidadãos. Era, então, o *princeps* (o primeiro do senado e entre os cidadãos) e também o *imperator*, detentor do *imperium* (poder de comando, de mando militar). Por isso, nas linhas dos *Discursos* de Símaco, o governante foi disposto como *princeps* e *imperator*, símbolo do senado, dos cidadãos romanos e do próprio exército. Também reforçamos a composição destacada por Símaco que apontava Valentiniano como “deus”. Apesar da ausência do termo *dominus*, por meio da referida estrutura o orador esclarecia a dupla natureza do governante, ligado aos homens e à divindade.

O bom preparo deste líder, requerido desde a tenra idade por seu pai, fez com que Símaco dedicasse o terceiro parágrafo do *Discurso I* a Graciano, conhecido pela historiografia como “o velho” ou “o general”, com o intuito de diferenciá-lo de seu neto Graciano, filho de Valentiniano I e imperador até 383 (tendo sido proclamado Augusto no ano de 367). Graciano, o general, fora delineado por Símaco como “seminário de liderança” que instruiu homens livres para serem pais de todos²⁵⁷. Novamente observamos a insistência do autor em requisitar da família o papel pioneiro no aprendizado dos indivíduos que viriam a ser importantes homens públicos da sociedade romana. Fora assim no seio de sua família. O mesmo acontecera na família de Valentiniano. Graciano, o general, ensinara o filho a lidar com circunstâncias extremas e variadas; formou homens livres que se tornariam futuros imperadores: seus filhos Valentiniano I e Valente; seu neto Graciano. A “natureza da família”²⁵⁸ de Graciano já garantia o lugar de destaque destes cidadãos e a própria sucessão destes personagens na liderança dos romanos.

Deste modo, o discurso aqui elaborado pelo senador derivava para a solidificação da dinastia valentiniana. Iniciada por Valentiniano I, sua continuação dependia de uma ampla base de apoio e de um passado que a legitimasse. A Valentiniano I e Valente (irmão de Valentiniano associado ao poder quando Valentiniano assumiu o *imperium*) cabiam executar ações dignas da manutenção da hegemonia romana. A Símaco pertencia o papel de glorificar tais atitudes e incorporá-las a memória da sociedade através de suas palavras e buscar no passado exemplos que consolidassem a permanência desta família na liderança

²⁵⁶ SÍMACO. *Discurso I*, 1.

²⁵⁷ SÍMACO. *Discurso I*, 3.

²⁵⁸ SÍMACO. *Discurso I*, 3.

dos romanos. Ao orador cabia interligar os pontos entre passado e presente para estruturar os princípios políticos, administrativos, sociais e culturais da dinastia sobre a qual fazia referência e com a qual criava laços interpessoais cada vez mais estreitos. Relações estas que inclusive lhe renderam os futuros cargos de procônsul de África (373), prefeito de Roma (384-385) e cônsul (391), sem contar tantas outras importantes funções desempenhadas por membros de sua família.

Durante esta procura por legitimação, primeiramente, Símaco buscou em um passado bem recente um destes arquétipos: Graciano, pai de Valentiniano I. Uma justificação conseguida dentro da própria família dos atuais imperadores. No passo seguinte, o autor lançou seus olhares a exemplos mais distantes, advindos da história romana.

3.2. A pequenez de outros frente a Valentiniano I

Os panegíricos de Símaco, analisados nesta pesquisa, são textos repletos de façanhas militares provenientes da história romana, em detrimento dos exemplos exaltados pela literatura. É certo que no início de seu *Discurso I*, o autor dedicou algumas linhas a estes modelos, ao se referir as constantes iniciativas militares chefiadas por Valentiniano: “com uma licença poética poderia dizer que algumas das deusas desviaram os perigosos punhais de teus órgãos vitais.”²⁵⁹ Neste caso, o orador rememorou intervenções divinas nas batalhas dos homens. Por exemplo, a de Palas Atenas ao desviar a lança que Heitor arremessou em direção a Aquiles²⁶⁰. Ou ainda, o auxílio de Juno a Turno na batalha empreendida contra os herdeiros de Tróia²⁶¹.

Todavia, após expor outros dois exemplos provenientes de epopéias, Símaco esclarecia: “sejam estas invenções de poemas, nos possuímos exemplos de realidades”²⁶² para falar a respeito de Valentiniano. Assim, comparava os feitos do imperador aos dos heróis do passado, ou até, engrandecia os atos imperais, já que estes eram reais, não apenas “invenções de poemas”. As empresas de Valentiniano pertenciam a “real história” de Roma.

²⁵⁹ SÍMACO. *Discurso I*, 4.

²⁶⁰ HOMERO. *Ilíada* XX, 346 – 354.

²⁶¹ VIRGÍLIO. *Eneida* IX, 739 – 749.

²⁶² SÍMACO. *Discurso I*, 4.

Novamente o autor utilizou sua retórica para enfraquecer as “invenções de poemas” (*figmenta carminum*) quando comparadas aos “exemplos de realidades” (*exempla factorum*). Símaco imbuíu-se do intuito de escrever discursos atrelados à verdade, conforme os critérios de Heródoto e Tucídides ao definirem seus textos históricos como elaborações que se afastavam do mito (*mythos*)²⁶³ e se vinculavam a razão (*lógos*). Considerou, ainda, os requisitos exigidos por Cícero, em sua *De inventione*, que para se redigir um discurso e ser um competente orador era imperativo que da história narrada fruísse a verdade²⁶⁴.

Em conformidade a estes ensinamentos, Símaco diferenciou claramente as “invenções de poemas” (*figmenta carminum*), criados pela literatura, dos “exemplos de realidades”, executados pelo imperador. No caso dos discursos retóricos erigidos por Símaco, a fantasia fora utilizada como elemento de comparação entre *verdade* e *invenção*.

O autor distinguia a si como um “servidor da verdade”²⁶⁵, pois somente ela seria capaz de convencer. Para ele, o artifício literário era apenas fruto da imaginação dos homens, consequentemente, distava da gloriosa realidade à qual as obras valentinianas vinculavam-se. Realidade, esta, observada sob os olhos, valores e desejos de Quinto Aurélio Símaco, evidentemente.

Por outro lado, segundo os princípios de Símaco, os fatos sucedidos no processo histórico eram reais, haviam sido realizados por determinados personagens e mudado a vida de muitos. Enquanto os inventos ficavam restritos à fantasia, os fatos reais moviam os passos dos romanos. Por isso eram dignos de serem exemplos, modelos de *ação*. Estes sim deveriam ser relatados em discursos, para serem rememorados e servirem de arquétipos de conduta para aquela sociedade. Modelos positivos a serem copiados, ou negativos, que seriam lembrados a fim de que as más atuações fossem banidas do cotidiano, como ocorrera com o general romano Caio Mario, sob o ponto de vista de Símaco.

O autor apresentou Caio Mario como um governante sem habilidades para lidar com “situações confusas”²⁶⁶. Valentiniano, por sua vez, não se sentia intimidado ao preparar uma campanha contra os Alamanos. O escritor contrapôs as ações empreendidas por Valentiniano às de Caio Mario (cônsul e influente militar do século I a.C.). Todavia, lembremos que Caio Mario, liderou a vitória romana contra Jugurta, rei da Numídia (norte

²⁶³ HERÓDOTO. *História* VII, 152.

²⁶⁴ CÍCERO. *Sobre el orador* II, 62.

²⁶⁵ SÍMACO. *Discurso* II, 20.

²⁶⁶ SÍMACO. *Discurso* I, 6.

de África), o que o fez ser nomeado para seu segundo consulado. Depois disso, combateu de forma rigorosa cimbrós e teutões, o que lhe rendeu mais três consulados e uma cerimônia de *triumfo*. Durante seu sexto consulado, Mario combateu, nas palavras de Eutrópio, “uma duríssima guerra” contra picentes, marsos e pelignos²⁶⁷. Contenda que teve fim cinco anos depois, sob o consulado de Lucio Cornelio Sila. Portanto, percebemos o evidente caráter de liderança militar ostentado por Caio Mario. Então, por que Símaco o selecionou para fazer um contraponto a Valentiniano? Eram dois líderes frente ao exército, mas em nossas pesquisas encontramos alguns outros dados da vida de Mario que puderam nos esclarecer esta escolha de Símaco.

No ano de 88 a.C., uma disputa pela liderança da guerra social travada contra Mitrídates, rei do Ponto, até então aliado de Roma, iniciou também a primeira guerra civil em Roma. Conforme Eutrópio, incitada por Caio Mario em oposição a Sila e seus aliados²⁶⁸. Enquanto Sila lutava e, posteriormente, negociava a paz com Mitrídates, em nome da ordem romana, Mario e Cornelio Cinna, um dos cônsules, realizavam atrocidades em Roma. O seguinte trecho da obra de Eutrópio descrevia estas ações:

Enquanto Sila vencida em Acaia e Ásia a Mitrídates, Mario, que havia sido posto em fuga, e Cornelio Cinna, um dos cônsules, retomaram a guerra em Itália e depois de entrar na cidade de Roma mataram os mais nobres do senado e os antigos cônsules, exilaram a muitos e inclusive, depois de destruir a casa de Sila, obrigaram a fugir seus filhos e sua própria esposa.²⁶⁹

O *Breviarium ab Urbe condita* de Eutrópio foi oferecido a Valente, irmão de Valentiniano I. Membro da administração romana, Eutrópio desempenhou cargos importantes sob o governo de Juliano e de Valente. Por volta de 372, durante uma de suas estadas em Roma, Eutrópio conheceu Símaco e se integrou ao círculo de homens de saber do qual o orador fazia parte²⁷⁰ juntamente com outros personagens da época, entre eles Vetio Pretextado, Flávio Nicômaco e Décimo Magno Ausônio.

A obra de Eutrópio foi entregue a Valente no verão de 369, quando o imperador assumiu o título de *Gothicus Maximus*, por ocasião de sua vitória contra os godos sob liderança de Atanarico²⁷¹. Uma vez que o *Discurso I* de Símaco fora proclamado em

²⁶⁷ EUTRÓPIO. *Breviário* V, 3, 1.

²⁶⁸ EUTRÓPIO. *Breviário* V, 4 – 5.

²⁶⁹ EUTRÓPIO. *Breviário* V, 7, 3.

²⁷⁰ FALQUE, Emma. Introducción. In: EUTRÓPIO. *Breviário*. Introducciones, traducción y notas no idioma español de Emma Falque. Madrid: Editorial Gredos, 1999, p. 16.

²⁷¹ Idem, p. 13.

fevereiro deste mesmo ano e, lembremos que o primeiro contato pessoal entre os autores somente ocorreria três anos depois, seria improvável que a imagem de Caio Mario retratada por Símaco tivesse sido inspirada na obra do futuro amigo. Porém, tal opinião era recorrente no meio político-administrativo romano. Nas páginas seguintes, examinaremos alguns dos motivos que levaram Quinto Aurélio Símaco, indivíduo deste destacado panorama senatorial, a render uma imagem negativa a Caio Mario.

Percebemos que a idéia de que Caio Mario fora um potente líder militar que sucumbiu – ao se entregar aos desejos particulares e agir contra os interesses comuns aos romanos –, não era uma noção exclusiva de Símaco. Este elemento revelou-se recorrente em, ao menos, dois daqueles escritores da Antiguidade Tardia. Observamos que Mario agira contra o senado e os costumes dos antigos, portanto, tê-lo como um anti-modelo no meio administrativo e senatorial do contexto tardo-antigo não consistia em uma novidade nas obras de Símaco e de Eutrópio. O grupo político-administrativo daquele cenário compartilhava opiniões a respeito do desvio de conduta e sobre os traços de Caio Mario que deveriam ser excluídos da índole e das ações do governante correto. Sob este ponto de vista, evidenciamos a preferência de Símaco por este anti-exemplo.

Caio Mario fora um líder militar, assim como Valentiniano, porém, agiu de forma equivocada ao colocar em primeiro plano seu desejo de comandar uma guerra social. A ambição privada – a liderança da guerra – o cegou e impediu que Mario enxergasse e combatesse o inimigo comum, Mitrídates. Para Símaco, isso seria impossível de acontecer sob o poder de Valentiniano I. O autor colocou determinadas palavras na boca do imperador que enfatizaram a defesa dos assuntos públicos pelo governante, em detrimento dos desejos particulares:

Por que não repito tuas conversações e teus discursos que são mais elevados para a sensibilidade humana? “Aqui”, disse, “fidelíssimos companheiros de armas, dirigi vossos ensinamentos contra os povos selvagens e os ferozes indígenas do Reno. Este é o inimigo comum, aquele o meu, privado; a causa principal é a vitória pública, a secundária, a de minha vingança; com a outra guerra se ataca nossa dignidade, com esta, vossa possessão”. Para que falarei mais?²⁷²

Em um cenário constituído pelas ameaças externas promovidas pelos alamanos, no ambiente interno o poder do governante precisava ser preservado da cobiça de Procópio,

²⁷² SÍMACO. *Discurso I*, 19.

um parente materno de Juliano que reclamava para si a púrpura na parte oriental do Império entre 364 e 365²⁷³. De acordo com Símaco, apesar do poder dos romanos estar igualmente repartido entre os irmãos, Valentiniano deixou totalmente a cargo de Valente a responsabilidade de resguardá-lo, pois estava envolvido no conflito com os alamanos. Valentiniano confiou a seu irmão a salvaguarda do poder que pertencia aos imperadores, um poder, até certo ponto, privado ao engrandecer a pessoa que dele usufruía.

Enquanto isso, Valentiniano dedicou-se a proteger os limites territoriais, zelar pela segurança do povo e conservar a ordem romana. Enfim, o governante se absteve da luta com o inimigo privado para concentrar todos seus esforços na sustentação da vitória pública, a conquista sobre os bárbaros, a qual era a causa principal. Esta noção continuou a ser exaltada por Símaco em seu parágrafo 20 do *Discurso I*:

Tu, que és clemente em tuas causas, severo nas públicas, estimas torpe em um príncipe haver motivações de ódio particular. Por isso, com razão, és mais amado por nós, porque te irritas menos em teu favor. Não sabes servir-te do poder régio contra inimizades domésticas. Se te enrubesces de avançar sobre injúrias imputadas sobre ti, ouça, imperador, algo que pode te estimular: são inimigos nossos os que se rebelam.²⁷⁴

Com estas palavras o autor pretendia assegurar aos ouvintes o caráter de Valentiniano I como defensor “severo nas causas públicas” e como um líder contrário a atitudes de príncipes que se deixavam mover por interesses particulares. Afinal, lembremos que o *imperium* era, ao menos em teoria, um poder pertencente aos romanos, oferecido ao governante para que ele o usufruísse em prol dos assuntos públicos e do bem coletivo. Portanto, um poder que, necessariamente, velaria pelas causas públicas, não pelas particulares. Voltemos à alegação da *utilidade* pública do líder, o governante era soberano porque devido a suas virtudes e proteção divina deveria acastelar a romanidade. Mais uma vez, ressaltamos o desempenho legitimador da tradição e a teoria de justificativa do poder político ocorrido durante os distintos processos históricos.

Segundo Símaco, Valentiniano compreendia sua missão de administrador do *imperium* e, com este comandante no poder, os romanos estariam a salvo de atrocidades como as levadas a cabo por Caio Mario.

²⁷³ Para informações sobre a usurpação de Procópio, verificar: AMIANO MARCELINO. *Res Gestae* XXVI, 6 – 10.

²⁷⁴ SÍMACO. *Discurso I*, 20.

Como esses paralelos fossem escassos para engrandecer a figura de Valentiniano perante os heróis do passado, ao tratar de Caio Mario, Símaco afirmava que a história divulgava “feitos menores”²⁷⁵. Dados estes que fizeram com que Caio Mario se projetasse como general. Por outro lado, nessa história, também encontramos os atos de Caio Mario como um cônsul que precisou se refugiar em África à procura de aliados, para, posteriormente, voltar a Roma e enfrentar Sila. Lembremos da importância que as terras africanas tiveram no processo de formação de Valentiniano durante sua infância. De acordo com Símaco, a África era a própria pátria do imperador, local no qual aprendeu, em companhia de seu pai, os princípios que o levariam a ser um príncipe²⁷⁶. Enquanto, para o orador, Valentiniano retinha desta região os saberes e o reconhecimento que o levariam a soberania, Caio Mario apenas angariara uma fraca base de apoio, a qual lhe concedeu uma vitória momentânea no curso da história romana, um “feito menor”.

Obviamente, o obscuro *detalhe* da vida de Caio Mario referente à sua fuga para África foi atenciosamente descrito por Símaco, com o intuito de denegrir Caio Mario e emular Valentiniano I:

[...] o exército determinou honra regia para aquele, mas *anteriormente o mesmo vivia escondido como um particular*: somente a ti temem os rebeldes, elegem os que deliberam; nenhum corajoso te desprezou em meio à fúria, nenhum varão hábil te negligenciou em meio à honra. Que interessa se o soldado se torna violento ou se mostra sensato? Quando há ira, somente tu escapas; quando há juízo, somente tu és eleito.²⁷⁷

Por isso, Símaco garantia que “junto de Mario restava o fulgor de sua estrela cadente, em ti [Valentiniano] já irradiava a flama de uma nascente”²⁷⁸. A argumentação retórica baseada na comparação entre personagens, enfatizada no discurso, fazia com que Valentiniano fosse enaltecido à custa de Caio Mario. Este precisou desvincular-se do centro do conflito, procurar auxílio fora de casa, para, então, vencer. Dentro do núcleo romano ele não encontrou apoiadores, somente o “fulgor de sua estrela cadente”, o desejo de reconquistar sua expressividade e o poder, subtraídos por Sila.

²⁷⁵ SÍMACO. **Discurso I**, 5. “Acreditamos que a história divulga feitos menores, que consideram que Caio Mario, perseguido pela ruína de sua fortuna, certamente se projetou devido a reverencia de seu próprio passado.”

²⁷⁶ SÍMACO. **Discurso I**, 1.

²⁷⁷ SÍMACO. **Discurso I**, 6. *Grifo meu*.

²⁷⁸ SÍMACO. **Discurso I**, 5.

Em contrapartida, Valentiniano “irradiava a flama de uma [estrela] nascente”. Depois de cinco anos na liderança dos romanos²⁷⁹, contava com a aprovação senatorial e do exército, e isto era de se esperar, afinal, ele detinha todos os elementos necessários para administrar o poder dos romanos, conforme defendia Símaco ao longo do *Discurso*. A Valentiniano temiam os rebeldes e o elegiam aqueles que deliberavam. Alegação que demonstrava que o governante tinha apoio dentro de seus próprios territórios, em sua casa. Isso mantinha o equilíbrio daquela sociedade e proporcionava a *res publica* sua proteção por meio da correta administração do poder, uma vez que o imperador possuía o amparo daqueles que decidiam acerca da política, afinal era eleito sob os louros do juízo. *Res publica* esta que também permanecia resguardada devido ao sentimento de medo imposto por Valentiniano aos rebeldes.

Notamos que os textos panegirísticos produzidos por este autor da IV^a centúria foram elaborados após vitórias que amparavam a ideologia política e social promulgada por Valentiniano. Estes documentos legitimavam e propiciavam cores às conquistas do governante. Por isso, promoviam idealizações, modelos edificantes e universais nos quais os homens deveriam pautar seus comportamentos. No caso de Símaco, estas propostas de condutas foram possíveis através do uso da retórica e pela utilização de arquétipos dicotômicos.

Recurso recorrente no discurso legitimador e identitário, os modelos dicotômicos criavam paralelismos e refletiam antagonismos. Quando estas antíteses eram apresentadas em um mesmo texto, causavam um efeito retórico que promoviam o poder de convencimento e consolidavam teorias e imagens que vinham ganhando espaço naquela sociedade em transformação. A intensa vida pública fomentada no universo romano e o esforço para a manutenção da hegemonia do poder dos romanos estimularam a utilização deste efeito retórico, o qual, podemos dizer, que era um recurso didático.

Entendamos estes modelos como limites construídos a partir de um imaginário coletivo da época²⁸⁰, contudo consideramos que a *realidade* se desenrolava entre estas fronteiras ideologicamente organizadas. A restrição da leitura do mundo a códigos binários reduzia a complexidade da vida humana, mas, por outro lado, desempenhava um significativo papel durante a comunicação das idéias. A percepção destes modelos

²⁷⁹ Lembremos que este *Discurso* homenageava o lustro de Valentiniano frente ao poder dos romanos.

²⁸⁰ Utilizo o conceito de “imaginário coletivo” a partir das definições de Georges Duby. Resumidamente: um conjunto de imagens mentais formado de um corpo que representa maneiras de pensar, agir e sentir. Um conjunto extremamente visual e plástico que, constantemente, descarta algumas imagens e acrescenta outras.

dicotômicos, portanto, é de suma importância do ponto de vista didático, pois auxiliam os pesquisadores na tarefa de analisar os discursos elaborados no processo histórico. Deste modo, incitamos a leitura dos panegíricos de Símaco a Valentiniano para esquadriñar mais dos que os acontecimentos do passado. Investigamos, também, sua construção discursiva, a qual apoiava e engrandecia as empresas imperais, ao passo que fomentava os mecanismos de reciprocidade entre o imperador e o autor dos textos.

Já no contexto em que estas dicotomias foram desenvolvidas, elas facilitavam o entendimento, a visualização e a memorização da mensagem que passava a integrar as ações diárias e a memória coletiva. A partir das palavras de Símaco, essa reminiscência veria no exemplo do passado, Caio Mario, um guerreiro e líder tirano, incapaz de usufruir e respeitar o poder outorgado a ele pelos romanos. O contraponto seria Valentiniano I, também um guerreiro, impregnado com a virtude da força e da coragem (*fortitudo*), mas estas utilizadas em prol dos romanos. Um governante embebecido, ainda, por outras virtudes que o estabeleceram como um verdadeiro imperador, “um espírito maior que o poder imperial” um comandante que “ignora a majestade e se vinga [d]a invasão”²⁸¹.

Mesmo diante de todos os serviços salutareis à romanidade prestados por Valentiniano I, Símaco argumentou que este resistiu em aceitar o *imperium*²⁸², um poder de suma importância para aquela sociedade. Uma elaboração retórica que exaltava a modéstia (*modestia*) imperial percebida, especialmente, nos seguintes trechos:

Que se apresente o candidato ao poder marcado antes por suas próprias armas do que pelas públicas, pois sempre reverberou quem resistiu sozinho a eleição de todos. Trocar-se-ia o capacete pelo diadema e por cetros as pilhagens: mereceste a recompensa de ouro pelo labor de ferro.²⁸³

Também obrigava a tua majestade que tu, sempre invicto, foste derrotado somente na aceitação do poder?²⁸⁴

O autor esclarecia que o imperador havia sido escolhido por aqueles que deliberavam, por isso, não tinha razões para renunciar o poder que lhe fora concedido. Porém, a modéstia, que entrelaçava a disciplina e temperança do governante, fizera o governante recusar a responsabilidade imperial. Esta elaboração retórica que ratificava a modéstia imperial era mais uma herança da tradição clássica. Havia sido, por exemplo,

²⁸¹ SÍMACO. **Discurso** I, 19.

²⁸² SÍMACO. **Discurso** I, 7; 8; 10.

²⁸³ SÍMACO. **Discurso** I, 7.

²⁸⁴ SÍMACO. **Discurso** I, 10.

utilizada na passagem do século I a.C. para I d.C. por Otávio Augusto em sua *Res Gestae* quando o *princeps* recusou o título de Pontífice Máximo que lhe fora oferecido pelo povo (*populus*)²⁸⁵.

Na elaboração organizada por Símaco, este argumento indicava que, quando Valentiniano I finalmente aceitou tal compromisso com o poder, o fez movido pela razão, contrariamente ao impulso e aos desejos privados. Acreditava que aquele era seu dever perante a sociedade que o selecionara, afinal, sua educação desde a infância e a fortuna o aprontaram com louvor para a execução desta missão. Recusá-la, seria uma afronta a todo seu arcabouço de saber e sua rejeição poderia colocar o mundo romano em perigo, visto que as ameaças sempre espreitavam aquela sociedade e a eternidade de Roma somente seria mantida por comandantes bem preparados. Era chegada a hora de Valentiniano ser este comandante.

O exército aclamara Valentiniano I como um verdadeiro líder, pois estes homens, habilidosos com as armas, sabiam como eleger um comandante. Já ao senado, coube o reconhecimento desta eleição, atitude ostentada após uma prolongada deliberação sobre o governante, na qual se evidenciou que ele era o mais digno para assumir tal responsabilidade²⁸⁶. Notamos que Valentiniano I tinha como suportes de seu poder dois grandes pilares de sustentação da sociedade romana: o exército e o senado. Os representantes das armas, da política e da administração se colocavam ao lado do governante, garantindo e ampliando sua autoridade em um mundo romano sempre a procura de novos territórios e da consideração de sua hegemonia. Este duplo reconhecimento fornecia legitimidade ao poder do soberano. Uma vez que os senadores haviam perdido sua influência no exército, após a política de exclusão destes indivíduos dos cargos militares providenciada por Galieno no ano de 262, Símaco percebeu em Valentiniano I o elo de união entre a esfera militar e política-administrativa. Um legítimo *princeps* e *imperator*, mantenedor da ordem romana através de sua força, formação e considerável base de apoiadores: o exército e o senado. Por meio destes argumentos, mais uma vez, observamos a tentativa de Símaco em evidenciar o lugar do grupo senatorial ao lado do poder imperial e no centro daquela sociedade ao engrandecer a figura do governante do *imperium*.

²⁸⁵ OTÁVIO AUGUSTO. *Res Gestae divi Augustii* 10.

²⁸⁶ SÍMACO. *Discurso* I, 8; 10.

Este ímpeto de protetor dos romanos foi celebrado por Símaco em diversas passagens de seus *Discursos*. O governante mostrou-se atento à problemática região das Gálias²⁸⁷, que recentemente havia sido invadida pelos alamanos²⁸⁸. Como comentado nas páginas anteriores desta pesquisa, o senador tardo-antigo declarou que Valentiniano I havia empreendido ações militares as margens do Reno assim que purpurado: “sem haver degustado ainda as bondades do poder imperial, obténs por honra, apenas as dificuldades de teu cargo.”²⁸⁹ Sem tempo hábil para desfrutar dos benefícios procedentes da diadema imperial, Valentiniano estava sempre na ativa, envolto em questões referentes a ordem pública, especialmente quando comparado aos governantes do passado, conforme as seguintes alegações de Símaco:

Vangloria-se o africano por seus espólios púnicos, mas errou por muito tempo por Sicília com seu manto grego; Lúculo poderia saltar de alegria por seus despojos mitridáticos, mas quando quase era vencedor tombou prolongadamente em seu luxo pôntico. Antonio ostentaria os troféus do Oriente, porém o amor régio desvaneceu entre as tochas egípcias. *Estes são os varões triunfantes, ocupados em inúmeros assuntos prazerosos*, seguidores dos ricos encantos de costas e terras.²⁹⁰

O parágrafo prossegue com outros exemplos do passado, sempre formulados de maneira a se parecerem inferiores a Valentiniano I. Indivíduos que, de posse do poder maior dos romanos, o *imperium*, não dedicaram a ele o devido respeito e tombaram por causa de seus desejos privados. Estes eram “os varões triunfantes” da história dos romanos. Personagens vencidos ao colocaram em primeiro plano os “assuntos prazerosos”, ou seja, ao desprezarem os assuntos públicos em prol dos particulares. Por outro lado, conforme as informações de Símaco, Valentiniano I atuava sempre em favor das questões públicas. Era um governante clemente nas causas privadas e severo nas públicas²⁹¹. Estes argumentos em benefício público garantiam a liderança do imperador frente aos romanos porque o destacavam dos demais cidadãos do presente e, até mesmo, dos ilustres varões que o *imperium* tivera. O passado fora utilizado como prova para estabelecer uma emulação com o tempo presente, com o intuito de mostrar que algumas ações e poucos cidadãos pretéritos até apresentaram certo mérito, mas Valentiniano os superava devido a todas suas virtudes e

²⁸⁷ SÍMACO. **Discurso** I, 15.

²⁸⁸ SÍMACO. **Discurso** I e II. A vitória contra os alamanos foi tema recorrente nestes dois textos.

²⁸⁹ SÍMACO. **Discurso** I, 15.

²⁹⁰ SÍMACO. **Discurso** I, 16. *Grifo meu*.

²⁹¹ SÍMACO. **Discurso** I, 20.

atitudes. Portanto, o passado que legitimava o soberano do presente também proporcionava comunicação com o auditório que ouvia a mensagem recitada pelo orador, pois gerava signos de reconhecimento e de pertença a um grupo. Além disso, ao convocar a memória dos indivíduos, a eloquência do orador agregava a figura imperial à memória individual e coletiva, juntamente com um conjunto de valores propagados nos textos.

No epílogo do *Discurso I* encontramos um resumo das aptidões de Valentiniano I tanto em relação às ações bélicas quanto aos assuntos civis: “Em meio a estas habilidades bélicas, expedições ao exterior e sempre novos louros sobre os inimigos, não houve interrupção dos assuntos civis”.²⁹² Novamente, foram celebrados os feitos públicos da figura louvada, provavelmente com o intuito de reforçar perante os ouvintes do discurso a noção de que Valentiniano I sempre teria os romanos como prioridade de suas ações. Além disso, era o representante ideal do *imperium* por associar em sua pessoa competências do âmbito militar, político e administrativo.

A preocupação de Valentiniano tanto com os assuntos militares quanto do foro também foi lembrada por Símaco em seu *Discurso II*, quando o autor registrou que: “Concordava com tua glória, concordava com tuas vigílias e teus hábeis cuidados que usufruías, igualmente, dos efeitos do campo de batalha e do foro.”²⁹³ E ainda, com Valentiniano, “nenhuma das artes [estava] em silêncio”²⁹⁴. Nesta circunstância, Símaco elogiava o imperador por ele ter restaurado à atividade forense o exercício da eloquência nas tribunas, o que havia sido proibido anteriormente.

Conforme o orador, a interdição da prática da eloquência na atividade jurídica havia calado o mundo das letras e prejudicado a todos, pois a falta de oportunidade de empregar bem a palavra limitava os estudos dos iniciantes e arruinava a perícia dos velhos, que não tinham mais condições de serem sábios, portanto, não alcançavam a qualidade de cidadãos completos²⁹⁵. Através das ações de Valentiniano I, a liberdade da língua havia sido reconstituída. Sob este governante, nenhuma arte se calaria. A recuperação da eloquência permitiria que os grandes feitos fossem enunciados, o que era impossível com o silêncio, inimigo das imponentes obras romanas.

Neste trecho do documento, o autor, além de enaltecer a eloquência – e, conseqüentemente, a oratória – a vinculava como elemento imprescindível à política, uma

²⁹² SÍMACO. *Discurso I*, 23.

²⁹³ SÍMACO. *Discurso II*, 30.

²⁹⁴ SÍMACO. *Discurso II*, 30.

²⁹⁵ SÍMACO. *Discurso II*, 29.

vez que o poder dos romanos era anunciado e reforçado pela eloquência que cantava os feitos de importantes cidadãos. Concomitantemente, Símaco reforçava a ligação entre esta arte e as virtudes romanas. Para o senador, não existia glória quando o silêncio prevalecia²⁹⁶, pois, lembremos que a glória estava sujeita ao reconhecimento público²⁹⁷. Sendo assim, esta virtude somente seria alcançada quando ocorresse a anunciação dos bons serviços prestados a *res publica*, a partir do momento em que um discurso bem elaborado e envolvente noticiava os grandes feitos e os fixava na memória dos ouvintes. Zelar pelo bem público e, conseqüentemente, pela ordem entre os romanos era a verdadeira missão do imperador e dos homens públicos daquela época. Quando um governante contrariava este princípio, violava a tradição e tornava-se um tirano (*tyrannus*).

Portanto, ao dominar a *oratio*, o indivíduo podia glorificar as empreitadas dos romanos, além de divulgar e preservar outros princípios norteadores daquela sociedade. Pois, como afirmava Cícero, o orador era responsável por fomentar a virtude e manter o vício distante dos indivíduos²⁹⁸. Estas missões foram abraçadas por Símaco em seus textos, os quais expressam sua preocupação em conservar as virtudes romanas, bem como os privilégios da ordem senatorial. Notamos que isto fora possível, entre outros aspectos, devido às atuações de Valentiniano I, o qual devolveu os dons da eloquência ao foro. Portanto, todos os que falavam deviam ao governante o desenvolvimento de seu talento²⁹⁹. Em contrapartida, o próprio imperador era louvado pelas palavras provenientes desta arte e beneficiava-se com isso. Nos *Discursos* de Símaco, por exemplo, enfatizava-se um Valentiniano que não renegava nenhum elemento formador daquela sociedade, quer fossem assuntos de armas ou civis. Ao contrário, o imperador cuidava igualmente de todos e os associava para salvaguardar o bem comum romano.

3.3. Valentiniano I: o defensor eterno do Império Romano

Quem aspira indagar os mistérios da natureza, que te siga: não serás atrasado pelo curso dos rios, não serão obstáculos os montes nem os erros dos caminhos.³⁰⁰

²⁹⁶ SÍMACO. *Discurso II*, 30.

²⁹⁷ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *op. cit.*, p. 333.

²⁹⁸ CÍCERO. *Sobre el orador II*, 35.

²⁹⁹ SÍMACO. *Discurso II*, 29.

³⁰⁰ SÍMACO. *Discurso II*, 4.

A maior parte dos argumentos apresentados na *proposição* do *Discurso I* de Símaco reforçava a grandiosidade da imagem de Valentiniano I quando comparado a personagens da própria história romana. Consequentemente, entre os romanos, Valentiniano era o mais digno entre os indivíduos, era, pois, aquele que comandaria retamente o governo. No *Discurso II*, do qual destacamos o trecho anterior, percebemos um imperador que encarnava características romanas engrandecidas em uma elaboração retórica que confrontava estes princípios aos dos povos externos ao universo da *ciuitas*, mais especificamente, os alamanos da região do rio Reno. Neste texto, o senador edificou um governante ideal não apenas para o universo interno do Império, mas também para todo o mundo. Um líder capaz de atravessar qualquer obstáculo que se colocasse em seu caminho. Afinal, como filho “de diferentes elementos atmosféricos” e “natural de todo orbe”³⁰¹, nenhuma barreira natural intimidaria Valentiniano.

No intento de enriquecer suas provas a respeito do poder exercido pelo imperador sobre os elementos naturais, o autor explorou as conquistas dos grandes rios empreendidas pelo governante romano. Conforme as palavras de Símaco, a própria natureza sentia-se obrigada a render-se a Valentiniano:

Eu disse, venerável Augusto, que os seres celestiais têm auxiliado teus negócios. É fácil afirmar quando nos apoiamos no testemunho do Reno; quando estava cheio de água pela neve corrente dos Alpes e estava obrigado a se aproximar de ambas as margens, *preferiu passar à lei do vencedor*. Rejeitou somente o bárbaro e deixou todo seu curso para o príncipe como costume do deserto que se move para o outro lado. [...] *Vimos a rendição* de suas correntes próxima às agitações do Nilo, com as que torna fértil a seca Canopos e as terras de Menfis; também aquele que supera para se mostrar rentável. Acerca-se o outro feito, que acreditávamos com mais certeza que isto se fazia por amizade, *aceitamos* o rio Negro como se fora um brinde.³⁰²

Estes argumentos colocavam o público a par das conquistas valentinianas sobre respeitáveis rios da Antiguidade. Lembremos a importância destas vias para o transporte e comércio. Além disso, suas margens propiciavam o agrupamento de pessoas e a formação de sociedades ricamente heterogêneas. Quem os dominasse, garantia a superioridade de seu grupo em aspectos múltiplos. Por isso, o controle destes rios era mais um ponto de segurança para a hegemonia do Império.

³⁰¹ SÍMACO. *Discurso I*, 1.

³⁰² SÍMACO. *Discurso II*, 23. *Grifos meus*.

Observemos, pois, que a elaboração retórica do excerto acima produzia um efeito de sujeição por parte destas águas tão desejadas pelos romanos. Nem mesmo a força da natureza seria hostil a Valentiniano. Ou ainda, a própria natureza, tão sábia e perfeita, compreendia a grandiosidade do governante e “preferiu passar à [sua] lei” a ser reprimida pelos bárbaros. Sob as leis romanas, a natureza manteria sua liberdade; sujeita aos alamanos, seria contida pelos vícios da barbárie e utilizada para fins inglórios.

Para corroborar esta exposição de vitórias valentinianas, o autor iniciou seu parágrafo seguinte com a esta sentença: “Exporemos os antigos testemunhos, examinaremos os anais: tu surpreenderás, pois a Antiguidade quase ignora os rios que possuis.”³⁰³ Desta forma, os temas selecionados evidenciavam, ao menos retoricamente, a difusão do poderio romano para limites até então inalcançados. Sabemos que em outros tempos tais rios já haviam estado, em momentos distintos, sob poder romano. Porém, a construção da imagem de Valentiniano I como um defensor eterno por Símaco, induzia a crença de que, desta vez, este domínio seria duradouro. Perene como seria o governante para a história do Império, devido aos seus atos e ao louvor a eles, escrito e proclamado com eloquência.

Os triunfos valentinianos sobre os rios e a propagação do poderio romano para além dos limites até então estabelecidos impulsionavam para estes novos territórios os valores sociais e as virtudes características dos romanos. A confiança nesta proliferação foi registrada por Símaco como uma crença de Valentiniano: “Crees que o poder imperial retrocede se não cresce constantemente.”³⁰⁴ Sob o ponto de vista de Símaco, o imperador acreditava nesta idéia e agia em prol dela. Mais um motivo para ele ser o defensor eterno do Império. Percebemos, porém, que esta noção não era inovadora, mas também recorrente no pensamento romano. Podemos encontrá-la, por exemplo, no Panegírico de Plínio a Trajano, considerado um modelo do estilo panegirístico³⁰⁵. Após relatar a conquista de Trajano sobre o rei da Dácia, Decebalus e, consequentemente, sobre o Danúbio, até então em poder dos dácios, Plínio elogiou a moderação de Trajano:

Sua recente moderação garantiu que sempre que são obrigados a guerra, ofensiva ou defensiva, pela honra de seu reino, você será conhecido por ganhar o triunfo da vitória, não para buscar a vitória, a fim de triunfo.³⁰⁶

³⁰³ SÍMACO. *Discurso* II, 24.

³⁰⁴ SÍMACO. *Discurso* II, 24.

³⁰⁵ GALLETIER, Édouard. *op. cit.*, p. VII.

³⁰⁶ PLÍNIO SEGUNDO. *Panegyricus* 17, 4.

Da mesma forma que Trajano e os romanos foram “obrigados a guerra [...] pela honra de seu reino”, Valentiniano tinha como dever organizar campanhas para defender os atuais territórios romanos e conquistar novas terras sobre as quais se disseminariam os valores romanos. As ameaças externas colocavam em perigo estes princípios, por isso, precisariam ser submetidas, para que o poder imperial fosse levado às demais terras, como avisava Símaco. Segundo este ponto de vista, as expedições contra os bárbaros eram sempre em benefício da honra romana. Portanto, esta guerra promovia a segurança (*securitas*) e a liberdade (*libertas*) aos romanos.

Entre esta política de expansão e a palavra expressa de forma clara e persuasiva – através da escrita e da fala – havia uma relação de reciprocidade. Afinidade, esta, edificada simultaneamente com a teoria e prática políticas que se reelaboravam para sustentar e legitimar a figura imperial e o papel senatorial durante a Antiguidade Tardia.

Valentiniano I detinha as destrezas militares e o conhecimento de diferentes regiões do orbe que impulsionaram a derrota bárbara perante seu correto comando. Liderança esta enaltecida por Símaco uma vez que o próprio governante esteve à frente da batalha:

Por que eu devo elogiar tua perícia na ação bélica, *tua prática em conduzir tropas*, teu conhecimento dos lugares, teu cálculo dos tempos, teu esforço sem prejuízo, tua dedicação sem aflição? *Viste* os mais fiéis de tua comitiva mais alegres do que de costume quando mandados ao destino, que viam que unicamente eles tinham merecido conhecer antes dos demais.³⁰⁷

O excerto evidenciou o comparecimento de Valentiniano no campo de batalha, lugar em que *conduziu as tropas* dos romanos e *viu* sua fiel comitiva agir. Os termos “conduziste” (*ducendi*) e “viste” (*uidi*) foram as palavras latinas utilizadas pelo autor para relatar – e mais do que isso, para destacar – a presença imperial na guerra contra os alamanos. Presença esta que, com a mescla entre sabedoria e força, levou os romanos a vitória. Sem vitórias, os líderes não existiam. Estas conquistas, acompanhadas de elaborações doutrinárias e mecanismos de convencimentos, foram matérias-primas para a aprovação de inúmeros comandantes durante a Antiguidade Tardia.

De volta ao caso de Valentiniano I, o conhecimento dos territórios romanos provenientes de sua formação (*doctrina*) primária, ainda ao lado de seu pai, e a força para a guerra (*fortitudo*), desenvolvida em seus anos de serviços no exército romano, faziam dele

³⁰⁷ SÍMACO. *Discurso* II, 6. *Grifos meus*.

um verdadeiro comandante, ao passo que este colecionava vitórias em nome do Império. Tais conquistas alargavam tanto o espaço territorial romano (*orbis romanorum*) quanto o alcance do poder dos romanos (*imperium*) sobre os demais povos.

A leitura do trabalho *Frontera Peninsular e identidad (siglos IX – XII)* do historiador Flocel Sabaté³⁰⁸, suscitou-nos questionamentos a respeito do cenário fronteiriço no qual ocorreu o embate entre romanos e alamanos e voltou nossa atenção aos elementos de alteridade, que buscaram forjar identidades.

Com relação à documentação que analisamos, após uma grande campanha, finalmente em 369, Valentiniano havia restaurado a fronteira (*limes*) romana com relação ao Reno. Para reforçar as linhas de defesa desta região, ordenou a construção de um acampamento militar detalhadamente descrito no parágrafo 20 do *Discurso II*. Estas obras empreendidas por Valentiniano eram dignas de serem enaltecidas e propagadas, pois protegiam o *imperium*, a hegemonia e a ordem romana. Concomitantemente, distinguiam esta sociedade em relação aos “outros”. Proclamava Símaco que todas as fortificações em favor dos romanos se estendiam contra os bárbaros³⁰⁹. Desta forma, a diferenciação entre romanos e bárbaros podia ser observada fisicamente, a partir da edificação do acampamento que demarcava claramente o espaço romano, organizado e forte, do espaço estrangeiro, feroz³¹⁰. Mais ainda, além de ressaltada por barreiras físicas, tal distinção entre romanos e bárbaros também era justificada e notada pelas palavras de Símaco, as quais favoreciam teorias a respeito da superioridade romana frente aos alamanos.

As vitórias de Valentiniano propiciavam novos espaços para a influência romana. Estas regiões eram, então, demarcadas por obras que testemunhavam os méritos imperiais. Enquanto Valentiniano se encarregava dos monumentos em pedra que assinalavam a hegemonia romana, Símaco se incumbia dos monumentos escritos. Deste modo, monumentos em pedra e tinta legitimavam a figura imperial ao mesmo tempo em que identificavam os romanos e os separavam dos ferozes estrangeiros.

Por conseguinte, pensemos na alteridade como condição primordial para a construção de identidades e instituição de códigos que delimitavam semelhanças e

³⁰⁸ SABATÉ, Flocel. *Frontera Peninsular e identidad (siglos IX – XII)*. In: **Las Cinco Villas aragonesas en la Europa de los siglos XII y XIII. De la frontera natural a las fronteras políticas y socioeconómicas (foralidad y municipalidad)**, Actas del Congreso celebrado los días 16, 17 y 18 de noviembre de 2005, en Ejea de los Caballeros, Sos del Rey Católico y Uncastillo (Zaragoza) / Coordinación científica: Esteban Sarasa Sánchez (et al.). Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 2007, pp. 47 – 94.

³⁰⁹ SÍMACO. *Discurso II*, 4.

³¹⁰ SÍMACO. *Discurso I*, 6. (*ferocis; ferox*: nominativo singular)

diferenças entre os grupos tanto internos quanto externos aquela sociedade. Em episódios de conflito tendia-se a evidenciar as dimensões negativas do “outro” que deixava de ser o estranho, o estrangeiro, e passava a ser o inimigo. No caso alamanos, o inimigo que excluía a liberdade da sociedade, submetia os povos, destruía cidades e que deveria agradecer as boas ações de Valentiniano³¹¹, conforme declarava o autor em seu *Discurso II*:

É certo o que frequentemente não se crê: até os inimigos te devem agradecimento por tua boa ação. Como te encontramos há pouco, região inóspita? Desconhecedora da antiguidade das cidades e com suas casas constituídas de galhos e tetos cobertos de ervas. Recordo a ti que foste vencida para teu benefício: também tu serás decorada com torres como as demais províncias. As terras servem ao meu príncipe mais felizmente do que resistem: se o que foi adicionado recentemente se compara com o que se tem preservado, quem pode deixar de pensar que o que é livre será conquistado e o que for captado será defendido?³¹²

Este discurso carregava consigo uma missão civilizadora que buscava a ordem e a organização, do ponto de vista e liderança romana, logicamente. As terras que não se encontravam sob os “cuidados” de Roma, ou seja, sob seu mando militar e aparelhamento social, eram consideradas regiões desorganizadas, sombrias. Conforme as palavras de Símaco: “região inóspita”; “desconhecedora da formosura das cidades”.

Percebemos a constituição de contraposições como civilizado/bárbaro; cidade/floresta; ordem/desordem. A partir do ponto de vista da sociedade na qual estavam integrados, os escritores construíam noções de “bondade” e do que era “correto” e, concomitantemente, faziam com que estes princípios retornassem a sua sociedade como valores dignos de serem alcançados e protegidos. Com o intuito de enaltecer tais elementos e facilitar o entendimento do público, os homens de saber da Antiguidade lançaram mão seguidamente de modelos baseado na oposição de idéias ou palavras como: bom/ruim; civilizado/bárbaro; justiça/injustiça. Por exemplo, enquanto a justiça era sabedoria, para Platão, a injustiça era ignorância³¹³.

Em nossos estudos, novamente, focamos nossa atenção nos modelos dicotômicos. Não mais entre indivíduos, como anteriormente elaborados por Símaco (no caso da comparação entre Valentiniano I e Caio Mario, por exemplo). Neste tópico percebemos a construção de uma “identidade maior”, uma “identidade romana”. Edificou-se os romanos

³¹¹ SÍMACO. *Discurso II*, 14-16.

³¹² SÍMACO. *Discurso II*, 14.

³¹³ PLATÃO. *A República I*, 351a-e, p. 39.

como portadores da liberdade, da ordem, das boas ações, das virtudes, noções estas vinculadas a *civilitas*. Em contrapartida a este modelo, criou-se um anti-modelo: o bárbaro, impregnado de vícios, medos e ferocidade. As próprias cidades romanas eram vistas como sinal identitário – assiduamente aparelhada política e administrativamente –, contrastada a inhóspita terra bárbara, desprovida de organização e hospitalidade.

O mundo greco-romano constituía-se de cidades. Estava baseado no sistema *pólis-ciuitas*, promotor da vida pública e da política. As cidades eram estabelecidas em torno do chamado centro urbano, composto por um conjunto de edifícios e monumentos, entre eles o fórum, templos, pórticos, circos, teatros, estádios, termas³¹⁴.

De acordo com o modelo assumido por Símaco – bem como por muitos homens de saber da época –, podemos aferir que as terras despojadas do sistema *pólis-ciuitas* eram considerados territórios caóticos. A fim de que a ordem reinasse nestes locais, eles deveriam ser submetidos ao poder dos romanos. Neste contexto, mais uma vez, a funcionalidade do imperador fora evocada como promotor do universo citadino e restaurador do *mos maiorum* vinculado a este cenário.

Desta forma, as diversas benfeitorias impulsionadas pelos dispositivos do poderio romano levariam a ordem ao caos proveniente da barbárie. Neste ínterim, os princípios essenciais da *humanitas* romana eram contrastados a ferocidade (*ferocis*) bárbara. Para explicar a complexa virtude da *humanitas* recorro aos ensinamentos de Maria Helena da Rocha Pereira. Da palavra latina *humanitas* deriva o termo *humanidade*. Todavia, para os antigos, a humanidade não designava o conjunto de seres humanos, como a entendemos em tempos contemporâneos, mas, sim a civilidade, no sentido da cultura romana e urbanidade³¹⁵. Segundo Rodríguez Gervás, no contexto imperial, o termo *humanitas*, paulatinamente, passou a ser sinónimo de *ciuitas*, a fim de “establecer una pronunciada y visible barrera de una aristocracia ciudadana en evolución, opuesta a la *rusticitas* asignada al resto de la población”³¹⁶.

No caso dos *Discursos* de Quinto Aurélio Símaco, havia uma destacada diferenciação entre os romanos, governados segundo os princípios do sistema *pólis-ciuitas*,

³¹⁴ LE GOFF, Jacques. Cidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean.-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Coord. de tradução Hilário Franco Júnior. vol. I, Bauru-SP: Edusc, 2006. p. 220. pp. 219 – 235.

³¹⁵ PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *op. cit.*, pp. 415 – 421.

³¹⁶ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. La retórica del siglo IV: espacios de integración y exclusión del bárbaro. In: *Studia Historica*. Historia Antigua. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, n. 26, 2008, p. 156.

e os bárbaros, submetidos à barbárie devido ao ambiente rústico no qual viviam. Percebemos que o autor promovia uma distinção entre romanos e bárbaros, sem salientar as diferenciações existentes dentro do próprio universo romano. Conhecemos muitas das heterogeneidades daquele contexto, averiguadas também por Símaco. Porém, o senador relatava acontecimentos pontuais que tratavam os alamanos como inimigos a serem combatidos por todos os romanos. Desta forma, elaborava uma “identidade romana”, de caráter inclusivo, baseada em valores voltados à civilização, em oposição à ferocidade do “outro”, excluído do ambiente da romanidade. Uma ideologia promotora da crença da superioridade da civilização sobre a barbárie, sustentada pela confrontação dos termos *humanitas* e *ferocitas* e do arcabouço ideológico que estes marcos carregavam consigo. É certo, um sistema de pensamento tendente a universalidade que, por conseguinte, excluía da construção retórica as particularidades dos variados grupos formadores da sociedade romana.

A partir do século IV, as relações com os bárbaros foram muito diversificadas, comportando desde cooperações para enfrentar outros grupos bárbaros a pactos de “boa vizinhança”. Todavia, até a metade desta centúria, as ações de colaborações foram maquiadas nos panegíricos. Situação que começou a se modificar no final do século IV e início do século V, devido a novas políticas de acordos, levadas a cabo por Teodósio, e à expansão do cristianismo pelos territórios de grupos variados. Em muitos casos, a visão dos pensadores cristãos congregava propostas menos excludentes³¹⁷, porém esta é uma hipótese a ser examinada em futuros trabalhos, nos quais poderemos analisar as especificidades da escrita panegirística neoplatônica e cristã, no contexto da Península Itálica tardo-antiga.

Para a presente pesquisa importa-nos examinar que, apesar do ingresso de muitos grupos de origem bárbara na sociedade romana, os *Discursos* de Símaco não consideravam esta interação. Os alamanos eram representados como vencidos e dependentes das boas ações incentivadas por Valentiniano em prol da *humanitas*. Virtude, esta, que levava consigo a noção de liberdade (*libertas*), uma vez que o *verdadeiro homem*, desenvolvido em conformidade com a *humanitas*, era livre porque vivia sob a lei, longe das paixões que moviam *maus* governantes.

³¹⁷ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. La retórica del siglo IV: espacios de integración y exclusión del bárbaro. In: *Studia Historica*. Historia Antigua. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, n. 26, 2008, p. 153.

Sendo assim, sob o ponto de vista de Símaco, somente seria considerado humano aquele que era civilizado conforme as instruções e instituições romanas. Logo, Símaco afirmou que diante de todos estes favores oferecidos por Valentiniano I aos povos bárbaros, os inimigos deviam agradecimento ao governante³¹⁸, afinal, somente pelas vias da romanidade deixava-se de ser feroz e alcançava-se a humanidade. Mais ainda, conforme os registros do autor, com o intuito de comprovar sua gratidão ou devido ao temor que sentiam perante o poderio romano, estes povos se colocaram a serviço do imperador:

Aqueles que desconhecem as gestas, vós ouvis o que admirai de perto: por iniciativa própria, o bárbaro tem mostrado o que se deve demolir e tem ajudado a efetuar novas construções, creio que por medo de que a finalização da obra se convertesse em ocasião de guerra. Que tributos mais graves podem haver! Supera toda forma de servidão o que presta contra si este serviço.³¹⁹

Quer fosse por gratidão ou medo, o texto de Símaco edificou um bárbaro submetido ao poder dos romanos, porém, acima de tudo livre, já que eram agraciados pelas benfeitorias romanas. A barbárie levava à servidão, os princípios romanos³²⁰, à liberdade. Desde a Antiguidade, a oposição entre o “Governo das leis” e o “Governo dos homens” era outro tema recorrente. Ao longo dos séculos, os escritores apropriaram-se de inúmeros juízos morais e políticos para construir discursos legitimadores de sua idéia, imputando ao primeiro a qualidade de “bom governo” e ao segundo, “mau governo”. As terras conduzidas pelas leis estavam sob a proteção da justiça e lá imperava a ordem, pois a justiça é um reino de “sabedoria e virtude”³²¹; onde os homens governavam existia a desordem devido à arbitrariedade. Esta prática discursiva remontava ao mundo grego do século V a.C. Entre os vários modelos desta época, destacamos o debate entre os persas descrito nas *Historiae* de Heródoto e sua formulação da antítese isonomia e tirania. Sendo aquele o bom sistema político e este o ruim, indesejado³²².

A partir deste modelo de contraposição – presente em Heródoto, Platão e tantos outros escritores, salientamos – a administração tirânica constantemente era classificada

³¹⁸ SÍMACO. **Discurso II**, 14.

³¹⁹ SÍMACO. **Discurso II**, 15.

³²⁰ Esclareçemos que a noção de “interação cultural”, proposta por Arnaldo Momigliano, permeia as páginas desta pesquisa, visto que este conceito enfatiza as relações de influência mútua entre as culturas aqui consideradas. Propõe o diálogo, além de continuidades e mudanças ocorridas concomitantemente. Permite ao pesquisador observar que estas interações culturais ocorreram ao longo de todo o processo histórico e exigiram reelaborações constantes, mesmo que os nomes das “coisas” não fossem alterados.

³²¹ PLATÃO. **A República I**, 351a-e, p. 39.

³²² Sobre este debate, consultar: PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. In: **Gerión**. vol. 25, nº 1, 2007, pp. 127 – 166.

como o governo de um único homem acima das leis. Não tendo as leis como fundamento, este governante realizava atos opressivos, injustos, ignorantes e incitava a desordem. Neste cenário, inexistiam homens livres. Todos estavam sujeitos as ações do governante.

O universo de Roma, por sua vez, era ordenado conforme as leis. Ali, a justiça permitia aos homens serem livres e aos romanos, serem civilizados perante os bárbaros. Conforme as alegações ao longo dos textos de Símaco, neste mundo onde o juízo se fazia presente, somente Valentiniano podia ser eleito³²³, afinal, era um governante hábil com as armas, ávido por erguer construções em prol do desenvolvimento e da defesa dos romanos e estava sempre atento as questões relativas ao foro. Por isso, havia sido aclamado *imperator* pelo exército e nomeado pelo senado.

Símaco, então, apresentava Valentiniano I como um cidadão bem preparado para administrar a *res publica*, não por acaso, sabiamente escolhido e apoiado por indivíduos livres, não por homens cativos aos anseios de um governante. A lei, portanto, promovia a liberdade e ao servir sob ela, qualquer servidão seria superada. Lembremos que, em consonância com um trecho destacado anteriormente nesta pesquisa, até mesmo o Reno “preferiu passar à lei do vencedor”³²⁴. Lei, esta, administrada pela pessoa do imperador em parceria com funcionários eruditos nesta área.

Para governar corretamente, o comandante do *imperium* deveria estar em sintonia com as leis e com a vontade divina, caso contrário, sua administração perderia a legitimidade, visto que ele se transformaria em um tirano³²⁵. Por isso, reger a lei exigia do soberano virtudes voltadas à justiça. Através da associação de argumentos como lei, justiça, defesa do poderio dos romanos e proteção do bem comum, paulatinamente, Valentiniano adquiria proeminência em seu contexto e concentrava os traços do “defensor eterno” que vinha sendo erigido por Símaco.

O universo romano dos séculos III e IV foi assinalado por intimidações internas promovidas por indivíduos que usurpavam o *imperium* e por ameaças que vinham de fora do orbe, agenciadas por grupos bárbaros. Logo, era necessário elaborar um discurso identificador da romanidade para excluir desta unidade os perigos que rondavam o *imperium* e seu território.

Perante o risco da fragmentação do poder dos romanos, Símaco buscou como alternativa um *discurso universal*, baseado na cultura romana, sem atacar princípios

³²³ SÍMACO. **Discurso I**, 6.

³²⁴ SÍMACO. **Discurso II**, 23.

³²⁵ HIDALGO DE LA VEGA, María José. *op. cit.*, p. 69.

religiosos e, ao mesmo tempo, fomentador de uma identidade romana que permitia e até exigia do imperador a missão de “civilizar” todas as regiões conquistadas³²⁶. Tais princípios de universalidade estavam associados a elementos ordenadores daquele contexto. Salientamos que a hegemonia romana residia na permanente busca de fundamentação para que fosse eternamente legítima. Consequentemente, os fundamentos para a sustentação desta superioridade mudavam com o tempo. Para sustentá-la em seus *Discursos*, Símaco reuniu a volta do imperador e dos romanos virtudes que elevavam a romanidade frente aos bárbaros, a partir do binômio *ciuilitas/ferocitas*, no qual os romanos eram entendidos como os portadores da “civilidade” e os outros grupos, da barbárie. Uma identidade forjada, antes de tudo, por um grupo dominante, cujos membros se uniam por laços de nobreza e interesses comuns.

No caso da documentação por nós herdada dos romanos, as percepções dualistas pululam os textos. Em sua pretensão de hegemonia, através de seus escritos, Roma instaurava em torno de si um círculo cultural organizado e ideal àqueles que absorviam suas tradições e influências. Desta forma, estabelecia o que considerava civilizado e legítimo. Os que aceitavam suas tradições eram beneficiados com a ordem, a sabedoria, a justiça e todo o virtuoso legado romano. Não à toa, Símaco insistia em afirmar que os inimigos deveriam agradecer as boas ações de Valentiniano. Os romanos transmitiriam a eles as leis e, com elas, a liberdade. Deste modo, lei e liberdade formavam um par perfeito que garantiam o bem comum e a expansão dos territórios dos romanos.

Finalmente, toda esta ação em prol dos romanos somente seria possível quando coordenada por um governante perfeito, edificado e louvado em cada linha dos textos analisados nesta pesquisa. Entretanto, para contrastar com todos os valores de Valentiniano, Símaco iniciou seu epílogo do *Discurso II* da seguinte maneira: “Quanto mais simples é o culto de vosso nome que o dos deuses!”³²⁷ Assim como resistira em aceitar o *imperium*, o governante abdicava de pompas excessivas em seu culto. Tais atitudes evocavam, novamente, a virtude da modéstia (*modestia*) e acentuavam a arrogância daqueles que não se comportavam desta maneira. Em conformidade com a lógica retórica de Símaco, Valentiniano não tinha sede de poder, apenas almejava resguardar a *res publica*. Logo, um culto mais simples seria o suficiente para que a figura

³²⁶ SÍMACO. *Discurso II*, 14.

³²⁷ SÍMACO. *Discurso II*, 32.

imperial fosse reconhecida e respeitada, em nome da ordem romana e, conseqüentemente, do bem da coletividade.

Esta *simplicidade* elogiada pelo autor evitava despesas demasiadas aos cofres públicos e focava a atenção financeira, política e administrativa dos homens públicos para os problemas externos e internos aos quais o Império estava submetido a todo instante. Lembremos que estudamos um cenário repleto de usurpações do poder, de agitações bárbaras e de momentos de crise na produção de grãos no mundo romano. Portanto, a rejeição de Valentiniano aos pomposos cultos imperiais permitia que os recursos que ali seriam requisitados fossem realocados em benefício de necessidades comuns a todo o orbe romano. Através desta argumentação, novamente, a questão pública era colocada em primeiro plano sob o comando de Valentiniano I, em detrimento dos assuntos que somente poderiam vir a engrandecer a figura imperial. Evidentemente, sabemos que a intenção dos panegíricos de Símaco sempre fora exaltar o governante, porém, no caso desta passagem do *Discurso II*, a própria modéstia atrelada ao culto imperial desempenhava a função laudatória.

Enfim, Símaco elaborou a imagem de um imperador dotado de valores correspondentes a um governante de seu contexto. Entre outras virtudes esporadicamente apresentadas nos documentos, acreditamos que as que concretizam o “defensor eterno” estabelecido por Símaco são aquelas que se referem às habilidades práticas de Valentiniano e sua força para a guerra (*fortitudo*), que o levariam à vitória (*victoria*). Esta, por sua vez, a virtude na qual repousava o Império Romano³²⁸, pois ela expandia o domínio e os valores da romanidade.

A modéstia (*modestia*) agregada ao imperador dava espaço para que os senadores e outros funcionários públicos tivessem voz junto ao governante, que mesmo vitorioso, precisava de uma base de apoio que o representasse em todos os cantos do mundo romano. Conforme as idéias propagadas por Símaco, estes homens seriam bem formados e teriam vez dentro do universo político-administrativo de Roma, por isso, Valentiniano poderia confiar em suas habilidades e, mais que isso, necessitava desta destreza. Esta atitude de Valentiniano ia de encontro, por exemplo, às más escolhas levadas a cabo por Alexandre Severo ao selecionar seus parceiros no século III. Um *princeps* dotado de *humanitas* e *modestia*, como Valentiniano I, saberia dialogar com aqueles que o apoiavam e, desta

³²⁸ RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. *op. cit.*, p. 80.

maneira, manteria distância dos indivíduos que possuíam más intenções com relação ao *imperium*.

Ao mesmo tempo em que Símaco elogiava a modéstia valentiniana, ele recomendava ao governante que se cercasse de conselheiros e funcionários bem preparados para governar, visto que estes *optimates* (melhores cidadãos), em concordância com o imperador, também desejavam a preservação da *res publica*, a manutenção da ordem e a eternidade romana. Portanto, ao conservar ao seu lado estes cidadãos, o governante manteria afastados e sob controle os indivíduos cruéis. Desta forma, evitaria os maus conselhos, os quais poderiam levar o próprio soberano à morte ou a cometer atos letais a *res publica*. Esta noção de bons e maus conselheiros já havia sido adotada anos antes por Aelius Lampridius em sua *Vita Alexander Severus*, obra integrada a *Historia Augusta* e oferecida a Constantino. Segundo aponta Frighetto, Lampridius tomou como exemplo a errônea atitude de Alexandre Severo que se serviu de maus amigos (*amici mali*) como conselheiros e não ouviu as advertências senatoriais. Vítima da inveja de seus falsos amigos, o último imperador da dinastia dos Severos foi morto³²⁹. Deste modo, percebemos a intenção de Quinto Aurélio Símaco em ressaltar que os bons conselhos emanavam de homens bem preparados, ou seja, membros da nobreza romana, especialmente ele, autor dos *Discursos* em homenagem a Valentiniano e fundamentador da ideologia proposta naqueles textos.

Fortitudo, victoria, modestia, humanitas e toda a carga ideológica que estas virtudes carregavam, estavam presente na figura imperial e faziam de Valentiniano I o defensor do mundo romano. Ele era o representante da própria *humanitas*, como tal, sabia como expandi-la por toda a terra (*orbis terrarum*) e reunia em si todas as condições para este fim, afinal era virtuoso e contava com a contribuição de homens livres em sua administração. Novamente, a demonstração de uma parceria favorável para o poder dos romanos e para a proteção de seus territórios: enquanto o senado abrigava as virtudes, o imperador as portava e as espalhava dentro e para além dos antigos limites romanos. Nos panegíricos, estes valores serviam de elemento de identificação, coesão e controle ideológico. Os discursos produzidos nestes textos mantinham o equilíbrio entre a figura do governante, a nobreza e as forças militares que o apoiavam e o restante da população, pois edificavam uma teoria política e uma memória oficial na qual o soberano e os grupos

³²⁹ FRIGHETTO, Renan. Idéias e práticas políticas na Antiguidade Tardia: construções ideológicas, exercício do poder político e a força da tradição política do mundo clássico greco-latino. Texto apresentado no Evento *Transferências Culturais* (realizado na UFPR – 1º Semestre de 2008). (Texto inédito)

superiores daquela sociedade salvaguardavam a ordem romana em benefício dos assuntos públicos.

Deste modo, enraizadas na mais antiga tradição republicana da conservação do *mos maiorum*, as virtudes foram convenientemente utilizadas para corroborar a dinastia nascente e, em última instância, a posição do próprio autor dos panegíricos a Valentiniano I. Embora os laços entre os homens públicos e o *princeps* também retomem traços da *Res Publica*, eles foram adaptados aos preceitos do período do *Dominatus*. Por este motivo, recusamos a Símaco a titulação de “tradicionalista” conforme a acepção pejorativa que entende o tradicionalismo como uma tentativa de restauração do passado como “ele era”. Percebemos, sim, uma tradição renovada, a partir e para o contexto da época em que este orador vivia. Através da utilização da retórica, dos elementos que a compunham e da seleção minuciosa de provas, Símaco contribuiu para a construção de um poder imperial e de um senado tardo-antigos transformados, típicos de seu tempo, um período histórico em pleno processo de reelaborações e mudanças.

A atuação de Quinto Aurélio Símaco como homem público estruturou teorias justificadoras das atuações de Valentiniano I. Aparelhado pela arte retórica e por seu conhecimento do universo romano, o autor se apresentava como conselheiro do soberano, testemunha de suas ações e legitimador de sua política. Desta maneira, era, enfim, um homem de saber perfeito para dar cores e voz à distinção da família valentiniana. Além disso, por meio de seus argumentos, mantinha resguardado para o senado um papel relevante diante da sociedade tarde-antiga. Sociedade a qual, ao mesmo tempo, integrava e se elevava em relação à ela, uma vez que fazia parte do círculo de poder que a ordenava e preservava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo adicionaremos algumas considerações a respeito de parte da documentação elaborada por Quinto Aurélio Símaco Eusébio, embora, ao longo desta pesquisa, já tenhamos apresentado alguns traços conclusivos.

É importante salientarmos que o autor dos dois *Discursos* por nós analisados viveu em um cenário de reelaborações constantes. Observemos que, em um contexto de fortalecimento do pensamento cristão, Símaco participou ativamente da vida política romana, mesmo que congregasse a filosofia neoplatônica. Como membro senatorial e imerso em uma instituição político-administrativa que se renovava por demanda das novas realidades sociais, este senador da IV^a centúria redigiu textos baseados em valores morais vigentes em seu período, sem atacar qualquer crença religiosa. A fim de edificar uma imagem imperial de Valentiniano I, o autor buscou valores recorrentes e “universalmente” aceitos naquela sociedade e aproveitou as ocasiões da *quinquennalia* imperial e da terceira nomeação de Valentiniano ao consulado para disseminar tais princípios em dois de seus *Discursos*, datados de 369 e 370.

Temos em mente que o gênero panegirístico, estudado em nossa pesquisa, é um modelo interpretativo do universo no qual Símaco vivia. Entretanto, que gênero não simboliza uma interpretação do autor? Afinal, como nos lembra Silva, os autores estão situados em um tempo histórico e em um espaço social. Isso significa que o discurso avaliado deve considerar “a problemática da enunciação do discurso, desde os factores ideológicos, socioculturais, e económicos que regulam a sua produção até os efeitos sociais, psicológicos e ideológicos que o emissor procura obter”³³⁰. Por isso, insistimos em considerar os documentos de Símaco como uma reprodução de seu ponto de vista sobre seu contexto e de suas aspirações para aquela sociedade; uma imagem construída a partir de uma determinada perspectiva, obviamente, todavia enraizada em um tempo histórico e espaço social específico.

Os *Discursos I* e *II* de Símaco, embora voltados ao louvor do governante, demonstravam uma preocupação constante com a manutenção da ordem interna romana e a expansão do *imperium* sobre o mundo conhecido. Exames minuciosos sobre estes panegíricos nos esclareceram algumas das principais políticas de ordenação e

³³⁰ SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura...*, p. 572.

expansionistas levadas a cabo por Valentiniano I, quer fossem elas executadas pela força do imperador ou erigida pela palavra (escrita e declamada) daqueles que dominavam as letras. Sabemos que, muitas vezes, os panegíricos esboçam o desejo dos indivíduos em acreditar em determinados feitos imperiais, mais do que a própria *realidade* da prática imperial. Porém, é fato que os anseios apresentados nestes textos estão carregados de valores pertencentes ao contexto da sociedade no qual o trabalho foi elaborado. Por isso, afirmamos a relevância do estudo deste gênero. As análises provenientes dos panegíricos nos aproximam do modo de pensar daqueles homens do passado e nos auxiliam a compreender diferentes histórias. Deste modo, repleta de diversidades, a sociedade apresenta-se aos nossos olhos imersa em algumas de suas particularidades, neste caso, a partir das expectativas de um orador neoplatônico, integrante do círculo de poder imperial e bem formado no seio retórica, mergulhado em um cenário no qual o cristianismo ganhava cada vez mais espaço e o próprio imperador representava uma das vertentes desta crença, a nicena.

Conforme salientamos ao longo de nossa pesquisa, de forma resumida, o trabalho desenvolvido por Símaco movia-se em três sentidos: exaltar as virtudes do imperador para lhe garantir a soberania; aproximar a família dos Símacos do centro de poder, ao legitimar a figura imperial; e enaltecer a função do senado com o intuito de abrigar o grupo do qual fazia parte.

Valentiniano I fora apresentado por Símaco como um governante ideal, à imagem de um soberano que protegia o poder dos romanos e seus territórios de todas as ameaças, quer fossem externas ou internas. Um *soberano* porque era o primeiro homem do senado (*princeps*) e o máximo comandante militar (*imperator*). Ao longo dos *Discursos I e II*, o autor lançou mão dos títulos *princeps* e *imperator* para tratar de Valentiniano I. Artifício que enfatizava os títulos imperiais e, simultaneamente, edificava e anunciava a soberania valentiniana diante do leitor/ouvinte dos textos de Símaco.

Além da proteção promovida ao universo romano por Valentiniano, sob o ponto de vista de Símaco, ele era um líder perfeito porque sabia ouvir seus conselheiros – senadores e funcionários administrativos – e, com eles, compartilhava a administração do Império. Resquícios de uma tradição da época republicana de Roma, que tinha o senado como exclusiva instituição político-administrativa. Na Antiguidade Tardia, os senadores não eram mais os únicos governantes do *imperium*, mas buscavam preservar sua importância na sociedade ao se associarem ao imperador. Afinal, um território tão vasto como o dos

romanos exigia que o imperador se fizesse presente através de indivíduos bem preparados para representá-lo. Bem formados e aparelhados pela crescente burocracia do século IV, estes sujeitos deveriam ser os olhos e ouvidos do soberano nos mais distantes rincões romanos, ao menos em teoria, pois sabemos que neste momento os poderes locais cada vez mais eram cobiçados para fortalecer determinados grupos regionais e decompor o poder central.

Com suas premissas, Símaco elaborava um discurso romano de ordenação interna àquela sociedade. Um discurso com algumas distorções, ideal, é certo, mas possível no cenário em que estava imerso. O autor delineava o lugar de cada indivíduo ou grupo em seu contexto. Elevava ao topo a figura imperial. Logo abaixo, os constituintes do círculo de poder que amparava o governante, membros ativos da vida pública romana, especialmente os senadores. Ao restante dos romanos, caberia reverenciar e disseminar esta organização social, bem como acatar as decisões vinda das esferas superiores. Noções típicas de um escritor integrado ao senado e que, em tempos de reelaborações, buscava adaptar conceitos e tradições a fim de aparelhar uma sociedade em transformação, amparar uma nova política e justificar o poderio de um governante sempre às voltas com o perigo das usurpações.

Capaz de reconhecer as mudanças de sua época com relação à republicana, Símaco sabia da impossibilidade de devolver ao senado sua função original na sociedade romana. Por isso, movido pelo anseio de acautelar este grupo – do qual fazia parte – o autor aproveitou diversas oportunidades para exaltar a utilidade desta instituição para a manutenção da ordem pública e como base de apoio para o imperador. Neste ínterim, o senado elevava-se em relação os demais grupos daquela sociedade e se entrelaçava ao poder imperial. Através deste discurso, o eficiente desempenho dos membros da cúria permanecia essencial para a manutenção dos preceitos de romanidade e do próprio *imperium*. Desenhava-se um novo senado que, embora tivesse atribuições diferentes da época de sua criação, continuava a ser imprescindível para se alcançar a eternidade de Roma.

Concomitantemente à valoração das virtudes valentinianas e da funcionalidade senatorial, o orador procurou vincular-se ao círculo de poder ao celebrar, em seus documentos, os serviços que empregava em benefício de Roma. Serviços, estes, prestados no desempenho de ofícios públicos e como uma potente voz que exaltava o poderio do imperador e a superioridade romana com relação aos bárbaros.

Ao comprovar a utilidade da figura imperial, Símaco aproximava-se dela e resguardava a ele e sua família um importante papel naquela sociedade. Afinal, conforme apontamos em nossa pesquisa, a necessidade de reformatação político-administrativa deste período favoreceu a elevação social dos indivíduos colaboradores das políticas imperiais. Este processo aproximou o homem de saber do governante e promoveu uma relação de clientelismo e patronato. Ao colorir os feitos de Valentiniano I, o autor tornava-se indispensável para glorificar as ações do líder dos romanos e assegurar sua legitimidade ao *imperium*. Como era de costume para qualquer governante daquela época, as vitórias valentinianas precisavam ser acompanhadas de diligências de conversão sobre os não romanos e enaltecidas dentro do próprio território dos romanos, para que passassem a fazer parte da memória daquela sociedade. Nesta relação em que o imperador representava a força e o autor, as letras, poder e retórica reuniam-se para que os anais de Roma ganhassem novos feitos gloriosos e sua hegemonia fosse conservada.

Além disso, ao garantir a seus descendentes uma boa formação e servir a eles como conselheiro, o orador obteve sucesso ao impulsionar o *cursus honorum* de seu genro e seu filho, Nicômaco Flaviano filho e Fabio Memio Símaco, respectivamente. Educados em um berço exemplar, no qual a tradição era respeitada, estes indivíduos seriam investimentos positivos para a burocracia romana e seriam convidados a incorporá-la, como, de fato, incorporaram.

Mesmo em tempos de fortalecimento do cristianismo e perante um imperador cristão-niceno, Valentiniano I, a partir dos exames do contexto no qual vivia Quinto Aurélio Símaco, verificamos que a opção do orador pela filosofia neoplatônica não o excluiu do universo público romano. Isso porque seus ideais político-administrativos eram compartilhados com aqueles que detinham o poder e almejavam salvaguardar a *aeternitas Romae*. O comprometimento destes indivíduos com os princípios de romanidade garantiria a estabilidade de toda a sociedade romana e, consequentemente, afiançaria o bem comum.

Neste sentido, alegamos que o papel de Símaco como homem público, no desempenho de cargos senatoriais e administrativos e propagador de valores virtuosos – que deveriam ser seguidos pela sociedade –, o manteve atuante em um cenário no qual o próprio imperador era cristão e o senado e administração romana já contavam com inúmeros seguidores desta crença. O discurso formatado por este orador tinha caráter coletivo e era baseado em valores celebrados e requeridos pelos romanos. Desta maneira, ao se espalhar pelas terras *civilizadas*, estes preceitos aproximavam os romanos e fortalecia

entre eles o sentimento de pertença a este Império. Esta “identidade romana” diferenciava-os dos bárbaros, grupos excluídos da romanidade, mas sempre desejosos dela, conforme os argumentos arrolados por Símaco. Novamente, através deste artifício identitário, o autor confirmava sua destreza com as palavras empregada para servir o *imperium*. Habilidade que lhe garantiu a liderança do senado até os últimos dias de sua vida.

Através das análises perpetradas nesta pesquisa, segundo as diretrizes dos escritos de Símaco, percebemos que a hegemonia dos romanos, na segunda metade do século IV, foi consolidada pelas vitórias de Valentiniano I sobre Procópio, um inimigo interno, e sobre inimigos externos, os alamanos. As virtudes resguardadas pelo senado e agrupadas por Símaco na figura de Valentiniano realçavam a capacidade romana de serem vitoriosos sobre aqueles que não comungavam de tais princípios, valores estes considerados como elementos formadores dos “verdadeiros homens”, acima de tudo, livres. Estes elementos que contrapunham romanos/bárbaros, homens livres/cativos, além de fortalecer a figura imperial, também são exemplos dos argumentos utilizados pelo autor no seu intento de erigir uma unidade para os romanos e privar os bárbaros da *civilidade*.

Neste panorama de constante busca por vitórias contra qualquer tipo de ameaça ao poderio romano, reafirmamos que a paz consistia em uma importante obra, mas Símaco não investiu muitas palavras para exaltá-la. Sua tinta foi depositada na vitória contra os inimigos para louvar o imperador e edificar idéias que diferenciavam romanos e bárbaros.

Neste ínterim, Símaco se colocava à disposição de Valentiniano I e criava uma relação de reciprocidade entre o autor e o governante. De sua parte, o senador glorificava os feitos imperiais e legitimava Valentiniano como o “defensor eterno” dos valores romanos. Apresentado nos textos de Símaco como um líder virtuoso e protetor dos romanos, o imperador serviria como um espelho para aqueles que conduzia e, desta maneira, garantiria a ordenação da sociedade.

Por outro lado, o governante promovia a nobreza dos Símacos devido aos serviços prestados por Quinto Aurélio Símaco à figura imperial e, em última instância, à própria continuidade da hegemonia romana e à idéia da eternidade de Roma. Produzia-se, então, uma parceria fundamentada nos laços da relação clientela-patronato. Uma cooperação benéfica para quem desejava se validar como imperador, Valentiniano I, e para aquele que, por meio de suas palavras e serviços, corroborava sua nobreza e abria caminho para a construção de uma linhagem, Quinto Aurélio Símaco Eusébio.

REFERÊNCIAS

Documentos

- AMIANO MARCELINO. *Res gestae a fine Coneli Taciti*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/ammianus.html>> Acesso em: 14/01/2011.
- AMIANO MARCELINO. **The Later Roman Empire (a.D. 354 – 378)**. Tradução para o idioma inglês: Walter Hamilton. Introdução e notas: Andrew Wallace-Hadrill. Londres: Penguin Books, 2004.
- ARISTÓTELES. Arte Poética. In: **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução: Pedro Conatantin Tolens. Coleção: A obra-prima de cada autor. 5ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- AURELIO VICTOR, Sexto. **Libro de los Césares**. Introducciones, traducción y notas de Emma Falque. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1999.
- CÍCERO. *De inventione*. In: **CÍCERO II: De inventione; De optimo genere oratum; Topica**. Tradução para o inglês: H. M. Hubbell. The Loeb Classical Library. 4ª reimp. Harvard University Press; Cambridge, Massachusetts. Londres – Inglaterra: St. Edmundsbury Press Ltd, 1993. (versão bilingue: latim/inglês)
- CÍCERO, M. T. **Sobre el orador**. Introducción, traducción y notas: José Javier Iso. Madrid: Editorial Gredos, 2002.
- CÉCERO, M. T. **De partitione oratio**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/cic.html>> Acesso em: 20/04/2011.
- Corpus Inscriptionum Latinorum*, Livro VI, p. 1699 **Apud**. SEECK, Otto. **De Symmachi vita**. pp. XLVI – XLVII; CCX. Disponível em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 20/04/2008.
- EUTRÓPIO. **Breviário**. Introducciones, traducción y notas no idioma español de Emma Falque. Madrid: Editorial Gredos, 1999. Esta edição também apresenta a obra de AURÉLIO VICTOR. **Libro de los Césares**.
- Gênesis 11, 1 – 9**. In: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- HERÓDOTO. **História**. Introdução e tradução, para a língua portuguesa de Mario da Gama Kury, 2ª ed., Coleção Biblioteca Clássica UnB, vol. 8. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- HOMERO. **Ilíada XX**. Tradução para o idioma português de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2006.
- Imperatoris Theodosii Codex**. Disponível em: <<http://ancientrome.ru/ius/library/codex/theod/tituli.htm>> Acesso em: 14/06/2011.

ISÓCRATES. **Discursos I**. Introducción, traducción y notas de Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

JERONIMO. *Chronicum*, s.a. 352. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/03470420,_Hieronymus,_Chronicum,_MLT.pdf> Acesso em: 10/05/2011.

LIBANIUS. Letter 177. In: **Autobiography and selected letters**. vol. II. Edited and translated by by A.F. NORMAN. Cambridge – Massachusets; London – England: Harvard University press, 1992, pp. 385 – 391. (Edição bilingue latim-inglês).

LUCIANO DE SAMOSATA. Cómo debe escribirse la historia. In: **Obras III**. Traducción y notas por Juan Zaragoza Botella. Madrid: Editorial Gredos, 1990, pp. 367 – 413.

MACRÓBIO. **Saturnales**. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Editorial Gredos, 2010.

Notitia Dignitatum partibus occidentis. Disponível em: <<http://www.pvv.ntnu.no/~halsteis/occ001.htm>> Acesso em: 01/11/2007.

OTÁVIO AUGUSTO. *Res Gestae divi Augusti*. Versão latina disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/resgestae.html>> Acesso em: 30/10/2008. Versão espanhola disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/textos/regestae.htm>> Acesso em: 30/10/2008.

PLATÃO. **A República (Livro I)**. Tradução para o idioma português de Pietro Nassatti. 7ª reimpr. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2009.

PLÍNIO SEGUNDO. **Letters, Books VIII – X, Panegyricus**. With an English translation by Betty Radice. London, England: Loeb Classical Library, 3ª reimp., 1997. (Edição bilingue latim-inglês).

_____. **Epístolas (Livro IV)**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/pliny.ep4.html>> Acesso em: 21/05/2011.

PRUDÊNCIO CLEMENTE, Aurélio. **Obras II: Contra Símaco I e II**. Introducciones, traducción y notas: Luis Rivero García. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1997.

SÍMACO EUSÉBIO, Q. A. **Cartas (Libros I – V)**. Introducciones, traducción y notas: Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2000.

_____. **Cartas (Libros VI – X)**. Traducción y notas: José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003.

_____. **Informes - Discursos**. Introducciones, traducción y notas: Jose Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos S.A., 2003.

_____. Cartas: *Q. Aurelli Symmachi V.C. Consulis ordinarii espistulae*

_____. Informes: *Q. Aurelli Symmachi V.C. praefecti urbis relationes*

_____. Discursos: *Q. Aurelli Symmachi V.C. orationum quae supersunt*

Disponíveis em: <http://mdz11.bib-bvb.de/dmgh_new/app/web?action=loadBook&bookId=00000794> Acesso em: 15/06/2007

TÁCITO. *Annalis IV*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/tacitus/tac.ann4.shtml>> Acesso em: 30/05/2011.

TUCÍDIDES. **Historia de la guerra del Peloponeso**. Libros I – II. Introducción General de Julio Calonge Ruiz. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

VARRÃO. *De Lingua Latina* VI. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/varro.ll6.html>> Acesso em: 30/05/2011.

VIRGÍLIO. **Eneida IX**. Tradução para o idioma português de Manuel Odorico Mendes. Biblioteca Clássica, vol. XLII, 2ª ed. São Paulo: Atena Editora, s/d.

Bibliografias

ALONSO TRANCOSO, V. La *paideia* del príncipe y la ideología helenística de la realeza. In: **Gerión** – Anejos, IX, 2005, pp. 185 – 204.

ALVES, Hélio J. S. Panegírico. In: **E-dicionário de termos literários**. Carlos Ceia (org.). Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=view&link&link_id=345&Itemid=2> Acesso em 20/03/2011.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. História e linguística. Oralidade e escrita no Discurso Religioso Medieval. In : ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (coord. Geral). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média, estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM, VII CEAM**. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, pp. 47 – 55.

BADEL, Christophe. **La noblesse de l'Empire Romain**: les masques et la vertu. Paris: Champ Vallon, Diffusion Presses Universitaires de France, 2005.

BELTRAN RIZO, Enric; JIMÉNEZ SÁNCHEZ, Juan Antonio. La *editio quaestoria* en el Bajo Imperio: el ejemplo de Quinto Memio Símaco. In: **Gerión**, vol. 23, n. 1, 2005, pp. 287 – 314.

BLOCH, Marc L. B. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Prefácio Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira Lilia Moritz Schwarcz; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CADIOU, François et al. Antiguidade: historiografia greco-romana. In: **Como se faz a história**: historiografia, método e pesquisa. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. pp. 15 – 33.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paidéia e retórica no séc. IV d.C.**: a construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno. São Paulo: Annablume, 2010.

CARVALHO, Yone de. Oralidade e manuscrita. A perspectiva do narrador como chave de leitura do Tristan de Béroul. In : ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (coord. Geral). **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média, estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM, VII CEAM**. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005. pp. 57 – 66.

CASTAÑEDA BRAVO, Gonzalo. **Hispania**: la epopeya de los romanos en la Península. 2ª. Ed. Madrid-España: La Esfera de los Libros, S.L., 2007.

- _____. **Historia del mundo antiguo: una introducción crítica.** 1ª. ed., 4ª reimp. Madrid-España: Alianza Editorial, S.A., 2005.
- CEIA, Carlos. Discurso. In: **E-dicionário de termos literários.** Carlos Ceia (org.). Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/P/panegirico.htm>> Acesso em 20/03/2011.
- CONTE, Gian Biagio. **Latin Literature: a History.** Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- Dicionário Académicos:** latim-português/português-latim. Porto-Portugal: Porto Editora, Ltda., 2006. (Edição de bolso)
- ESCRIBANO, María Victoria. Usurpación y religión en el s. IV d. de C.: paganismo, Cristianismo y legitimación política. In: GONZÁLEZ BLANCO, Aantonio; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria. (editores). **Antigüedad y Cristianismo:** monografías históricas sobre la Antigüedad Tardía. Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano. Universidad de Murcia, n. VII, 1990, pp. 247 – 272.
- FRIGHETTO, Renan. A “Longa Antiguidade Tardia”: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: **Atas da VII Semana de Estudos Medievais – Por uma longa duração: perspectivas dos Estudos Medievais no Brasil.** (Evento realizado em Brasília-BR, entre 3 e 6 de novembro de 2009.) Brasília: Florence Dravet; Editora Casa das Musas, 2010, pp. 101 – 121.
- _____. Considerações sobre o conceito de *gens* e a sua relação com a idéia de *identidade nobiliárquica* no pensamento de Isidoro de Sevilha (século VII). In: **Revista Imago Temporis**, 5. Lerida: Universidad de Lerida, 2012 (inérito).
- _____. **Cultura e poder na Antiguidade Tardia Ocidental.** Curitiba: Juruá Editora, 2000.
- _____. *Historia est narratio rei gestae:* la concepción de la Historia en la Antigüedad Tardía (siglos IV – VII). In: **Atas do Evento El fin de la Historia.** Santiago: Ediciones Altazor, 2009, pp. 237 – 250.
- GALLETIER, Édouard. **Panegyriques latins.** Tome I (I – V). Paris: Société D’Edition “Les Belles Lettres”, 1949.
- GIBBON, Edward. **The history of the decline and fall of the Roman Empire.** vol. III. Londres: Harrison and Sons, 1854. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=TteBvZyTtUwC&pg=PA96&lpg=PA96&dq=Solicinium+Heidelberg&source=bl&ots=zQweUUkvjX&sig=aJS9FAwtbe4OKuQwAi1Y6Mej-wY&hl=pt-BR&ei=neunTfTsDIWRgQfBvczzBQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CDMQ6AEwAw#v=onepage&q=Solicinium%20Heidelberg&f=false> Acesso em: 13/04/2011.
- GIGON, Olof. **La cultura antigua y el cristianismo.** Tradução para o idioma espanhol de Manuel Carrión Gútiez. Madrid: Editorial Gredos, 1970.

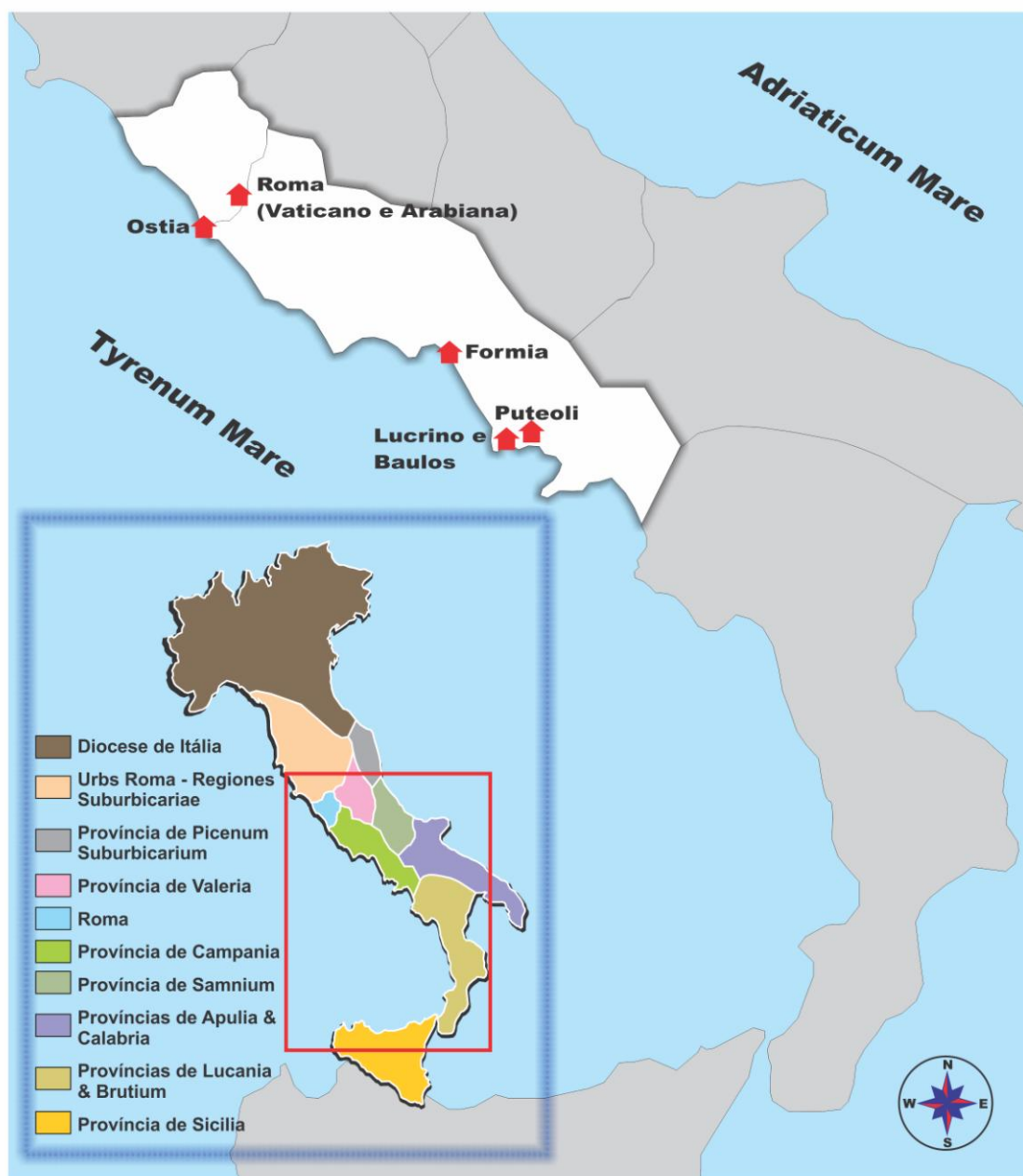
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História**. Tradução para o português: Federico Carotti. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 143 – 179.
- HIDALGO DE LA VEGA, María José. **El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- JONES, Arnold Hugh Martin; MARTINDALE, John Robert; MORRIS, John. **The prosopography of the later Roman Empire**, vol I: ad 260-395 (**PLRE I**), Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=G5W6vCO_pYUC&pg=PR10&dq=%22Prosopography+of+the+Later+Roman+Empire%22%2B+%22volume+I%22%22> Acesso em: 10/05/2009.
- LE GOFF, Jacques. Cidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean.-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Coord. de tradução Hilário Franco Júnior. vol. I, Bauru-SP: Edusc, 2006. pp. 219 – 235.
- LÓPEZ EIRE, Antonio. La influencia de la Retórica sobre la Historiografía desde el Helenismo a la Antigüedad Tardía. In: **Talia Dixit**, n. 3, 2008. pp. 1 – 32. Disponível em: <<http://www1.unex.es/arengas/td3Lopezreire.pdf>> Acesso em: 10/05/2011.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. 2ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARSHALL, F. O altar da Vitória em Roma: espaço e sacralidade. In: **Semana de Estudios Romanos**. Instituto de Historia – Vice-rectoría de investigación y estudios avanzados. vol. XII, Valparaíso-Chile: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2004, pp. 185 – 195.
- MOISÉS, Massaud. Apologia. In: **Dicionário de termos literários**. pp. 33-34. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=0Pn4qAZ-QyoC&pg=PA162&lpg=PA162&dq=epital%C3%A2mios+claudiano&source=bl&ots=3qTNzxVJWn&sig=etli_o-jQOoYQfn1qwUR11J2kFI&hl=ptR&ei=2RyNTcXYK4TEgQevrNixDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CCQQ6AEwAg#v=onepage&q=paneg%C3%ADrico&f=false> Acesso em: 20/03/2011.
- _____. Discurso. pp. 125 – 127.
- _____. Oratória. p. 331.
- _____. Panegírico. p. 335.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa**. Tradução para o português: Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1991.
- MONGELLI, Lânia Márcia. Retórica: a virtuosa elegância do bem dizer. In: Mongelli, L. M. (coord.) *et al.* **Trivium e Quadrivium: as artes liberais na Idade Média**. Cotia-SP: Íbis, 1999. pp. 73 – 112.
- NAVARRO, Francisco Javier. El proconsulado de la Bética en el *cursus honorum* senatorial. In: **Gerión**, vol. 22, n. 1, 2004, pp. 379 – 402.

- PAGOLA, Elena Torregaray. La influencia del modelo de Alejandro Magno en la tradición escipiónica. In: **Gerión**. 2003, 21 n. 1, pp. 137 – 166.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. II Parte: Idéias Morais e Políticas dos Romanos. In: **Estudos de História da Cultura Clássica**. vol. II. Cultura Romana, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d, pp. 319 – 421.
- PLÁCIDO SUÁREZ, Domingo. Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía. In: **Gerión**. vol. 25, nº 1, 2007, pp. 127 – 166.
- POHLMANN, Janira F. O *uir illustre* nos escritos de *Quintus Aurelius Symmachus Eusebius*. In: SILVA, A. C. L. F. da; SILVA, L. R. da (org.). **Atas da VII Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ**. Evento realizado de 28 a 30 de novembro de 2007. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008, pp. 76 – 82.
- RITORÉ PONCE, Joaquin. La clemencia del monarca y la insuficiencia de la ley en la Antigüedad Tardía: el testimonio de Tesmistio. In: **Habis**. n. 33, 2002. pp. 507 – 520. Disponível em: < <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=625683>> Acesso em: 10/05/2011.
- RODRÍGUEZ GERVÁS, Manuel J. La retórica del siglo IV: espacios de integración y exclusión del bárbaro. In: **Studia Historica**. Historia Antigua. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, n. 26, 2008, pp. 149 – 165.
-
- _____. **Propaganda política y opinión pública en los panegíricos latinos del bajo imperio**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1991.
- SABATÉ, Flocel. Frontera Peninsular e identidad (siglos IX – XII). In: **Las Cinco Villas aragonesas en la Europa de los siglos XII y XIII**. De la frontera natural a las fronteras políticas y socioeconómicas (foralidad y municipalidad), Actas del Congreso celebrado los días 16, 17 y 18 de noviembre de 2005, en Ejea de los Caballeros, Sos del Rey Católico y Uncastillo (Zaragoza) / Coordinación científica: Esteban Sarasa Sánchez (et al.). Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 2007, pp. 47 – 94.
- SANCHO ROCHER, Laura. Las fronteras de la política. La vida política amenazada según Isócrates y Demóstenes. In: **Gerión**, vol. 20, n. 1, 2002, pp. 231 – 253.
- SILVA, Gilvan Ventura da. Interesses subjacentes e interesses manifestos no contexto das usurpações romanas (284 - 395 d.C). In: **Phoinix**, Rio de Janeiro, nº 2, 1996, p. 91. Disponível em: <http://www.revistaphoenix.kit.net/Phoenix%201996/artigo007_1996.pdf> Acesso em: 15/05/2009.
-
- _____. **Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basiléia (337 – 361)**. Vitória: EDUFES, 2003.
- SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs.). **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos. e. Ouvir o inaudível. In: **Caminhos da Linguística Histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. pp. 07 – 26. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/caminhosok.pdf>> Acesso em: 20/03/2011.

- SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8ª ed. 4ª reimp. vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.
- VALENZA, Giovanna Mazzaro. Aspecto verbal em Varrão. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**. n. 002. Semestre II, 2008. pp. 38-51. Disponível em: <http://www.antiguidadeclassica.com/website/edicoes/segunda_edicao/3GiovannaMazzaro.pdf> Acesso em: 21/03/2011.
- VERNANT, Jean-Pierre. P. **Entre mito e política**. Tradução para a língua portuguesa de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 2001.

ANEXOS

As residências de Quinto Aurélio Símaco

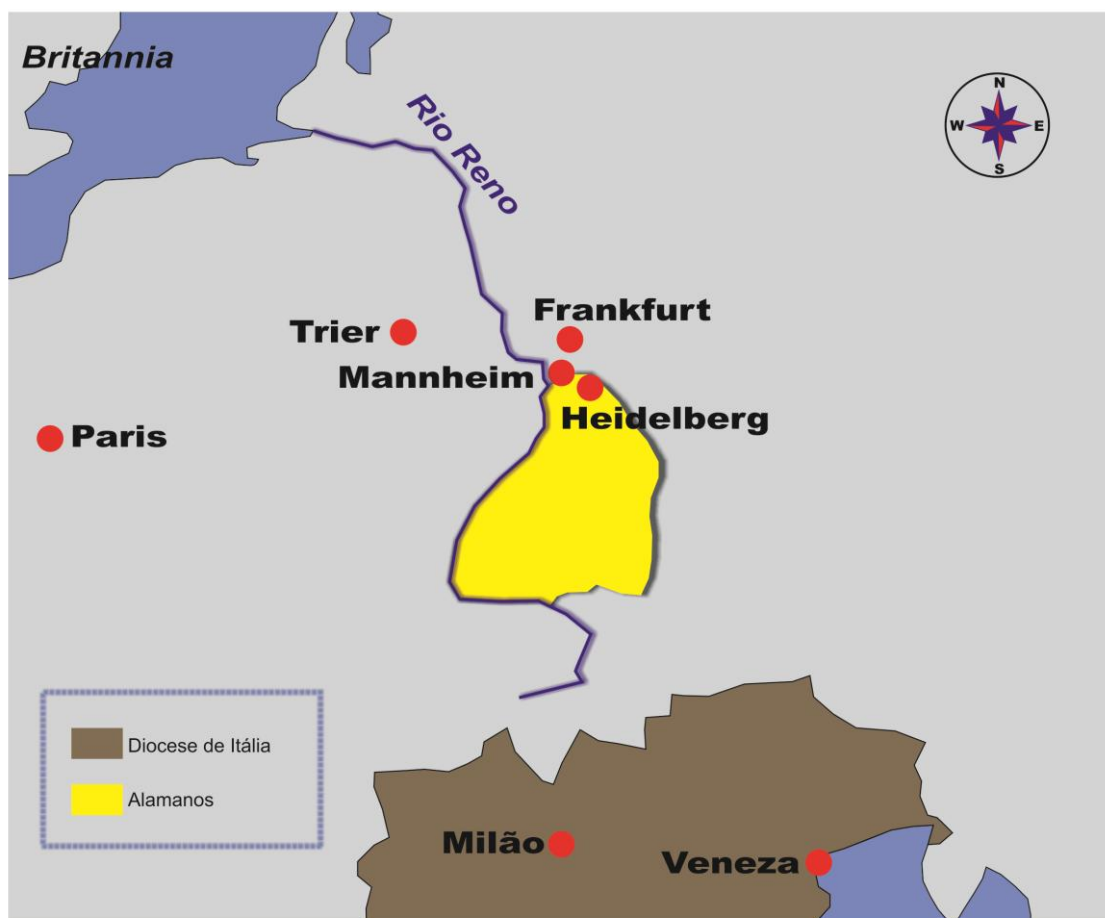


Fonte: pesquisa realizada por Janira F. Pohlmann e ilustração por Ewagner T. Cavalcanti.

Em conformidade com as análises realizadas no segundo capítulo desta pesquisa, Quinto Aurélio Símaco possuía sete residências na Península Itálica, sendo:

- duas nas proximidades de Roma, no Vaticano e em Arabiana;
- uma na cidade portuária de Ostia;
- uma em Formia;
- uma em Puteoli;
- uma em Lucrino; e
- uma em Baulos.

O Reno e a batalha contra os alamanos



Fonte: pesquisa realizada por Janira F. Pohlmann e ilustração por Ewagner T. Cavalcanti.

De acordo com nossas pesquisas, Valentiniano I derrotou os alamanos na cidade de Solicinio. Entretanto, a localização exata desta cidade se perdeu com o tempo. Historiadores e arqueólogos concentram suas pesquisas, referentes a esta região, nas cidades entre Heidelberg e Mannheim. Por nos depararmos com os nomes atuais de tais cidades, em nosso mapa, optamos por ressaltar as nomenclaturas contemporâneas destas regiões, com exceção da *Britannia*.